

CARLOS
ARRUDA
GARMS
— 0 —
MENINO
— *da* —
BARRA
FUNDA

textos OMAR DE SOUZA & MARCELO SANTOS

— O —
MENINO
— *da* —
BARRA
FUNDA

CARLOS
ARRUDA
GARMS

O

MENINO

da

BARRA
FUNDÁ

textos OMAR DE SOUZA & MARCELO SANTOS

AGRADECIMENTOS

“Quero trazer à memória aquilo que me dá esperança.”

Lamentações 3.21

Carlos Arruda Girms deixou uma história, um exemplo de vida. Ao resgatarmos os seus passos, fomos contagiados com o seu dinamismo, sua alegria e senso de missão. Ele fez sua vida valer a pena e sinalizou para nós, filhos, o caminho a seguir.

Por isso, agradecemos a todos os que “mergulharam” conosco nesta proposta e nos ajudaram a escrever a história de nosso pai, relatando a sua vida.

Agradecemos também aos diretores dos jornais Folha da Estância e A Semana Vanguarda, que gentilmente cederam seus arquivos e nos forneceram informações valiosíssimas. A Jamil Foto e Video, pela cessão de muitas das imagens usadas nesta obra.

Agradecemos aos amigos, que narraram as suas histórias, bem como aos nossos familiares e a todos os funcionários das unidades da Cocal de Paraguaçu e Narandiba.

Sobretudo, agradecemos aos cidadãos de Paraguaçu Paulista, pela inspiração, onde nosso pai encontrou o dom que Deus lhe proporcionou em servir. Nas necessidades de seu povo ele encontrou sua missão de vida, que cumpriu com todo o zelo.

Nosso eterno agradecimento pela paciência.

Vocês viveram a história conosco.

Carlos Ubiratan, Marcos Fernando, Yara e Evandro César, filhos de Carlos Arruda Girms.



SUMÁRIO

- 1** Nova vida em um novo mundo 13
- 2** Seu Nenê e dona Nina
por ALMIRA RIBAS GARMS 25
- 3** O menino da Barra Funda 33
- 4** O primeiro negócio 49
- 5** Café e política 61
- 6** “P” de “política” e “paixão” 71
- 7** Um empresário de visão 89
- 8** “Arruda dá sorte” 99
- 9** A chegada a Canaã 127
- 10** Coisas do coração 151
- 11** Crises como oportunidades 173
- 12** Despedida 189
- ANEXOS 217

O SOL COMEÇA A DAR OS PRIMEIROS SINAIS DE SUA PRESENÇA IMINENTE NO CÉU DE PARAGUAÇU PAULISTA. NO AR ÚMIDO E AINDA FRIOS DA MADRUGADA, A PRESSA NOS PASSOS DO PEQUENO ARRUDA

cumpe duas funções: aquecer o corpo do menino e garantir que haja tempo suficiente para realizar todas as tarefas do dia. Há muito chão pela frente, mas ele não vai sozinho; carrega uma fé inabalável, característica que será a marca de sua vida.

Os tempos não são fáceis no fim da década de 1940. Os efeitos da Segunda Guerra Mundial ainda podem ser sentidos em todo o mundo, inclusive no Brasil. Mais da metade da população do país ainda é analfabeto e precisa disputar emprego com milhares de imigrantes da Europa devastada pelos combates. As maiores capitais, São Paulo e Rio de Janeiro, começam a testemunhar a chegada de uma modernidade ainda incipiente, com galpões de indústrias dividindo espaço com as chácaras e os sítios remanescentes.

Aos 8 anos de idade, o menino Arruda já tem ambições próprias. Apesar da providência do pai, não pode se dar ao luxo de devaneios. Há muito trabalho pela frente. O tempo para as brincadeiras, para o estilingue e o pião, para a bola e o pega-pega, tudo isso pode esperar. Tem de esperar.

O menino vestido de “calças curtas” segue em frente, o cabelo sempre cortado em estilo norte-americano – o chamado “bodinho”.

Os pés calçados em botinas gastas pelas longas caminhadas diárias estalam sobre o cascalho do quintal. O sol agora não é mais tão tímido e a pequena carroça, ainda leve, balança com o movimento do animal. Quando Paraguaçu Paulista desperta para um novo dia, Arruda já está na entrada da cidade, aguardando a chegada dos caminhões trazendo mercadorias como batata, feijão, arroz. Continua um menino, mas a vida já começou a forjar o homem.

Em determinado momento, o menino nota a passagem de um caminhão levando em sua carroceria uma carga viva, bem diferente da que ocupa a carroça do pequeno Arruda: são pessoas que carregam consigo velhas malas, trouxas de roupa e a esperança de que a “cidade grande” pode lhes oferecer uma vida melhor e a dignidade que o campo não consegue proporcionar. Quem sabe, uma casa.

O menino olha. O caminhão se distancia, deixando para trás um rastro de poeira. Vai ficando menor conforme o cenário em volta dele se agiganta. Quando a poeira se dissipar, tudo está diferente.

* * *

Várias décadas se passaram. Arruda está ali, de novo, à beira da estrada, mas não é mais um menino. O grande espaço vazio que contemplara na infância agora é ocupado por uma imensa fábrica cercada de casas e comércio. A estrada de terra está asfaltada, e os caminhões que trafegam por ela são muitos, transportando progresso para lá e para cá. Ninguém está mais deixando Paraguaçu Paulista – ao contrário, a cidade agora é ponto de encontro e referência, centro de negócios e turismo. Conjuntos residenciais abrigam um povo orgulhoso, ciente de seu valor.

Neste salto do tempo, o menino deu lugar a um adulto cercado de pessoas que manifestam respeito e carinho em sua presença. É um homem importante – prefeito querido pela cidade, empresário respeitado por suas realizações, chefe de uma família criada segundo os mais nobres valores cristãos. Mesmo assim, ele dedica a mesma atenção a pessoas simples e comerciantes, a funcionários e políticos. Tem ao seu lado a esposa, os filhos e bons amigos.

E então, por alguns segundos, o homem Arruda se lembra do “menino de calça curta da Barra Funda” e de como Deus sabia que em seu coração havia o desejo de que suas fronteiras fossem ampliadas. Mesmo sem saber, o garoto parado na entrada da cidade estava começando ali a escrever uma história de vida singular, desenhando uma trajetória que o levaria muito mais longe do que poderia imaginar.

O tempo passou. Levou consigo o próprio Arruda, mas permitiu que seu legado permanecesse na família temente a Deus, na empresa modelar, nas marcas de desenvolvimento deixadas em Paraguaçu Paulista. Este livro é apenas um breve registro dessa jornada – uma maneira de deixar a esta e às futuras gerações um exemplo de vida baseada em fé, coragem e amor. ■

— 1 —

Nova vida em um novo mundo



NAS RUAS DE BREMEN, ERA O QUE MAIS SE OUVIA: AS PORTAS DO BRASIL, UMA JOVEM NAÇÃO DO NOVO MUNDO (COM TUDO O QUE ESSA EXPRESSÃO REPRESENTAVA), ESTAVAM ABERTAS PARA OS imigrantes europeus. Não havia muita informação sobre a ex-colônia portuguesa recém-emancipada, a não ser que se tratava de um império onde a principal força de trabalho, a escrava, era insuficiente e pouco qualificada. Faltavam artesãos, agricultores, tecelões, enfim, havia um mundo de oportunidades do outro lado do oceano Atlântico.

Para os alemães, era um sinal alentador. A guerra contra as forças de Napoleão Bonaparte, imperador da França, devastara a economia da confederação de Estados independentes e cidades livres, a Deutsche Bund. Num clima de instabilidade política e social, apenas o idioma os unia.

O Brasil não contava com soldados suficientemente preparados. Era necessário trazê-los do exterior. O país também carecia de colonos dispostos a se instalar no sul, terra de boa qualidade e com clima próximo ao da Europa. Ali a questão militar quanto à soberania sobre a Província Cisplatina havia gerado diversos conflitos com a Argentina. Por recomendação de D. Leopoldina, esposa de D. Pedro I, arquiduquesa da Áustria e filha do imperador Francisco I, decidiu-se estimular a imigração dos alemães.

A tarefa de atrair colonos e engajar soldados para os batalhões de estrangeiros do Brasil coube ao major Johann Anton Von Schaeffer,

preposto do governo brasileiro na Alemanha. Ele oferecia a cada família que emigrasse para o Brasil um lote de terra de 77 hectares. Além disso, os adultos receberiam, durante dezoito meses, 160 réis diários em moeda, e as crianças teriam direito à metade deste valor. Receberiam passagens, isenção de impostos por até dez anos, concessão de cidadania e ainda teriam direito a um adiantamento de bois, cavalos e ovelhas. Em contrapartida, os colonos tinham apenas a obrigação de defender o território brasileiro em caso de guerra.

O processo era relativamente simples, dado o interesse mútuo. O major Von Schauffer assinava os contratos com os emigrantes e orientava a que esperassem para embarcar no porto de Bremerhaven, considerada por muitos alemães como “a última cidade antes de Nova York”. Lá ficava o porto de Bremen, o mais antigo da Alemanha, que se abria para o mar do Norte.

Esse cenário, por volta de 1830, serviu como pano de fundo para o embarque do jovem casal Friedrich Garms e Charlotte Folmenn rumo ao Brasil. Levavam com eles o filho, o pequeno Wilhelm Garms. Aquela criança de cinco anos ainda incompletos não sabia, mas aquela aventura marítima, que duraria cerca de três meses, seria definitiva para todos aqueles que viriam a carregar seu sobrenome – e, por extensão, para milhares de vidas alcançadas direta ou indiretamente pelas iniciativas de um de seus mais ilustres descendentes.

Depois da chegada a Santos (possivelmente a bordo do Paquetá do Rio, embarcação portuguesa que também trouxe ao país Jacob Weissence e Maria Stahl, pais de Katharina, futura esposa de Wilhelm), Friedrich e Charlotte se instalaram inicialmente em São Paulo, mas foi em Campo Largo de Sorocaba (atualmente Araçoiaba da Serra), sede da Real

Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, que se radicaram. Era ali também que a trajetória dos Garms ganharia novos rumos duas décadas depois: em 19 de novembro de 1850, Guilherme (correspondente latino ao nome Wilhelm) se casaria com Katharina. Dessa união nasceria Frederico João Baptista Garms, e a família fincaria definitivamente suas raízes no Brasil.

RISOS E LÁGRIMAS

Ao fim do século 19, o jovem Frederico já se destacava na alta sociedade de Ribeirão Bonito, interior de São Paulo. Bem-sucedido como lavrador e comerciante na região, ele era o “bom partido” que atraía o interesse das jovens da cidade. Mas foi Maria Francisco de Camargo, pupila do casal João Kuntz e Balbina Weissence, que conquistou seu coração. Casados e felizes, os dois testemunharam o nascimento da jovem República brasileira, em 1889.

Zeloso quanto à formação dos quatro filhos – Carlos, Jonatas, Antônio e Francisca – e experiente na dura vida de lavrador, Frederico os enviou a uma então recém-criada escola que oferecia o regime de internato em Botucatu, a 140 quilômetros de sua cidade. Afinal, o Brasil estava mudando, e não era difícil perceber que, às portas do século 20, o caminho para o futuro passava pela educação. Nem mesmo a trágica morte do jovem Carlos, que colocou à prova a estabilidade emocional dos Garms, desviaria a família de seu destino.

Antônio e Jonatas continuaram seus estudos. Antônio (mais tarde conhecido como “tio Véio”) se tornaria um católico fervoroso. Vestia diariamente seu terno, preferencialmente em tons claros, e seguia à igreja

dirigida pelo padre Antônio Alvarez Guedes Vaz, uma pequena capela construída na base do Morro Bom Jesus.

Nem todas as lições, porém, são aprendidas na escola. Com a morte de Frederico, em 1907, Antônio herdou o patrimônio da família, mas o depauperou em bebidas e nas corridas de cavalo. Foi em Isaura Loureiro Guimarães, filha de um comerciante e dono de um armazém de secos e molhados, que Antônio tentou encontrar a força e o equilíbrio. Eles se casaram e ela deu à luz sete filhos: Álvaro (o “Nenê”), Elpídio, Maria, Ana, Antônio, Adalina e Donália.

Isaura foi além do papel de dona de casa. Inteligente e forte, ela tentou assumir a administração dos bens da família, mas o dinheiro gasto para sustentar os vícios de Antônio parecia escoar por entre seus dedos, como se ela segurasse areia com as mãos. Até a vida lhe escapou do controle: em 1919, aos 34 anos, Isaura partiu deste mundo, vítima de câncer. Coube a Álvaro, com apenas 14 anos de idade, assumir a liderança da família, papel que cumpriria até a vida adulta.

Mesmo com curso primário completo, Álvaro Girms não tinha muitas escolhas, e foi trabalhar como lavrador. Cultivava o amor por Anna Zorzan, a “Nina”, filha de imigrantes italianos que moravam numa fazenda nas proximidades de Ribeirão Bonito e a quem conheceu na escola. Aos 20 anos, pediu a mão da jovem em casamento. O pai concordou, desde que Álvaro fosse capaz de sustentá-la. E assim o rapaz partiu para ganhar o mundo.

Sua jornada o levou a Iepê, a quase 400 quilômetros de Ribeirão Bonito, e depois a Conceição de Monte Alegre, atualmente distrito de Paraguaçu Paulista. Trabalhou como taxista, e em seguida como motociclista particular. Dois anos depois, voltou a Ribeirão Bonito, onde quase

**ESSA FOI A GRANDE
LIÇÃO QUE NENÊ
EXTRAIU: DESDE
CEDO APRENDEU A
TRABALHAR E CUIDAR
DE SUA FAMÍLIA**

perdeu o amor de sua vida: Nina estava cansada de esperá-lo. Mas o amor e a palavra dada pelo sogro falararam mais alto, e em 22 de dezembro de 1927, Anna e Álvaro se casariam. Foram morar na fazenda da família Delfino, na mesma cidade, mas não se pode dizer que iniciavam ali propriamente uma vida “a dois”: ambos levavam consigo os irmãos.

A vida na fazenda era difícil. Por conta da profissão de motorista, Nenê passava dias longe do lar. Em casa, Nina se apavorava com o rugido das onças, inspiração para o apelido que ganharia do marido. Em 1930, a família cresceu com o nascimento de Durval, o primeiro filho do casal, que foi morar com Antônio. Apesar do problema do pai com a bebida, Nenê manteve sua convicção: a família deveria ser sempre preservada. Mas o preço era alto: por conta de problemas de Antônio com a Justiça, Álvaro vendeu tudo o que tinha para pagar os advogados do pai.

Quando nasceu o segundo filho, Floriano, em 1933, Nenê e Nina já estavam instalados na fazenda Jaguaretê, em Iepê, onde criavam porcos e gado, e prosperavam aos poucos. Nem por isso a vida era fácil. Ana estava sozinha quando Floriano veio ao mundo, e foi ela mesma quem cortou o cordão umbilical com facão. Afinal, valentia sempre foi uma marca dos Girms, e Nina não seria uma exceção.

Com seu espírito empreendedor, Nenê abriu um açougue na cidade de Paraguaçu Paulista, para onde a família se mudou. Morariam na Barra Funda, região mais carente da cidade, mas isso não seria um obstáculo. Já estavam acostumados com o trabalho duro e as dificuldades – entre elas, uma nova confusão envolvendo tio Véio, que voltou a morar com o

filho, desta vez recebido como “irmão” para evitar mais encrencas. Assim, os filhos de Nenê passaram a tratar o avô como “tio”; o “tio Véio”. Essa foi a grande lição que Nenê extraiu: desde cedo aprendeu a trabalhar e cuidar de sua família.

O esforço do casal foi recompensado. O açougue se tornou uma rede, sinal de sucesso do empreendimento. Em 1936, nasceu a primeira e única filha do casal, Marina. Nina se desdobrava no cuidado dos três filhos pequenos e na ajuda ao marido. Na madrugada de 1º de maio de 1939, após mais um dia de trabalho extenuante, Nina sentiu que chegara a hora do nascimento do quarto filho. A vizinha Tertuliana Antonia Lisboa Zauhy, a “dona Túlia”, ficou tomando conta de Durval, Floriano e Marina, enquanto Nenê corria até a esquina da rua Barão do Rio Branco com a 15 de novembro. Era lá, numa casinha de madeira, que morava dona Eliza Mercedes de Carvalho Barbosa, parteira da cidade e mãe de onze filhos. Não havia mãos melhores para ajudar dona Nina. E foi com dona Eliza como testemunha que nasceu Carlos Arruda Girms. ■





ANTONIO GARMS, o
“TIO VÉIO”, rodeado
por alguns membros
da família, em foto
tirada na década de
1960 em Paraguaçu
Paulista. No sentido
horário: o **BISNETO**
FERNANDO, a **NETA**
IVANICE, a **NORA**
NINA, a **NETA**
MARINA e o **OUTRO**
BISNETO DJALMA.



SEU NENÊ e o FILHO FLORIANO, ao lado do velho e valente caminhão Chevrolet com o qual, durante muitos anos, fizeram centenas de viagens pelo interior

de São Paulo e até para outros Estados. Eles compravam cereais no Paraná e vendiam em sítios e vilarejos nos arredores de Paraguaçu Paulista.





— 2 —

Seu Nenê e dona Nina

por ALMIRA RIBAS GARMS



COM O CANIVETE, CORTAVA COM CESMERO O FUMO DECORDA EIA ENCHENDO A CANALETA FEITA PELA ÁSPERA PALHA, TUDO COM MUITO CAPRICHO, SABOREANDO CADA MOMENTO RARO DE DESCANSO E LAZER, sentado na chamada “cadeira de papai”.

Era uma rotina diária; quando chegava da fazenda Mombuca ou da fazenda Santo Antônio, tomava banho à tardinha, colocava o pijama e ficava “matutando”. Se alguém da família ou algum amigo chegassem, lá estava seu Nenê Garms, com uma prosa um tanto saudosista, contando alguma experiência.

Era um sábio, preocupado em passar valores éticos e morais aos seus descendentes.

Obcecado pelo trabalho, ensinou aos filhos, desde muito cedo, valores decorrentes do trabalho. A motivação não era simplesmente ganhar dinheiro, mas o bem que o trabalho proporciona ao corpo, à mente e à alma. Constantemente dizia aos filhos: “Ensine seu filho a trabalhar. Ninguém come livro”.

Sem luxo algum, levava uma vida muito simples. Nunca tirou férias, nunca viajou a passeio, nunca foi ao cinema e raramente ia a um restaurante, mas se dizia muito feliz junto à família. Quando todos estavam acordando para a lida diária, seu Nenê Garms já estava voltando com a caminhonete azul Chevrolet C-10 da primeira etapa de sua maratona do dia a dia.

Tinha dificuldade em aceitar o progresso da cidade. Sobre isso, a família se preocupou por ocasião da instalação do primeiro semáforo na esquina da avenida Paraguaçu com a 7 de Setembro. Ele passava direto sempre, tirando a respiração de muita gente. Quando os filhos tentavam argumentar sobre o perigo que corria (ele e os outros) por não obedecer aos sinais do semáforo, ele respondia com muita convicção: “Lá tenho tempo de ficar parado esperando mudar de cor! Isso é coisa pra vagabundo!” Mudava logo de assunto, pois tinha certeza de que estava muito certo, encerrando a questão. Quem avistava a caminhonete de seu Nenê sabia que o sinal podia estar verde, mas era melhor esperá-lo passar!

A camisa era cheia de furinhos, oriundos das fagulhas do cigarro de palha que consumia quando não estava na labuta, descansando em sua cadeira preferida. Que a “Onça Véia”, como se referia carinhosamente à esposa, dona Nina, nem pensasse em mandar cerzir ou mesmo pôr uma nova no lugar. Gostava “daquelas furadinhas”, e quanto mais velha, melhor.

Em ocasiões especialíssimas, vestia um terno de linho 120, cor azul noite, acompanhado de um chapéu Ramenzoni. Usou poucas vezes, e provavelmente metade delas para ir buscar a filha, Marina, quando ela acompanhava o marido, funcionário do Banco do Brasil, nas cidades em que gerenciou a unidade financeira. Bastava uma simples ligação telefônica da filha para ele se indignar contra o sistema Banco do Brasil! Esbravejava: “Vou pôr fogo no Banco do Brasil!” E lá ia ele com o terno, chapéu na cabeça, cigarros de palha suficientes para acompanhá-lo na viagem de ida e volta. Mas que trazia a filha, trazia – até porque o genro, Frederico Humberto da Cunha Macedo, era um *gentleman*.

Era uma questão de honra o corte de cabelo dos meninos da família, inspirado no modelo dos fuzileiros navais norte-americanos, conhecido pelos brasileiros como “corte bodinho”. Com o mesmo empenho que cuidava de sua aparência, seu Nenê Garms fazia questão de que o barbeiro dele cortasse também o cabelo dos netos.

Com a incrível capacidade de quem tirava lições de acontecimentos rotineiros e aplicava *testes de avaliação* para desenvolver o caráter dos netos, quando seu Nenê notava que estava na hora do corte, chamava o neto e entregava dinheiro para pagar o serviço. No entanto, dava sempre um pouco a mais do custo real com a seguinte recomendação: “Traga o troco pro *vô*”. E aí é que residia sua sabedoria: se o neto não lhe devolvia o troco, ele fazia recomendações aos pais e tratava de trazer esse neto mais perto dele sem dizer o por quê. Os que obedeciam, levando o troco, eram recompensados: “Fique com o troco pra você comprar sorvete”.

Os netos respeitavam a forma tão autêntica de ser do avô. Uma vez, um dos netos estava com o cabelo fora dos padrões recomendados. Não vendo a caminhonete azul na garagem da casa, achou que o avô não estava e entrou para encontrar-se com os primos. Quando, ainda na área da frente da casa, viu o avô sentado em sua cadeira preferida, se jogou ao chão e saiu engatinhando para fora. No dia seguinte, foi *visitar* o Dito barbeiro.

Dona Nina nunca fez um prato requintado, mas não havia cozinha no mundo capaz de competir com o seu arroz com feijão acompanhado de bife acebolado, a costela com mandioca ou a sua macarronada,

DONA NINA e SEU NENÊ em churrasco realizado no prédio da cerealista para receber os parentes de Bauru. Mesmo em dias festivos, ele costumava usar as camisas cheias

de pequenos furos produzidos pelas fagulhas do cigarro de palha que fumava em sua cadeira preferida. Ninguém ousava censurar o antigo hábito de seu Nenê.



tudo feito no fogão a lenha, muito bem temperado e saboroso! Chegasse quem chegasse e a qualquer hora, a comida cheirosa estava lá, naquela rude, mas impecavelmente limpa cozinha, oferecida em panelas de ferro ou alumínio “batido”, com fartura!

Toda vez que recebia alguém, fosse da família ou amigos, seu Nenê Girms ia logo oferecendo: “A comida está ainda no fogão, se não comemoram, a ‘Onça Véia’ vai servir vocês”. E ela estava mesmo lá, sempre disposta a servir. Eles tinham muito prazer em receber aqueles que chegavam ao seu lar. Seu Nenê não gostava de sair de casa nem para visitar os próprios filhos, mas gostava de abastecer os que lá chegavam. Ensinava sempre: “Não pergunte se quer ou não. Ponha na mesa!” Praticava a hospitalidade ensinada por Jesus no Sermão do Monte.

**SEU NENÊ GARMS:
INTELIGENTE E GRANDE
EDUCADOR, UM AUTODIDATA
QUE AMAVA O TRABALHO
E SUA FAMÍLIA**

Para ele, a formação do caráter e os ensinamentos através de intensivos treinamentos para o trabalho eram o mais importante, mesmo porque os filhos não tinham tempo para estudar; muito cedo, às quatro horas da manhã, eram acordados para a jornada do dia. Homem da terra, seu Nenê gostava de comer o que plantava; separava o gado leiteiro e diariamente levava aos netos, da mesma forma, carne, ovos, frango, verduras e frutas. Muito preocupado com a alimentação, orientava a não usar enlatados, inclusive o óleo; recomendava somente a gordura de porco, pois acreditava que era “engordado” de forma especial e fazia bem à saúde.

Tinha verdadeira obsessão pela “união da família”. Seu grande prazer era ver filhos, netos, noras e genro em volta da rude e sempre farta

mesa da cozinha – conversando, rindo ou mesmo discutindo, mas sempre juntos. Usava muitos provérbios populares e até mesmo alguns inventados por ele mesmo. “Abobrinha se torce enquanto é verde” era um de seus favoritos.

Seu Nenê Garms: inteligente e grande educador, um autodidata que amava o trabalho e sua família. ■

3

O menino da Barra Funda



QUEM TRAFEGA HOJE PELO BAIRRO DA BARRA FUNDA, NA PARTE MAIS BAIXA DE PARAGUAÇU PAULISTA, ENCONTRA UM CENÁRIO URBANIZADO, INTEGRADO AO MUNICÍPIO, AINDA QUE MANTENHA características próprias de região mais modesta da cidade. No entanto, à época em que Nenê Garms viveu ali com a família, o abismo social era profundo. O bairro era um canto esquecido e mal cuidado. Ali se estabeleciam as famílias humildes que compunham a força trabalhadora.

Mesmo na Barra Funda, a casa onde moravam ocupava um terreno generoso de esquina na rua Lutécia, que hoje abriga a Igreja Presbiteriana do Brasil. Ali, os filhos Durval (o “Neguinho”) e Floriano (o “Russo”) brincavam e cuidavam da criação de porcos, vacas e galinhas, itens recorrentes do cardápio da família. Todos os filhos, aliás, tinham apelidos. Wanderley, o caçula, era conhecido como “Wandi”. Com Carlos Garms não foi diferente. O quarto filho do casal Álvaro e Anna era chamado, desde bebê, o “Arruda”, homenagem que dona Nina desejava prestar ao senhor Arruda, amigo farmacêutico da cidade de Ribeirão Bonito, admirado por toda a comunidade.

Marina Garms foi a terceira filha e a única menina dos quatro irmãos. Por isso, era protegida por todos. Mas isso não evitou que se transformasse numa “moleca”. Corria com os meninos pela casa brincando de mocinho e bandido, com disparos fictícios de “revolinhos de madeira”

feitos por eles mesmos. Esfolava o joelho jogando bolinha de gude e até no futebol acompanhava os meninos. Era a goleira oficial do time.

O carinho entre os filhos de Nenê e Nina era enorme. Um ajudava o outro. Quando começou a realizar pequenos trabalhos e a ganhar um pouco de dinheiro, Marina corria aos armazéns em busca de tecidos que se transformariam em peças de roupas para os meninos. Quando tinha um pouquinho a mais, comprava também caminhõezinhos de madeira para presentear os irmãos. Em contrapartida, todos a protegiam, presentavam com roupas e tratavam com cuidado e delicadeza. Com Arruda, dois anos mais novo, Marina desenvolveu uma amizade especial, chamando-o carinhosamente “Ruda”.

No dia 2 de julho de 1939, dois meses depois do nascimento de Arruda, seu Nenê seguiu orgulhoso para o cartório de Paraguaçu Paulista. No balcão, ficou surpreso quando o funcionário se recusou a fazer o registro. Arruda, dizia ele, não era nome, e sim sobrenome. Sugeriu, então, que o bebê fosse registrado “Carlos Arruda Girms”, ideia que seu Nenê aprovou.

No entanto, ao matricular o filho na escola, dona Nina teve nova surpresa: segundo a secretaria da escola, o nome que constava no documento de registro do menino era “Carlos Girms”; o nome “Arruda” não aparecia. Não importava: o pequeno já era chamado assim, e desta maneira ficaria conhecido ao longo de sua trajetória vitoriosa – como se aquele gesto singelo de homenagem a um amigo fosse uma espécie de prenúncio do papel de destaque que Arruda viria a desempenhar na região.

Enquanto Arruda, Marina e Wanderley cresciam, Durval e Floriano ajudavam nos afazeres domésticos e nos açouges. O trabalho era um

valor prezado por seu Nenê. Era comum ouvi-lo dizer que “o dia começa à meia-noite” ao acordar os filhos às quatro da manhã, bem antes de a luz do sol rasgar o céu límpido de Paraguaçu Paulista ou mesmo do cacarejar das galinhas.

Para Nenê, trabalhar não significava acúmulo de riquezas; tratava-se de um exercício imprescindível que fazia bem ao corpo, à mente e à alma. Sua vida era toda focada no trabalho e na família.

Tendo um exemplo como o do pai, em 1944, Arruda, aos 6 anos de idade, já labutava ao lado dos irmãos. Enquanto Durval e Floriano percorriam os sítios em busca de queijo para comprar e revender, os três irmãos menores (Arruda, Marina e Wanderley) cuidavam da plantação de milho, principal fonte de alimento dos porcos. Uma vez *sapecadas*, as espigas e o sabugo eram usados como uma espécie de esponja para lavar os queijos, vendidos depois nas casas da cidade. Durante as entregas, Durval e Floriano anotavam em uma caderneta os pedidos de cebola e alho, que entregavam no fim do dia.

Para Nenê Garms, ver os meninos empenhados era motivo de satisfação. Por isso, procurou dois carroceiros na cidade, Benedito e José Narciso Alves, cujos apelidos eram Dito Burro e Zé Cavalo, homens dignos de confiança que ficariam encarregados de ajudar os filhos nas entregas. Também providenciou uma carrocinha puxada por um bode para os filhos menores entregarem as encomendas. O animal, muito querido pela família, vivia lavado, adornado, perfumado e pentead. Como se tivesse ciência de sua condição, o bode andava imponente. As pessoas paravam na rua para ver o pequeno Arruda passar, guiando seu animal. Era um desfile que arrancava sorrisos até dos mais sisudos

moradores da cidade. E o menino corajoso começava ali a atrair a simpatia de quem o via.

Aos 8 anos, o espírito empreendedor de Arruda, marca de sua vida, manifestou-se definitivamente. Ele, Marina e Wandi rastelavam todo o quintal e juntavam o esterco gerado pela criação de animais, vendido como adubo para os jardins das casas da cidade. Para não voltar com a carrocinha vazia, recolhiam garrafas vazias dos armazéns, lavadas e revendidas para os bares. Não havia nada que não pudesse ser transformado em oportunidade de gerar dinheiro, devidamente entregue nas mãos de Nenê. Ele, por sua vez, pagava uma porcentagem para os filhos e os ensinava a valorizar os recursos financeiros produzidos pelo trabalho.

CALÇAS CURTAS

Por conta do trabalho, brincar era um luxo raro. No entanto, quando tinham tempo, as crianças se divertiam com caminhõezinhos de madeira, bolas de gude e o que mais a imaginação permitisse. O cuidado mútuo era regra: irmãos não podiam brigar entre si, pois a família era o mais valioso patrimônio. Sempre que possível, e principalmente em dias de festa, todos se reuniam à volta da mesa. Nina cozinhava tudo no fogão a lenha e a mesa estava sempre posta a qualquer hora. Mesmo com recursos limitados, Nenê e Nina prezavam pela hospitalidade.

Álvaro Garms não usava força ou violência para educar os filhos. Seu jeito firme dispensava. Em poucas ocasiões “perdeu as estribeiras” com os meninos. Uma delas foi justamente com o pequeno Arruda: ao invés de obedecer ao pai e comprar fermento para fazer pão, resolveu desafiá-lo.

Por sua petulância, o menino levou uma surra de cinto. Dias depois, porém, sentindo remorso pelo castigo aplicado ao filho, Nenê lhe entregou uma quantia em dinheiro e ainda brincou: “Levou uma cintada por cinquenta cruzeiros!”

**NEGOCIANTE
HABILIDOSO, NENÊ
GARMS COMEÇOU A
COMPRAR E VENDER
PROPRIEDADES RURAIS**

Negociante habilidoso, Nenê Garms começou a comprar e vender propriedades rurais. Com o lucro, montou um açougue e um frigorífico na cidade de Cambé, no Paraná, contando com a ajuda do irmão e sócio Antônio Garms Filho, o Toninho. Nessa época, em 1947, Durval, o “Neguinho”, resolveu estudar na capital paulista. Aos 17 anos, elegante e inteligente, destacou-se nos estudos e passou no vestibular para o curso de Direito da Universidade de São Paulo, no Largo São Francisco. Nenê mandava dinheiro todos os meses para o filho custear estudos, moradia e alimentação. No entanto, com esse dinheiro, Durval comprava relógios, canetas e outras coisas para vender em Paraguaçu nos fins de semana em que ia à cidade; assim, conseguia lucrar com o dinheiro recebido. Os irmãos também ajudavam, mandando manteiga para o irmão vender em São Paulo. Dona Nina chorava todas as vezes que arrumava a mesa. Sentia falta do filho querido a quem o pai chamava “Capitão”.

Floriano assumiu o posto de principal apoiador do pai no trabalho e o papel de motor da família. Trabalhou como “ponteiro”, um dos peões que guiavam o gado ao som do berrante. Mais tarde, assumiria o volante do caminhão da família, fazendo entregas pelo país ao lado de Arruda. Mas os negócios de Nenê não iam bem no frigorífico. Para saldar as

dívidas, ele se desfez dos açouges, comprou um caminhão e a fazenda Mombuca. Contratou também advogados para ajudá-lo a negociar a dívida com o Banco do Brasil. Naquela época, quem não pagasse podia ser preso.

Depois de dois anos na capital, vendo a situação de enorme dificuldade financeira do pai, Durval, o “Neguinho”, tomou uma importante decisão: abandonou a chance de uma formação na principal escola de Direito do país para retornar a Paraguaçu e ajudar a família no trabalho. Arruda, na época com 10 anos, jamais se esqueceria da nobre atitude de desprendimento do irmão, gravando para sempre na memória a imagem heroica de Durval, a quem considerava um mentor e segundo pai. ■





As crianças no
quintal da casa da
Barra Funda, em
Paraguaçu. A carroça
puxada pelo bode era
usada no trabalho,
mas também rendeu
momentos de
lazer. Da esquerda
para a direita:
MIRNA, MARINA,
WANDERLEY,
ARRUDA e
REGINA.

Outro momento das crianças na casa da Barra Funda. Nesta época, a infância não era nada fácil. Além de acordar todo dia às quatro da manhã, o pequeno Arruda tinha de ajudar nas atividades da casa com **MARINA** e **WANDERLEY**, cuidando da plantação de milho, principal fonte de alimento na criação de porcos. Enquanto isso, **DURVAL** e **FLORIANO**, os irmãos mais velhos, trabalhavam com o pai, comprando e revendendo queijos. A dedicação dos filhos era motivo de satisfação de seu Nenê.









ARRUDA e WANDERLEI

com a carroça e o bode.
Desde pequenos, os
irmãos, na companhia
de **MARINA**, saíam
ainda cedo com o esterco
rastelado do quintal e
percorriam as ruas da
cidade, vendendo o adubo
nas casas com jardim. Para
não voltar com a carroça
vazia, recolhiam garrafas
usadas que encontravam
nos armazéns. Depois de
lavadas, elas eram vendidas
e o dinheiro era sempre
entregue nas mãos de
seu Nenê. O bode, muito
querido pela família,
estava sempre limpo,
perfumado e escovado.





Um encontro de antigos companheiros. Os irmãos **BENEDITO** e **JOSÉ NARCISO ALVES**, carroceiros conhecidos como **DITO BURRO** e **ZÉ CAVALO**, eram homens de confiança de seu Nenê, e a amizade se estendeu a Arruda, a quem ofereceram apoio eleitoral.



— 4 —

O primeiro negócio

COM O RETORNO DO “CAPITÃO”, A FAMÍLIA GARMS GANHOU UM NOVO FÔLEGO. ACONSELHADO PELO DOUTOR JOÃO BATISTA MORAES DA SILVA, JUIZ DE DIREITO E PADRINHO DA FORMATURA DE DURVAL,

Nenê emancipou o filho mais velho e fez dele proprietário da fazenda Mombuca. Habilidoso, Durval procurou o Banco do Brasil, seu principal credor, e negociou. Hipotecou a fazenda e começou a pagar todas as dívidas.

Na mesma época, Nenê, Durval e Floriano montaram, na avenida Siqueira Campos, uma máquina de beneficiar arroz e também um comércio de cereais. O negócio prosperou, e assim conseguiram sair do endividamento. Além disso, compraram pequenos sítios, aumentando ainda mais a fazenda Mombuca.

Com Durval de volta e os negócios melhorando, Nenê parecia revigorado. Entrava às quatro da manhã nos quartos dos filhos, puxando as cobertas e fazendo barulho:

— Vamos trabalhar!

Aos dez anos de idade, ainda sonolento, Arruda deixava a cama. Nenê então lhe afagava o rosto para depois, com as duas mãos, dar pequenos tapas em sua face para ajudá-lo a despertar.

— Tem vergonha na cara? Então tá bom!

Era o ano de 1949, e Arruda já cuidava do balcão da cerealista. Vendia feijão, arroz, batata, farinha e toda sorte de alimentos, bebidas e

outros utensílios. O pequeno Arruda também era um hábil comprador. Vestido de camisa de botões e calças curtas, cuja barra terminava ainda sobre os calcanhares, ele ficava à espera dos comerciantes e tropeiros que entravam na cidade pela Avenida Siqueira Campos. Em meio à poeira erguida pelos caminhões que atravessavam a via ainda não asfaltada, Arruda acenava com as mãos pedindo que os vendedores parassem.

Ali ele negociava a compra de mantimentos, principalmente batatas, para abastecer o comércio da família. Conseguia os melhores preços e a primazia na compra. Um feito lembrado com carinho até hoje por sua companheira de toda a vida, Almira Garms, que ao comparar as gestões do marido como prefeito, dizia: “Ainda bem que tínhamos na prefeitura um ‘comprador de batatas’”, em alusão à capacidade ímpar de negociação de Arruda, que sempre sanava as dívidas deixadas pelos antecessores.

Aos 14 anos, Arruda fazia toda a contabilidade dos negócios da família. “Uma vez recebi sozinho uma junta de fiscais, consegui liberar tudo e ainda fiquei amigo deles”, contava.

Enquanto isso, os irmãos cuidavam dos outros empreendimentos da família. Floriano, por exemplo, dedicava-se ao volante do caminhão recém-comprado para realizar carretos e transportes de alimentos e animais. Era comum Floriano e Nenê viajarem até Sorocaba, aonde levavam porcos vivos para os abatedouros e frigoríficos. Na carroceria iam até trinta porcos pesando mais de duas toneladas. O caminho era sinuoso e sem asfalto. Percorriam um verdadeiro calvário, cruzando cidades pequenas como Cândido Mota, Itaí, Indaiatuba, Bom Sucesso, Itapetininga, Araçoiaba da Serra, entre outras.

Como o trabalho era exaustivo e nem sempre podia contar com a companhia do pai, Floriano passou a pedir que Arruda o acompanhasse

nas viagens. Os dois seguiam pelas estradas em busca de novos mercados. Arruda preferia buscar os alimentos nos próprios locais de produção. Foi assim que começou a viajar, principalmente para o Paraná, na cidade de Apucarana. Ali os dois compravam diversos cereais. Distante cerca de 200 quilômetros, a viagem levava quase um dia todo sobre o velho caminhão Studebaker laranja, de 1949. Arruda tinha 17 anos de idade quando seu irmão Floriano lhe entregou as chaves do caminhão pela primeira vez.

— Você leva o caminhão vazio. Depois que a gente carregar lá, eu trago — ensinava Floriano.

Foi assim que o pequeno rapazote passou a dirigir. Entusiasmado ao volante, Arruda pediu que o irmão sempre o chamasse quando surgissem as viagens. Em jornadas por cidades do interior paulista e também do Paraná, como Londrina e Ponta Grossa, os dois iam vencendo desafios. Um dia decidiram parar na cidade de Presidente Epitácio, município situado na divisa entre os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Estavam cansados da longa viagem e procuraram um hotel para descansar e passar a noite.

Floriano foi para o quarto do hotel, mas Arruda preferiu ficar ali mesmo, no caminhão. Estacionaram na frente da pequena pousada. No dia seguinte, ao levantar às cinco horas da manhã para prosseguir a viagem, Floriano notou que o caminhão não estava onde o deixara. Foi encontrá-lo dois quarteirões rua abaixo, devidamente estacionado e engatado. Assustado, Floriano encontrou Arruda dormindo ainda e o acordou, questionando sobre o que havia acontecido. O jovem despertou surpreso e garantiu que não havia mexido no caminhão durante a noite toda. Um mistério que os dois irmãos nunca desvendaram.

Quando estava na cerealista, Arruda era inquieto. Sempre descobria alguma forma de multiplicar os lucros. Às vezes, ia até a cerealista da tradicional família paraguaçuense de Manílio Gobbi. Lá pegava amostras de arroz e farinha de trigo com o dono, José Gobbi, e revendia em pequenos empórios da cidade. Assim, revendendo também os produtos de outros armazéns, Arruda aumentava ainda mais sua clientela.

No fim dos anos 1950, Durval resolveu vender a máquina de beneficiar arroz. Queria uma nova e maior. Seria preciso esperar pelo menos seis meses para montar o novo equipamento. Tempo demais para Arruda, que passou a estudar, pretendendo ingressar no Banco do Brasil. Como a datilografia era um dos requisitos, Arruda matriculou-se na escola da professora Maria Leonor, viúva que deixara a cidade de Assis com sete filhos após a trágica morte do marido, vitimado pela malária.

Eventualmente, dona Leonor contava com a ajuda de sua caçula, Almira, na escola. Durante meio período no dia, a menina, muito minuciosa e organizada, ajudava a colocar em ordem as aulas da mãe. Almira não percebeu que, enquanto passava de um lado para outro, desordenava o coração de Arruda, que só tinha olhos para a filha da professora.

Três anos mais nova, Almira também notara o jovem Girms. Tal empatia virou namoro. Mas havia um problema: Arruda, assim como seus pais, seu Nenê e dona Nina, era um católico não praticante. Já Almira era presbiteriana. Não perdia um culto sequer.

— Para namorar comigo você vai ter de me acompanhar à igreja — avisou Almira.

**AOS 20 ANOS DE IDADE,
CARLOS ARRUDA GARDS
HAVIA GARANTIDO O
DINHEIRO NECESSÁRIO
PARA O PRIMEIRO
NEGÓCIO PRÓPRIO**

A condição foi aceita sem pestanejar. Pouco tempo depois, Arruda era um dos mais aplicados alunos na escola bíblica dominical. Mesmo assim, um dos líderes da igreja, o presbítero Hélio Silva Pacheco, professor da escola bíblica, não perdia a chance de fazer um gracejo com o novo convertido.

— Você só vem para a igreja por causa da Almira.

Arruda não deixava por menos:

— O senhor pode nem acreditar, mas eu venho aqui não é por causa da Almira. O dia em que ela não vier, venho sozinho. Venho para ouvir as lições que o senhor vai dar — dizia Arruda, deixando Hélio encabulado e cheio de orgulho.

Mesmo assim, o experiente presbítero continuava brincando com o jovem, contando-o como um novo visitante na congregação.

No dia 3 de outubro de 1959, Arruda estacionou sua bicicleta na frente do portão de Almira. Estava eufórico para contar uma novidade: havia comprado uma torrefação, a Café Conde. Usou um pouco do dinheiro que tinha e o restante, acreditava, seria emprestado por seu pai. Perguntou à namorada o que achava.

— Eu acho ótimo! — respondeu a então adolescente, sem entender direito o que significaria aquela decisão.

Em seguida, Arruda foi conversar com seu pai, Álvaro Garms. Pediu que ele lhe emprestasse o dinheiro para dar como entrada no novo empreendimento. O restante pagaria em prestações mensais, com as retiradas que faria do próprio negócio.

— Acho melhor consultar seus irmãos — respondeu seu Nenê, sem muita empolgação.

Três dias depois, o patriarca dos Girms chamou Arruda para uma conversa.

— Os meninos não concordam. Acham que você deve permanecer trabalhando conosco.

— Mas não foi isso que o senhor me ensinou. O senhor sempre me disse que, quando a gente assume um compromisso, tem de honrar. Eu já me comprometi com a torrefação — respondeu Arruda.

— Tudo bem, mas não vamos lhe ajudar — disse seu Nenê, na esperança de que o filho voltasse a trabalhar com a família.

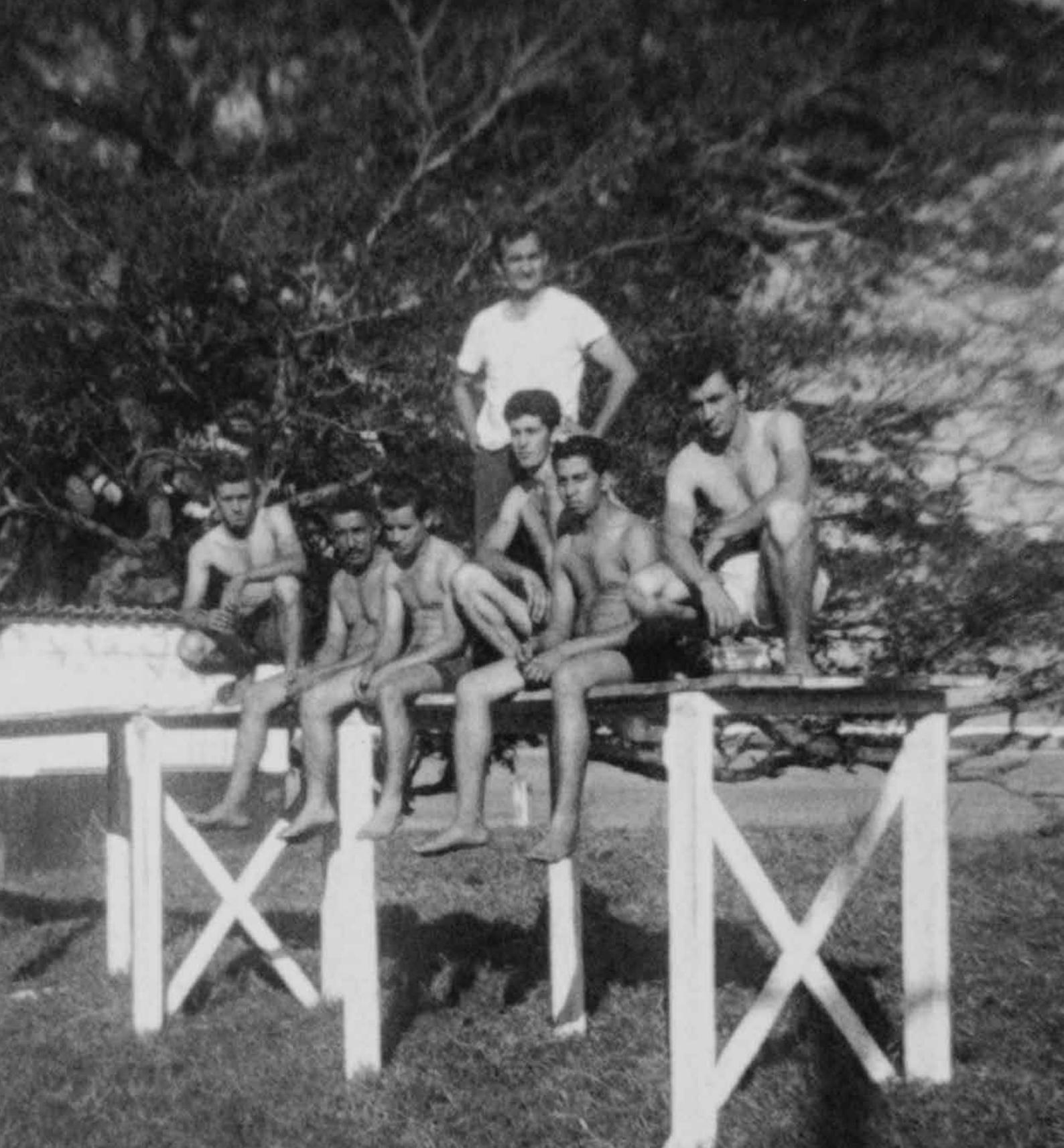
Arruda saiu pela rua pensando em como resolver aquela situação. Não reclamou nem mesmo com sua namorada. Lembrou que, durante o tempo que havia trabalhado no comércio, tinha conhecido um gerente do Banco Manílio Gobbi. Foi até a agência e contou sua história. O gerente concordou em emprestar a quantia necessária para a entrada, mas era preciso um avalista. Arruda tinha um nome na cabeça: Salvador Pereira.

Salvador era um fazendeiro produtor de algodão e criador de gado. Vivia no bairro de Matusalém, cerca de 40 quilômetros do centro da cidade. Era um bom nome, certamente.

— Eu não avalizo para ninguém, Arruda. Mas você vai me pagar? — questionou o ressabiado agricultor.

— Com certeza, seu Salvador — garantiu o jovem, de maneira firme.

Mãos apertadas. Aos 20 anos de idade, Carlos Arruda Girms havia garantido o dinheiro necessário para o primeiro negócio próprio. ■



ARRUDA em pé entre amigos em imagem registrada por volta de 1958. Na época, os momentos de lazer eram muito raros. Arruda viajava com grande frequência de caminhão na companhia do irmão Floriano, comprando e vendendo cereais.



ARRUDA (no alto, segundo da esquerda para a direita) com o time de futebol patrocinado pela gráfica *A semana*. Torcedor do Corinthians, ele defendeu a equipe da cidade de Paraguaçu em várias competições.



Um caminhão da

TORREFAÇÃO

CAFÉ CONDE. Quando começou o primeiro negócio próprio, Arruda entregava os pacotes de café de bicicleta ou

se valendo de pequenos fretes. Com a empresa prosperando, adquiriu o primeiro veículo, na década de 1960.



CASA



POIS IR

— 5 —

Café e política



EQUILIBRADO SOBRE A BICICLETA CARREGADA DE PRODUTOS DO ARMAZÉM ONDE TRABALHAVA, MAURÍCIO TOMOU UM SUSTO AO SENTIR O TRANCO QUE QUASE O JOGARA AO CHÃO. O QUE TERIA

acontecido? Uma peça danificada? Um obstáculo no caminho? Todo cuidado era pouco. Afinal, a bicicleta não era apenas um meio de transporte; ela também movimentava os negócios e garantia o sustento. No entanto, ao se virar, Maurício percebeu que não havia motivo para pânico. Mais uma vez ele era alvo de outra brincadeira do colega Arruda.

Os dois haviam se conhecido no armazém onde Maurício trabalhava todas as manhãs. Arruda era seis anos mais velho que Maurício, mas a diferença não comprometia em nada a camaradagem. Assim, seguiram em frente, proseando, até chegar diante da pequena porta na rua 7 de Setembro, entrada da torrefação Café Conde, comprada havia poucos meses por Arruda.

— *Me arruma um emprego?* — perguntou Maurício, sem maiores cerimônias.

O pedido causou surpresa em Arruda. Ele já tinha dois funcionários, Armando e Zezinho, ambos da região. Mas não havia dúvida de que o crescimento dos negócios exigia mais ajuda, e a ideia de contar com Maurício agradava bastante. Sem saber, os dois selavam ali uma parceria que duraria a vida toda.

O jovem Girms não se intimidava diante do trabalho. Quem chegassem à torrefação não saberia dizer quem era o patrão e quem era o empregado. Décadas antes de virar moda, Arruda usava um boné virado de lado, sempre encoberto pelo pó do café. Ali ele torrava, moía, empacotava e vendia o produto para os armazéns da cidade. Quando a compra era grande, fretava um *pé-de-bode*, nome dado aos pequenos caminhões que distribuíam produtos em lugares onde os grandes veículos eram excesso ou mesmo não podiam chegar.

Quando a torrefação Café Conde foi comprada, em outubro de 1959, o movimento mensal era de cerca de trinta sacas de café, cada uma pesando 60 quilos. Em pouco menos de seis meses, Arruda vendia mais de uma centena de sacas. Já estava na hora de trocar o torrador sucateado por outro mais moderno e robusto. A máquina antiga era um enorme forno aquecido a lenha com um cilindro de ferro no interior, onde os grãos eram torrados. Arruda girava uma espécie de manivela que servia para movimentar a peça de metal, e assim os grãos eram torrados igualmente. Às vezes, o cilindro quente se desprendia e rolava pela torrefação.

O fato de ter comprado uma torrefação não significava que Arruda tivesse grandes recursos financeiros. A empresa ainda estava sendo paga, e o único equipamento quitado era a bicicleta, usada para fazer pequenas entregas ou se locomover pelas ruas de Paraguaçu Paulista. Mesmo assim, o jovem empreendedor viajou até a rua Piratininga, no centro da cidade de São Paulo, para procurar um novo maquinário. Numa das lojas encontrou uma vendedora paraguaçuense. A coincidência facilitou a negociação de um novo torrador e moinho para a torrefação. Já não seria mais preciso correr atrás do cilindro incandescente fugitivo.

Arruda era um negociador perspicaz, que dominava uma técnica adquirida desde os tempos em que trabalhava ao lado de seu pai, Nenê Garms. Além disso, assimilara o mesmo espírito vivaz, de oposição total à preguiça e à indolência. Certa vez, foi até a capital paulista e comprou um carregamento de café. Voltou de trem e aguardou a chegada do caminhão com a mercadoria. Como não tinha dinheiro para custear o ajudante, ofereceu 300 cruzeiros, a moeda da época, para que o caminhoneiro o ajudasse a retirar as sacas de café.

— Não faço por menos de 700 — respondeu o motorista.

— Então 350. É o que posso pagar — retrucou Arruda, diante do caminhão estacionado em frente à torrefação.

— Por esse valor, você descarrega sozinho — resmungou o motorista.

— Tá certo. Você vai ver como descarrego mesmo.

Sozinho, Arruda descarregou 120 sacas. Depois do exaustivo trabalho, recostou-se na parede da torrefação ao lado de Maurício. Tinha no rosto suado um sorriso luminoso.

— Tá vendo? Ganhei 350 cruzeiros. Ele não quis e eu saí ganhando — disse, ainda ofegante.

A habilidade administrativa gerava resultados. Poucos meses depois, em 1960, Arruda compraria uma Kombi zero quilômetro. O utilitário aposentou, enfim, a bicicleta e o *pé-de-bode*. Com ele, Arruda e Maurício buscavam os grãos de café para a torrefação. O veículo também era usado para levar porções de café às famílias carentes da cidade. Mesmo ainda no começo de seu negócio, Arruda separava parte de sua produção para doação — um altruísmo que pontuou toda a sua vida.

CASAMENTO

No mesmo ano, Arruda e Almira resolveram ficar noivos. Na época, ela estudava no Colégio Paraguaçu, mas dona Leonor, mãe de Almira, resolveu tirá-la da escola. Queria que a filha fizesse um curso de corte e costura intensivo. Durante quase um ano, Leonor ensinava à filha mactes sobre como cuidar da casa, cozinar e outros segredos para que ela tivesse sucesso no cuidado do marido e dos filhos que certamente viriam.

Há quem diga que as pessoas fazem festa, mas a vida não. Como se confirmasse o ditado, na véspera do dia 8 de dezembro, data marcada para o casamento, Arruda trabalhava como de costume. Enquanto a noiva fazia os últimos preparativos para o grande dia, ele moía, torrava e empacotava café. O trabalho se estendeu até as sete da manhã do dia seguinte. Arruda mal teve tempo para dormir: ainda naquela manhã, ele assinaria no Cartório de Registro Civil de Paraguaçu Paulista seu compromisso com Almira. Era a formalização de uma união feliz que duraria décadas.

Poucas horas depois do casamento no cartório, no fim da tarde, foi a vez do casamento religioso, realizado na Igreja Presbiteriana do Brasil pelo pastor Antônio Garcia, sob olhares e sorrisos de familiares e amigos. Após o casamento, uma pequena recepção foi organizada.

Perto da meia-noite, os noivos embarcaram na Kombi da torrefação *perfumada* com o cheiro de café e apinhada de parentes que haviam saído de São Paulo para assistir à cerimônia e agora aproveitavam a carona da volta. Arruda e Almira passaram pela capital e depois seguiram para a cidade mineira de Poços de Caldas, onde, enfim, ficaram a sós.

Sem dinheiro para comprar a casa própria, Arruda e Almira foram morar com dona Leonor. Foram apenas três meses. Dali partiram para um imóvel alugado. A experiência fez que Arruda entendesse a importância de comprar um lugar que fosse só deles.

ESTRADA DE FERRO

Paraguaçu Paulista, assim como boa parte do oeste do Estado, desenvolveu-se a partir da chegada da Estrada de Ferro Sorocabana, por volta do ano de 1915. A estação fora construída no município então chamado Conceição do Monte Alegre. O nome escolhido para a nova parada do trem foi “Paraguassu”, que no idioma tupi-guarani significa “mar” ou “rio grande”.

A estação ficava bem longe do mar. Pelo menos 500 quilômetros a separavam da costa. Distava também sete quilômetros do centro urbano monte-alegrense. Com o tempo, o povoado que se organizou nos arredores da estação foi batizado Vila Paraguaçu. Em 12 de março de 1925, a localidade assumia *status* de cidade sob o nome Paraguaçu Paulista.

A Estrada de Ferro Sorocabana tinha seu marco zero na estação Júlio Prestes, no centro de São Paulo, e depois serpenteava por 800 quilômetros até chegar à cidade de Presidente Epitácio, já na divisa com o atual Estado de Mato Grosso do Sul. Paraguaçu Paulista tem até hoje a alcunha de “Princesinha da Alto Sorocabana”, uma referência a seu posicionamento geográfico na malha ferroviária.

No pátio da estação Paraguaçu eram comuns os leilões de lotes de grãos de café estocados pela Estrada de Ferro Sorocabana – geralmente,



Um momento inesquecível. Aos 21 anos, **ARRUDA** se casou com **ALMIRA DE TOLEDO RIBAS** na Igreja Presbiteriana do Brasil, em Paraguaçu Paulista, no dia 8 de dezembro de 1960. Na véspera, ele trabalhara a noite inteira enquanto a noiva fazia os últimos preparativos para as bodas. A lua-de-mel foi em Poços de Caldas.

um jogo de carta marcadas até a chegada do jovem empreendedor, que se habilitou a concorrer a um lote de 3,5 mil sacas de cafés. Mais dez pessoas tinham interesse no lote, por isso fizeram um acordo: ofereceriam quase metade do valor pelo lote e depois dividiriam o café. Arruda não gostou da ideia e se candidatou a pagar o valor pedido pelo carregamento. Venceu a concorrência e ficou sozinho com todo o lote.

— Meu Pai do céu! Não tenho um tostão para pagar isso — pensou.

Foi então que Arruda pediu ao chefe da estação, seu Vítorio, três dias para retirar os grãos. Dali partiu rumo a outra torrefação, vendeu o café e conseguiu o dinheiro para pagar a compra do lote, obtendo grande lucro. Foi o primeiro grande negócio, que garantiu a Arruda a musculatura

financeira para mais empreendimentos. Ele ampliou e modernizou a torrefação. No fim de 1962, comprou outra na cidade de Ourinhos, cerca de 100 quilômetros de Paraguaçu Paulista.

**COM 265 VOTOS, ARRUDA
É ELEITO VEREADOR
DE PARAGUAÇU, PELO
PARTIDO SOCIAL
PROGRESSISTA (PSP)**

A viagem até Ourinhos era sinuosa. A estrada não tinha asfaltos, só buracos. Arruda passava praticamente a semana toda cuidando da nova torrefação. Nessa época, o primogênito Carlos Ubiratan, o “Bira”, tinha pouco mais de 1 ano de idade, e Almira engravidou do segundo filho. Arruda, que se desdobrava entre as duas torrefações, sentia falta da proximidade da família. Além disso, mesmo sem admitir, tinha uma pontinha de ciúme ao ver que seu filho já “dava o bracinho” para os tios. Decidiu, então, vender a torrefação de Ourinhos e ficar apenas em Paraguaçu Paulista.

Mas não era somente Arruda, Almira e o pequeno Bira que estavam felizes com o retorno. Durval Girms percebeu uma liderança inata e uma vocação para a política no irmão mais novo. Envolvido com a política partidária paraguaçuense, decidiu inscrever Arruda como candidato a vereador nas eleições seguintes.

Surpreso, Arruda aceitou o desafio e, a convite de Lauro Toledo, Antônio Bendini, Jaime Monteiro e Domingos Pacífico Neto, lançou seu nome como candidato pelo Partido Social Progressista (PSP). No dia 5 de setembro de 1963, nascia o segundo filho, Marcos Fernando Girms. Um mês depois, 265 eleitores elegiam o jovem Carlos Arruda Girms para uma das quatorze vagas da Câmara de Vereadores – um novo marco na história do empreendedor e da família. ■

— 6 —

“P” de
“política” e
“paixão”



QUEM DIRIA QUE, NOS ANOS 1960, OS VEREADORES ERAVAM VOLUNTÁRIOS? ISSO MESMO: ELES NÃO RECEBIAM SALÁRIOS. QUEM QUISESSE SE AVENTURAR PELOS CORREDORES DO LEGISLATIVO MUNICIPAL SABIA

que teria muito trabalho, divergências e discussões pela frente. E, em geral, nenhum dinheiro. Os vereadores só passariam a receber salários a partir de 1975, por obra e graça do então presidente, o general Ernesto Geisel, que por meio da Emenda Constitucional nº 4/75, estabeleceu que “a remuneração dos vereadores será fixada pelas respectivas Câmaras Municipais para a legislatura seguinte, nos limites e segundo critérios estabelecidos em lei complementar” (Artigo 15).

Mas Durval Girms, o Neguinho, não se importava tanto com essa questão de remuneração. Tratava-se de um apaixonado pela cidade, e o gosto pelos debates políticos estava em seu sangue. Aos 25 anos, foi eleito vereador na 3^a Legislatura da cidade, nos anos de 1956 a 1959. Aos 33 anos, já ocupava o cargo de presidente municipal do Partido Social Progressista, o poderoso PSP, fundado e chefiado por Ademar de Barros, um dos mais influentes políticos de São Paulo.

Mais do que ninguém, Neguinho via no irmão mais novo um potencial para a liderança. Por isso, a trilha que conduziu Carlos Arruda Girms ao parlamento sempre pareceu muito bem traçada, e no primeiro dia do ano de 1964, ele assumiu pela primeira vez um cargo eletivo como vereador para a 5^a Legislatura de Paraguaçu Paulista.

Naquela época, como diria o próprio Arruda em sua espontaneidade, “tudo meio bagunçado” na Câmara Legislativa. O prefeito mandava os projetos, que eram votados contra ou a favor. “O bom era que os vereadores eram mais convictos. Não tinham salário. Eu nunca recebi nas duas legislaturas em que trabalhei. Era convicção mesmo.”

A Câmara Municipal ficava no mesmo prédio da Prefeitura, uma construção de alvenaria que recebia o nome Paço Municipal. Ter seu “paço” público, um nome modesto para qualificar as suntuosas construções e palacetes imperiais que abrigavam monarcas e nobres, era um cartão-postal para qualquer cidade. O Paço Municipal de Paraguaçu Paulista ficava na Praça Isidoro Batista, situada na rua Irmã Gomes. Pela entrada principal, no térreo, tinha-se acesso aos departamentos da prefeitura e ao gabinete do prefeito.

Por uma escada de madeira se chegava ao pavimento superior, um local amplo, com grandes janelas e uma vista panorâmica do jardim da praça Nove de Julho. Lá funcionavam os gabinetes da presidência da Câmara, da secretaria e também uma sala especial para a realização das sessões plenárias.

Os dias pareciam ter horas a mais para Arruda. Se na Câmara Municipal ele chamava a atenção pela rapidez de raciocínio e pelo pragmatismo, nos negócios a Café Conde aumentava sua produção. A empresa tornou-se, nas palavras do irmão Floriano, “uma *big* de uma torrefação”. Vendia mais de mil sacas de café por mês. Com isso, ele abriu caminho para a realização do sonho da primeira casa própria, o que aconteceu de maneira curiosa.

Na época, a família morava numa casa cedida pela irmã Marina. Com a prosperidade da torrefação, Arruda comprou um automóvel

Simca Chambord vermelho e branco – um carrão para a época, pelo qual Milton Cassiano, funcionário do Banco do Brasil, apaixonou-se imediatamente. “Naquele tempo, Marcos ainda era um bebê”, conta Almira. “O senhor Milton fez a proposta de troca, a casa pelo carro como moeda. Logicamente, a casa custou muito mais, mas o Arruda, bom negociante, pagou em *suaves* prestações. De repente, nos vimos proprietários de uma bem construída casa na Vila Bancária, sem luxo, mas que nos acomodou muito bem por muitos anos, cercado por famílias, com filhos da mesma idade dos nossos.”

Os negócios continuaram prosperando. Arruda comprou uma loja de autopeças, a Biramar (cujo nome homenageava os dois filhos pequenos, Ubiratan e Marcos) e um posto de gasolina. A loja pertencia às Casas Taveira, o portentoso comércio de Austrícliano Amâncio Taveira, pernambucano da cidade de Pau Amarelo que encontrou em Paraguaçu Paulista a riqueza. Arruda era cliente da loja e da oficina mecânica que funcionava no mesmo local. Como não entendia muito do ramo, chamou o jovem Waldir Acorse, que conhecia desde a adolescência e que havia cursado, ao lado de seu irmão mais novo, Wanderley Girms, o Tiro de Guerra, como era conhecido o treinamento militar para a formação de reservistas.

Waldir tinha experiência na área e havia trabalhado em diversas empresas do ramo na capital paulista. Ampliaram o negócio, vendendo também eletrodomésticos. “Enchemos a cidade de televisão e geladeira”, relembra Waldir. Até então, só havia aparelhos de TV nos grandes centros, e aqueles foram os primeiros comercializados em Paraguaçu. A difícil tarefa de sintonizar os antigos aparelhos de TV, bem menos “automáticos” do que os novos, cabia a Waldir e Arruda, obrigando-os a se pendurar em

telhados para tentar melhorar a imagem. Pouco tempo depois, Arruda vendeu a Biramar de Paraguaçu Paulista e montou outra na cidade de Assis, cerca de 30 quilômetros distante.

DOIS NASCIMENTOS E UM PRESENTE

Os efeitos do golpe militar de 1964 se fizeram sentir também na Princesinha da Alta Sorocabana. Arruda foi chamado às pressas para uma reunião na sede do Partido Social Progressista de Paraguaçu Paulista. O Ato Institucional Número 2, de 27 de outubro de 1965, extinguia os treze partidos políticos existentes. A partir de então, passaram a ser permitidas apenas duas legendas: a Arena e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB, que mais tarde se tornaria o PMDB).

A Arena nasceu oficialmente no dia 4 de abril de 1966, e reunia o Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN), os membros do Partido Libertador (PL), do Partido Republicano (PR), do Partido de Representação Popular (PRP), do Partido Democrata Cristão (PDC) e do PSP de Arruda e do então governador paulista, Ademar de Barros.

Um mês depois da mudança de legenda, a tensão política era quebrada por um acontecimento muito especial: Arruda celebrava outro nascimento. No dia 15 de maio de 1966, Almira dava à luz Yara, a única filha do casal.

Em grande medida movido pelo instinto natural dos pais de família – já eram três filhos pequenos sob seu teto – e contando com o apoio de Almira, Arruda se empenhou cada vez mais no trabalho como empresário e na vocação política. Nos negócios, montou a Cristal Conde, uma

empacotadora de açúcar. Lá ele refinava e empacotava o açúcar que comprava das usinas.

Já na vereança, participou de várias comissões, como a de Finanças e Tributos, Social e de Obras. Acompanhava e participava dos principais projetos da época. Seu empenho o levou à presidência da Câmara no último ano de seu mandato, em 1968. Era mais um período de eleições municipais, e Arruda estava completamente envolvido no processo político da região. Era jovem, visionário, empreendedor, além de atrair a simpatia do eleitorado com seu estilo de vida dedicado ao trabalho, à família e aos ideais de justiça social.

O amor pelo trabalho era tanto que a família festejava a cada oportunidade que tinha de compartilhar a mesa com Arruda. Em uma dessas oportunidades, em plena hora do almoço, adentrou a cozinha Ary, irmão de Almira, que morava em Campo Grande (MS). Não estava só; tinha por companhia um menino de olhos oblíquos, cabelo cortado “escovinha”, 10 anos de idade. Foi paixão à primeira vista. A família o abraçou imediatamente, e assim entrou Paulo na vida de Arruda e Almira.

VALORES DE HERANÇA

Para Arruda, o fundamento da participação política não era o poder, mas o acesso aos mecanismos necessários para transformar a realidade de outras pessoas que conheciam as mesmas dificuldades que ele conheceu ao longo da vida. Por isso, distribuiu panfletos (os chamados “santinhos”) pela cidade em que aparecia com um galhinho de Arruda atrás da orelha e com os dizeres: “Um jovem para mudar a violência pela paz, o ódio pelo amor e a ociosidade pelo trabalho” – não por coincidência,

valores que recebera como mais valiosa herança. Ele quase podia ouvir o sábio pai a cochichar em seus ouvidos enquanto debatia as leis e o orçamento da cidade na sala do Paço Municipal.

— O dia começa à meia-noite — dizia Nenê Girms.

— Ensine seu filho a trabalhar, ninguém come livros.

A campanha para o segundo mandato ia de vento em popa. Querido pela população paraguaçuense, ele liderava com tranquilidade a intenção de votos para uma das cadeiras da Câmara Municipal. “É Arruda para dar sorte!”, brincavam os eleitores. Nas eleições de 3 de outubro de 1968, pouco mais de 6,7 mil eleitores foram às urnas eleger o prefeito e vereadores. Arruda recebeu 1.031 votos e foi o vereador mais votado daquele pleito – 15% dos votos válidos e mais que o dobro do segundo candidato mais votado, com 389 votos.

A avassaladora vitória de Arruda virou manchete nos jornais regionais. É claro que o sucesso do jovem empreendedor e político não apenas foi celebrado por seus simpatizantes, como também incomodou os adversários, que buscavam todo tipo de ardil para interromper sua trajetória. Um deles teve como alvo uma sutileza: o nome.

Arruda podia até ser – e, de fato, era – o nome mais conhecido daquela eleição. O problema é que “Arruda” não existia oficialmente, ou, como se costuma dizer, “no papel”. Por mais que a referência a ele fosse como “Arruda”, seu nome de registro ainda era Carlos Girms. E quase 90% de seus eleitores haviam votado em “Arruda” para vereador.

Um pedido de impugnação foi registrado na Justiça Eleitoral, mas Arruda já havia se preparado para esse tipo de artimanha. Sabendo da movimentação de seus adversários políticos, ele fez um pedido judicial e conseguiu autorização para usar o nome “Arruda” nas urnas. Mais tarde,

ele registraria em definitivo o nome em cartório. Se não podia ser “Arruda Garms”, como queria a mãe, dona Nina, o nome “Carlos Arruda Garms” também a deixava orgulhosa.

Em 1970, Arruda, em pleno vigor de seus 31 anos, encarou novos desafios. O primeiro também envolvia uma grande alegria, com a chegada do quarto filho, o caçula Evandro Garms. O segundo desafio de Arruda foi o de se matricular na faculdade para conquistar o diploma de Administração de Empresas.

— Eu precisava me preparar. Você tem de ter um diploma para ser aceito, para poder discutir. É preciso somar o ensino com a prática — dizia.

A AVASSALADORA VITÓRIA DE ARRUDA VIROU MANCHETE NOS JORNais REGIONAIS

Naquele mesmo ano, Arruda comprou a concessionária Rodocarro, da Volkswagen. A empresa não estava em boa situação, mas o jovem empresário viu ali uma grande oportunidade para a recuperação e a lucratividade. Com essa aquisição, veio junto o amigo querido Onório Anhesin, que permanece com a família até os dias de hoje. Aproveitando a euforia da conquista do tricampeonato mundial de futebol pelo Brasil, ele reformulou a nova empresa, batizando-a Comercial Paraguaçuense de Automóveis – Copa.

Um dia, Arruda parou diante do prédio que abrigava sua empacotadora de açúcar, a Cristal Conde. Ficou lá, observando, absorto em pensamentos. Como empresário, já havia demonstrado grande habilidade e tirocínio. Não tinha medo de embarcar em seus sonhos, e mesmo o empreendimento mais ousado não o intimidava. Ele só precisava acreditar. Enquanto contemplava o prédio, percebeu a aproximação de outra pessoa.

— É, agora você está realizado, não é? Agora você completou seu sonho? — perguntou o amigo e funcionário Maurício, que estava por perto e notou a cena.

— Não. Agora eu quero uma usina — disse Arruda, abrindo um largo sorriso.

Ainda havia muita história para ser escrita. ■

Arruda - N.º 2102

com Mitsuo e Rynaldo

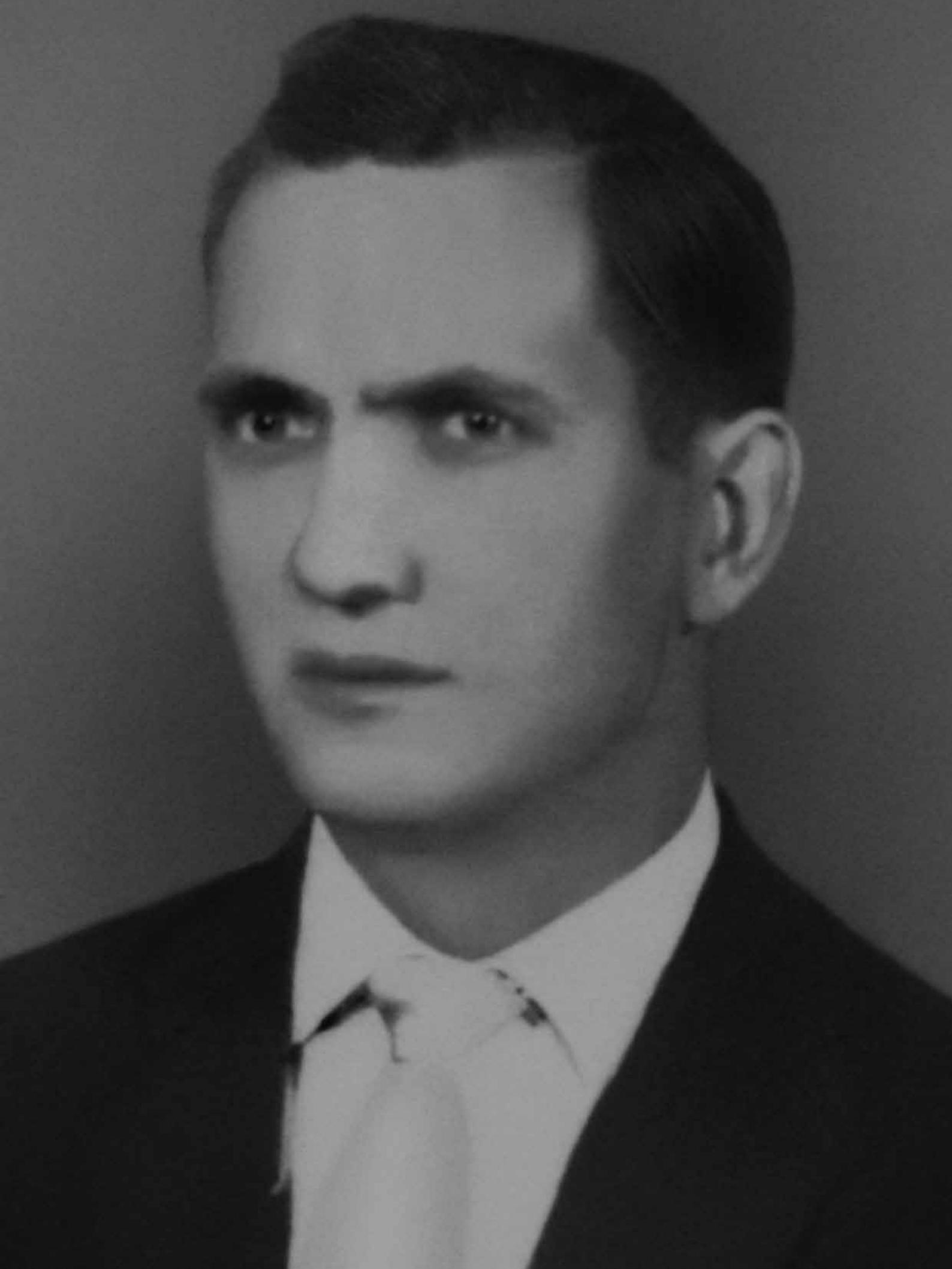


um jovem para transformar:

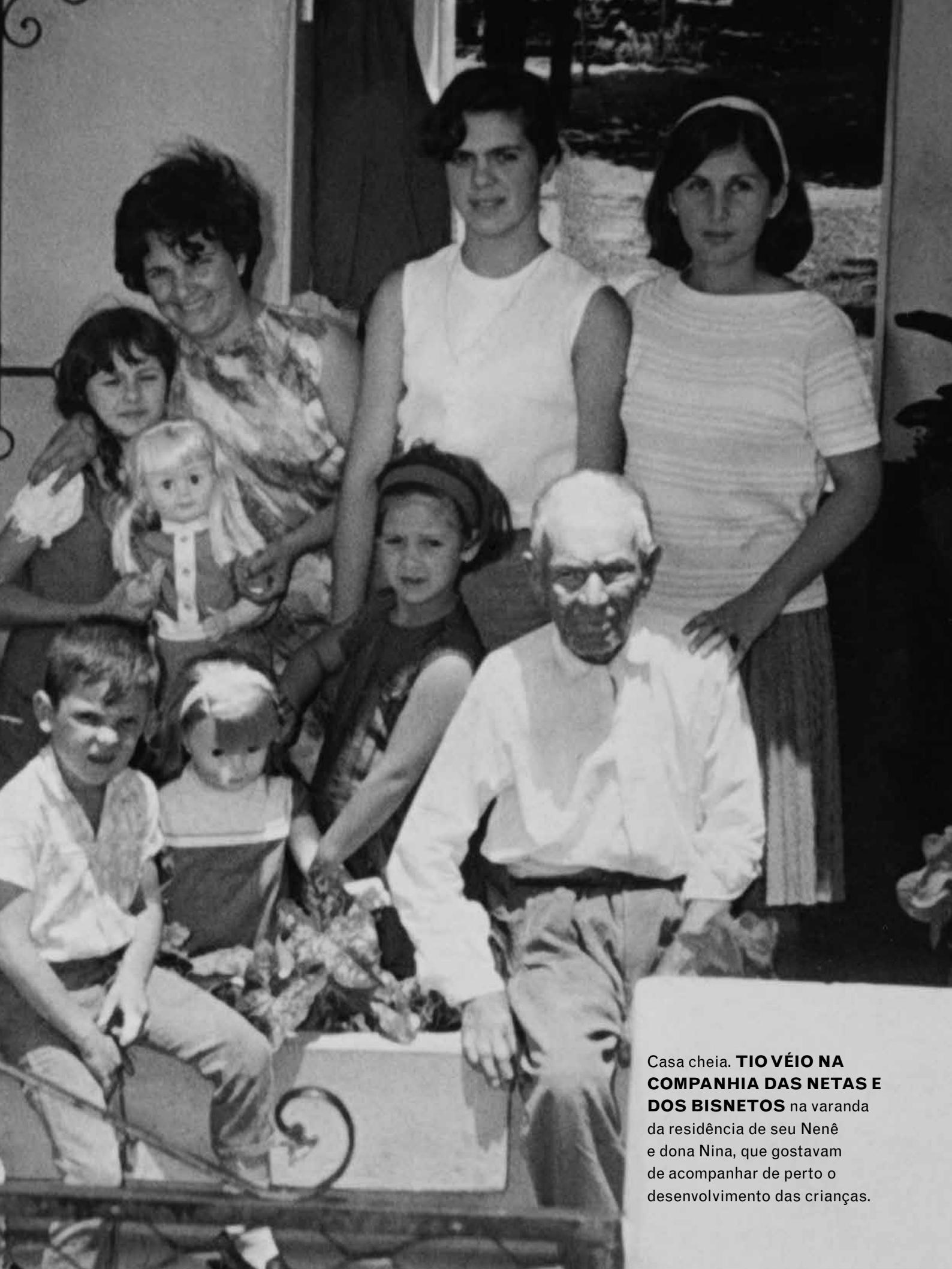
- A Violência — **pela Paz**
- O Ódio — **pelo Amor**
- A Ociosidade — **pelo Trabalho**

SANTINHO
ELEITORAL usado na
primeira campanha de
Arruda para vereador
em Paraguaçu Paulista.
No pleito, realizado

em 1963, ele foi o
terceiro colocado nas
urnas, com 265 votos.
Seis anos depois, ele
seria o vereador mais
votado da cidade.







Casa cheia. **TIO VÉIO NA COMPANHIA DAS NETAS E DOS BISNETOS** na varanda da residência de seu Nenê e dona Nina, que gostavam de acompanhar de perto o desenvolvimento das crianças.

MESA FARTA NA CASA DE SEU NENÊ.

Havia comida pronta o tempo todo para qualquer pessoa que chegasse, não importava a hora. No fogão a lenha, sempre aceso, dona Nina se esforçava para preparar uma refeição bem simples, mas deliciosa.







A CADEIRA PREFERIDA. No final da tarde, quando os trabalhadores começavam a voltar para suas casas e a cidade diminuía o ritmo, Seu Nenê descansava na varanda, ora com seu fumo de corda aceso que furava as suas camisas, ora ao lado da esposa Nina e dos netos.

CASA CHEIA. O lar de Nenê e Nina Garms era um local de afetos e disciplina. O patriarca tinha sua didática especial: Entregava dinheiro para o corte de cabelo dos netos sempre com um troco a mais. Quando um deles não devolvia a sobra, tratava de chamar os pais para recomendações. Os que devolviam, eram recompensados com sorvetes.



— 7 —

Um empresário de visão



A O MESMO TEMPO EM QUE TES- TEMUNHAVA A MULTIPLI- CAÇÃO DOS FRUTOS DE SEU TRABALHO, ARRUDA VIA SEU PRES- TÍGIO POLÍTICO SE TORNAR CADA VEZ MAIS SÓLIDO. POUcos homens públicos

da região contavam com um capital relacional tão vasto naquela época, por isso seu nome era dado como certo para candidatar-se ao cargo de prefeito. No entanto, o partido decidiu que lançaria novamente Jaime Monteiro, político mais experiente e com claras vantagens competitivas. Havia sido um esportista querido na cidade, arqueiro na meta do rubro-negro Atlético Brasil Clube, time de futebol da cidade, considerado um paredão quase intransponível para os atacantes rivais. Na política, foi vereador em 1955 e 1959 e prefeito em 1963. Naquele pleito, porém, não foi capaz de impedir a vitória do adversário – a prefeitura de Paraguaçu Paulista foi ocupada pelo oposicionista Edson do Amaral Distrutti.

Temporariamente distante dos cargos eletivos, Arruda aproveitou o tempo para fortalecer ainda mais suas empresas. Adquiriu a fazenda Santo Antonio, próxima a Paraguaçu Paulista. Convocou um de seus amigos de confiança, Waldir Acorse, para plantar café naquelas terras, mas a empreitada não durou muito tempo. O jovem Garms era prático: quando via que um investimento não era bom, logo passava adiante e partia para outro empreendimento.

Em Assis, Arruda comprou uma loja de materiais de construção e um posto de gasolina, o “Posto do Papai”. Waldir foi encarregado de

tomar conta dos negócios na cidade, mas logo voltou a ser convocado: “Olha, precisamos de uma linha de venda de açúcar até o Mato Grosso do Sul. Você vai abrir essa linha de venda para mim”, determinou Arruda.

A essa altura, a refinaria Cristal Conde e a Café Conde encorpa-vam. Com uma perua Kombi carregada de café torrado e moído para pronta entrega, ele vendia de Bataguassu, cidade próxima à divisa com São Paulo, até Ponta Porã, no extremo do Mato Grosso do Sul, já na divisa com o Paraguai. Nas viagens, tirava também pedidos para o açúcar.

Para abastecer a empacotadora, Arruda comprava o açúcar produ-zido nas usinas da região. Habil negociante, ele foi até uma delas, em Ipaussu (SP), de propriedade do então deputado federal Silvestre Ferraz Egreja. Queria negociar açúcar, mas encontrou uma agitação diferente no escritório da diretoria.

— Espera um pouco, Carlinhos. Já falo com você — pediu Celso, filho do empresário e um dos diretores da usina, enquanto mantinha uma tensa reunião com um grupo de executivos.

Depois de algumas horas, os homens foram embora, deixando o usineiro perplexo.

— Celso, o que é que deu? — perguntou Arruda ao entrar no escritório.

— Não deu. Os homens foram embora e agora estamos numa situa-ção difícil — começou a explicar.

O usineiro havia se comprometido com a compra de outra usina, mas para concretizar o negócio, venderia a de Ipaussu. Mas a negocia-ção não havia progredido, e então o empresário estava preocupado com o destino de seus investimentos.

— E por quanto vocês estão vendendo? — perguntou Arruda, ajei-tando-se na poltrona.

- Dezessete milhões e meio.
- Então a usina é minha.
- Carlinhos, estou falando sobre um assunto sério e você me vem com brincadeira.
- Pois chame o seu pai. Quero que ele assine — disse Arruda, confiante.

Apesar de ser bem-sucedido, Arruda não tinha o dinheiro para a compra da usina, um negócio milionário que demandava muito fôlego financeiro. Assim que deixou a sala, ligou para a sede do Grupo Giorgi, em São Paulo, interessado em aumentar sua produção sucroalcooleira, mas dependia urgentemente de uma nova usina para adquirir mais cotas junto ao Governo. Conversou com os diretores da empresa e disse que tinha uma usina e que poderia intermediar a transação. O valor seria de 25 milhões de cruzeiros, a moeda da época. “Mas vocês têm meia hora para me responder. Vou deixar um cheque meu aqui como sinal.”

Era 22 de dezembro de 1973, Arruda fechava a compra e a venda da usina, um negócio que lhe renderia milhões. Mas havia ainda um problema. Quando os vendedores descobriram o valor que Arruda pagara pela usina, decidiram suspender o restante do pagamento. “Você não é corretor imobiliário. Não vamos lhe pagar comissão”, alegaram. Obstinado, Arruda foi a São Paulo e se matriculou num curso de formação de corretores imobiliários. Depois de seis meses, tinha nas mãos sua carteira com registro profissional de corretor de imóveis. Foi até a sede da empresa e apresentou suas credenciais. “Agora vocês tratem de me pagar!” Depois de uma negociação, aceitou receber 4,5 milhões de cruzeiros pela transação.

Com o dinheiro, Arruda construiu uma confortável casa para sua família e comprou a fazenda Isaura. Era uma imensidão de terra no município de Rancharia, vizinho a Paraguaçu Paulista. Cerca de 3,5 mil hectares de pasto para o gado. Nem mesmo as ervas daninhas – problema que lhe custou a morte de parte de seu plantel, mas resolvido com a ajuda de um veterinário – o impediram de ampliar o sucesso do negócio com a implantação de um sistema de reaproveitamento de esterco e urina animal. Além disso, lucrava com a produção e venda da semente de capim colonião e *brachiaria*, atividade na qual foi pioneiro.

* * *

Um ano depois, montou uma refinaria na entrada de Paraguaçu Paulista. Arruda plantava cana-de-açúcar e vendia para as usinas locais. De algumas delas, comprava o açúcar bruto para refinar ou fazer o açúcar cristal em sua refinaria; em seguida, empacotava e vendia. Seus negócios ampliavam-se conforme sua capacidade de sonhar e realizar. O “menino da Barra Funda” não ia conseguir se não fosse por Deus, como costumava dizer. ■



PANORÂMICA. A Usina Cocal foi construída na divisa de Paraguaçu Paulista com Rancharia. Foi a forma encontrada por Arruda para desenvolver a cidade natal, já que sua Fazenda Isaura, uma extensa quantidade de terras de 3,5 mil hectares – adquiridas num hábil negócio às vésperas do Natal de 1973 – não estava nos domínios paraguaçuenses.







Seu Nenê e dona Nina reunidos com todos os filhos, noras e o genro. Mesmo seguindo uma carreira de empresário independente dos irmãos, Arruda estava sempre presente nos encontros promovidos pelos pais, uma forma de preservar a união da família. Em pé, da esquerda para a direita: **AZEL, FLORIANO, ALMIRA, ARRUDA, DURVAL, LAURA e FREDERICO.** Sentados: **MARINA, NENÊ, NINA, WANDERLEY e NORMA.**



— 8 —

“Arruda
dá sorte”



EM PÉ, EQUILIBRANDO-SE NA CARROÇA, ARRUDA POSAVA PARA AS FOTOS MOSTRANDO COM OS DEDOS O “V” DA VITÓRIA QUE ANTEVIA. EM SEGUIDA, SAIU EM CARREATA PELAS RUAS DE PARAGUAÇU

Paulista pedindo votos para ele e seu vice, doutor Aldo Monteiro Paes Leme. Era o ano de 1976, e a cidade respirava o clima eleitoral. Arruda havia se consolidado como um dos políticos mais importantes da região. Sob o lema “Arruda dá sorte”, o nome do jovem empreendedor Carlos Arruda Garms foi lançado como candidato a prefeito da cidade de Paraguaçu Paulista – feito que enchia seu Nenê e dona Nina de orgulho. Em maio daquele ano, o poeta e cordelista Euzébio Monteiro de Lucena mostrou uma de suas composições para Carlos Arruda. O texto seria usado em sua campanha.

Arruda dá sorte

Euzébio Monteiro de Lucena, maio de 1976

<i>O senhor Arruda Girms</i>	<i>O comércio e agricultura</i>
<i>Cidadão justo e honrado</i>	<i>Terra que não produzia mais</i>
<i>Para ser nosso prefeito</i>	<i>Ainda vai dar fartura</i>
<i>Já está candidatado</i>	
<i>Pra servir mais a sua terra</i>	<i>Ele vai auxiliar</i>
<i>Seu santo berço estimado</i>	<i>Todos os agricultores</i>
	<i>Irá dar condições</i>
<i>Ele é filho desta terra</i>	<i>Aos homens trabalhadores</i>
<i>É gente de boa gente</i>	<i>Até seus adversários</i>
<i>É dotado de bondade</i>	<i>Serão admiradores</i>
<i>É um homem excelente</i>	
<i>Tudo confiamos a ele</i>	<i>Ele é um homem honesto</i>
<i>Pois é muito inteligente</i>	<i>Digno e trabalhador</i>
	<i>Ele atende a qualquer um</i>
<i>No dia 15 de novembro</i>	<i>Seja de que credo for</i>
<i>Seu nome será sufragado</i>	<i>Ele não faz distinção</i>
<i>Por tudo o que ele já fez</i>	<i>Nem de raça e nem de cor</i>
<i>A este povo estimado</i>	
<i>Naquele dia feliz</i>	<i>Portanto, caro eleitor,</i>
<i>Ele vai ser recompensado</i>	<i>No dia da eleição</i>
	<i>Dedique seu voto a ele</i>
<i>E logo que assumir</i>	<i>Não por uma obrigação</i>
<i>O cargo na prefeitura</i>	<i>Vote conscientemente</i>
<i>Ele vai ajudar muito</i>	<i>Como uma gratidão</i>

* * *

A situação do município de Paraguaçu Paulista era crítica. A cidade tinha 19 mil habitantes e a migração rural, que atingia todo o interior paulista, também era sentida ali. Com o declínio das culturas cafeeiras, não havia oportunidade de emprego para os jovens. O índice de desemprego era altíssimo, o comércio estava estagnado e a agricultura capitulava. A única esperança era buscar sorte melhor em São Paulo.

Arruda era jovem e sabia do que a cidade precisava. Já havia sido vereador em duas legislaturas e sentia-se preparado para um salto maior na carreira política. Como havia apenas duas legendas partidárias, ARENA e MDB tinham liberdade de lançar quantos candidatos quisessem. Do lado do MDB, partido que não tinha força política na cidade, foram três candidatos à prefeitura: Maurício Rodrigues Marques, Oswaldo Tonelo e João Vladimir Busato. Já na ARENA, Arruda media forças com seu principal adversário político: Mitsuo Marubayashi que, apoiado pelo então governador Paulo Egydio Martins, já havia governado a cidade de 1969 a 1972 e elegera seu sucessor, Edson Distrutti.

A campanha foi intensa, com discursos envolventes, carreatas e até desentendimentos que incluíam agressões verbais e físicas entre os partidários de Arruda e Marubayashi. No palanque, com dr. Aldo Monteiro Paes Lemes, candidato a vice, Arruda era acompanhado dos pais, seu Nenê e dona Nina, pela esposa, Almira, e pelos quatro filhos (Bira, Marcos, Yara e Evandro), que cumpriam também a tarefa de cabos eleitorais do pai, distribuindo folhetos. Quando as urnas foram abertas, após a eleição de novembro, foram contabilizados mais de 9 mil votos. Arruda ficou com quase 60% das escolhas, com 5.374 votos. Em janeiro

de 1977, ele assumia o cargo mais importante da cidade, marcante em sua trajetória política.

Para ocupar posição de tal envergadura, Arruda contava com um verdadeiro orientador e conselheiro: Célio Rodrigues Siqueira, que viria a ser seu chefe de gabinete por três mandatos. Célio e a esposa, Aydée, eram educadores, e foram importantes mentores para a família Garms. Enquanto diretor no Colégio Paraguaçu, do Instituto Gammon (ligado à Igreja Presbiteriana do Brasil), Célio era estimado por seus alunos. Reunia nas manhãs do colégio os jovens para momentos de devocional e oração. Recebia e orientava os alunos com sabedoria e carinho. Mais tarde, ordenado pastor, dirigiu por mais de vinte anos a Igreja Presbiteriana de Paraguaçu Paulista. Era conhecido na cidade pela inteligência, brilhante oratória, honestidade e caráter. “Não havia homem igual ao professor Célio na inteligência”, dizia Arruda. Tinha um largo e constante sorriso. Era também generoso e acolhia os jovens estudantes com bolsas de estudos.

À frente da prefeitura, Arruda imprimia seus valores. Era prático, obstinado e intolerante com a indolência. Com a ajuda da esposa, Almira, implantou um eficiente programa de ação social, fruto da consciência social aguçada, forjada na convivência dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Desde a juventude, Almira frequentava as aulas bíblicas ministradas pela professora Aydeé Chaves Siqueira e participou de treinamentos e seminários. “Com certeza, foi um bom preparo para o futuro que Deus providenciou para mim”, diz Almira.

Disposta a fazer diferença na cidade, Almira tratou de buscar o apoio de um profissional na área de assistência social, já que não havia nenhum trabalhando na prefeitura. A primeira-dama de Paraguaçu Paulista

buscou informações e treinamentos (apesar de escassos na época) que o Governo Estadual oferecia. Em sua caminhada, fez inúmeras amizades, e logo sua dedicação foi reconhecida, até mesmo no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual.

Enquanto isso, Arruda atraía investimentos para a cidade. Quando assumiu o cargo de chefe da administração municipal, o jovem prefeito encontrou uma cidade sem autonomia em diversos setores. Os municipais precisavam se deslocar para as cidades vizinhas mais desenvolvidas, como Assis, para resolver problemas em áreas como educação, trabalho, saúde, agricultura ou previdência.

**À FRENTES DA PREFEITURA,
ARRUDA IMPRIMIA SEUS
VALORES. ERA PRÁTICO,
OBSTINADO E INTOLERANTE
COM A INDOLÊNCIA**

Paraguaçu Paulista dispunha de poucos equipamentos públicos. Foi ao longo de sua primeira administração que Arruda instalou a Delegacia Regional Agrícola, o Posto Regional do Trabalho, a Delegacia Regional de Ensino e Agência da Previdência Social no histórico prédio que abrigara o Fórum e a Cadeia Pública, ao lado do Paço Público Municipal.

Ainda no primeiro ano de seu mandato, deu início ao projeto que levaria eletricidade às áreas rurais da cidade. Estradas foram recuperadas e escolas, construídas, reformadas e ampliadas; monumentos públicos receberam restauração, como a Fonte Luminosa, um dos cartões-postais da cidade, e o balneário municipal, ponto de lazer e descanso das famílias paraguaçuenses.

Incansável, Arruda trabalhava para atender às solicitações da cidade que tanta amava. Usava seu prestígio junto aos poderes estadual e federal,

de onde emanavam as verbas para os investimentos. Foi assim quando teve que trocar parte do sistema de fornecimento de água que, envelhecido, não suportava as baixas temperaturas e estourava.

Arruda apostava na importância econômica que a cidade viria a ter nos anos seguintes. Até um hotel municipal mandou construir. Na época, os adversários políticos criticavam, dizendo que se tratava de um “elefante branco” – cinquenta apartamentos com uma estrutura que incluía restaurante, salão de festas e jogos, elevadores e lojas. Parecia tudo muito grande para uma cidade que não dispunha de nenhum hotel e onde os negociantes e turistas hospedavam-se nas pequenas pousadas. A capacidade de antever o futuro é privilégio de poucos.

CASAS POPULARES

Mas faltava ainda uma bandeira para os seis anos de mandato. E Arruda buscou a motivação na própria experiência de vida. “Eu ficava desesperado na época em que não tinha casa própria. Chorava de verdade. Eu passei por isso quando me casei e ficava pensando: e os outros?” Arruda tratou aquele projeto como prioridade, e assim passou a buscar crédito para financiar casas populares.

O primeiro programa de habitação popular do Estado foi implantado no bairro de Barra Funda. Era destinado aos funcionários da prefeitura, e recebeu o nome “Nosso teto”. As casas eram amplas, com laje e bom acabamento. Logo outras cidades da região se interessaram pelas casas construídas por Arruda, principalmente porque o valor orçado na administração do jovem prefeito era metade do preço estimado pelo Banco

Nacional de Habitação, o famoso BNH, autoridade máxima na construção de casas populares no país. Foram mais de quinhentas moradias construídas em seu primeiro mandato como prefeito.

Tempos depois, um representante do Fundo Monetário Internacional (FMI) apareceu na cidade. Queria saber do prefeito Arruda como ele conseguira construir casas tão baratas e com aquela qualidade. “Para fazer a janela, comprei toda a produção de um sujeito. O tijolo eu comprei da olaria, ficando, desta forma, mais barato. É só tocar o negócio público como se fosse o próprio negócio, com muita briga e sem permitir desvios.”

■

CANDIDATURA VITORIOSA.

Percorrendo a cidade e usando o *slogan* "Arruda dá sorte", a campanha tomou conta da população e se tornou uma referência. Em 1976, com 60% dos votos, Arruda foi eleito prefeito pela primeira vez.





Dando os primeiros passos. Na foto, o deputado **ADHEMAR DE BARROS FILHO** oferece apoio político. Foi Durval, o irmão Neguinho, quem percebeu o carisma e o potencial de Arruda, iniciando-o na vida pública. O tempo mostrou que sua intuição estava certa.



Comício da primeira campanha, em 1976, com dr. **ALDO MONTEIRO**. Amigos, correligionários e familiares animados com as propostas do candidato Arruda.



A família sempre presente. No palanque, com Arruda, a esposa **ALMIRA**, o filho **BIRA**, a filha **YARA**, os pais **NENÊ** e **NINA** e o secretário de Turismo, **RUY SILVA**.



A VIBRAÇÃO DO Povo. Os comícios de Arruda eram sempre muito animados e festivos, e as pessoas se envolviam no clima da campanha eleitoral.



O "V" DA VITÓRIA. Cumprimento tradicional entre os eleitores de Arruda, o gesto acabou se tornando uma espécie de marca registrada em outras campanhas.



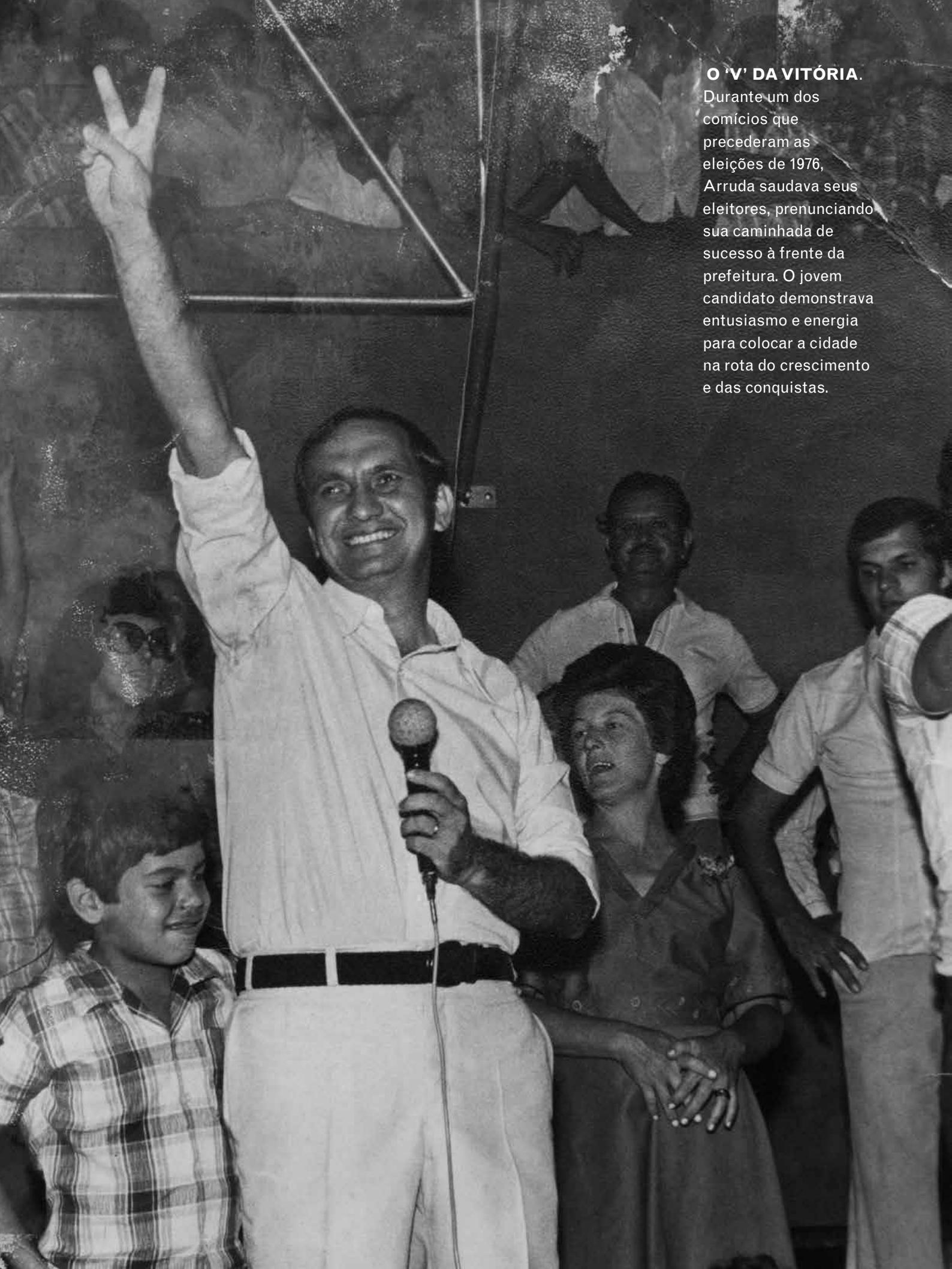
O MOMENTO DA

VOTAÇÃO. No pleito de 1976, Arruda coloca sua cédula na urna, confiante na boa campanha que o levaria pela primeira vez à prefeitura de Paraguaçu Paulista. Naquela eleição, ele conquistaria 5.374 votos.





O ABRAÇO. O olhar emocionado de Nenê Girms, repletos de admiração e espanto, esconde uma vida de trabalho duro e persistente, coroada agora com a primeira vitória de Arruda para a prefeitura de Paraguaçu Paulista, nas eleições de 1976. Era o início de uma trajetória iniciada nos braços de seu pai, nos valores herdados de sua família, e que mudaria por completo o destino da cidade que tanto amava.



O 'V' DA VITÓRIA.

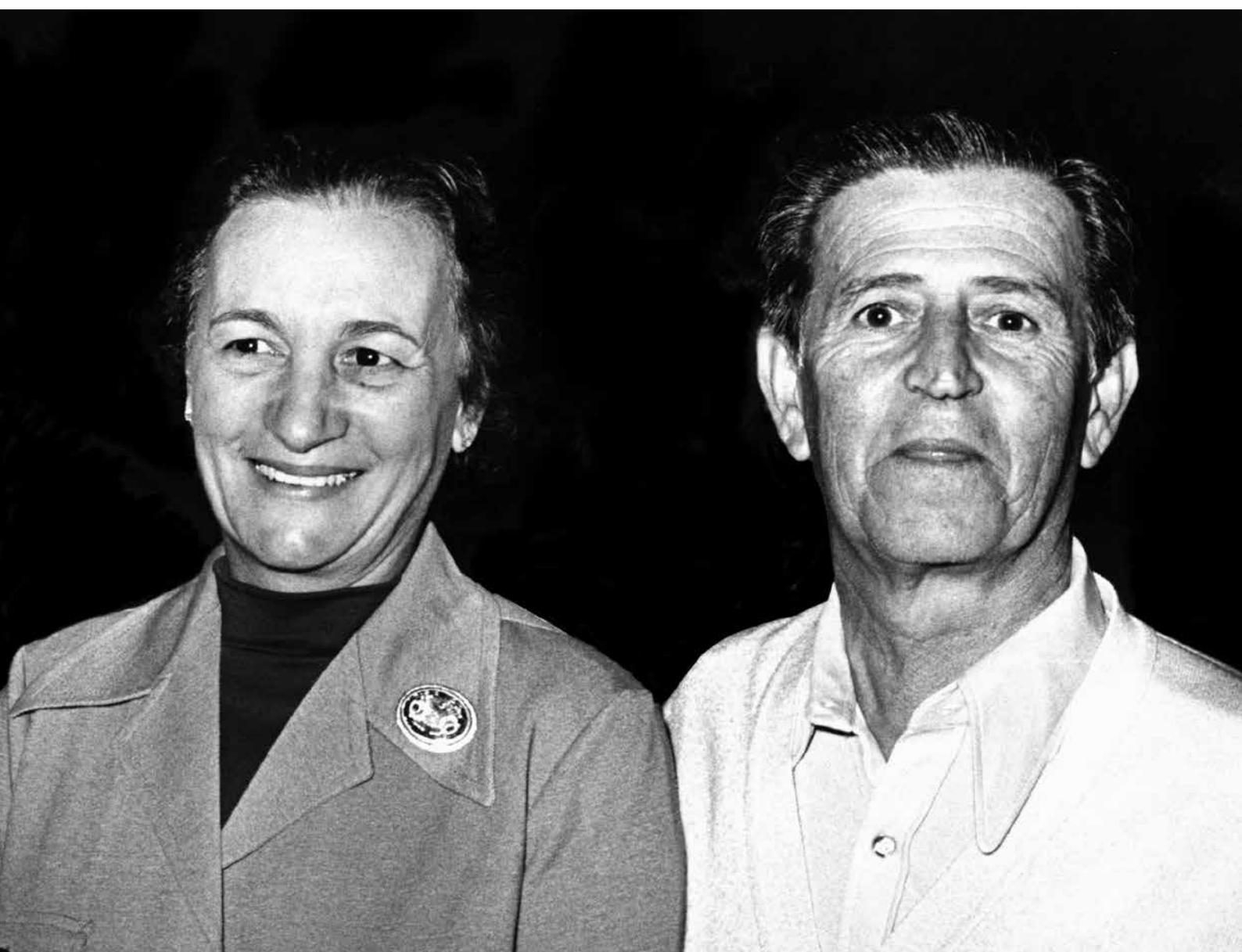
Durante um dos comícios que precederam as eleições de 1976, Arruda saudava seus eleitores, prenunciando sua caminhada de sucesso à frente da prefeitura. O jovem candidato demonstrava entusiasmo e energia para colocar a cidade na rota do crescimento e das conquistas.



Cerimônia de diplomação. No dia 1º de fevereiro de 1977, o empresário **CARLOS ARRUDA GARMS** e o dr. **ALDO MONTEIRO PAES LEME** foram empossados, respectivamente, prefeito e vice-prefeito da cidade de Paraguaçu Paulista. Na época, a posse só ocorria no ano seguinte à eleição. Compondo a mesa, o juiz eleitoral e o promotor público.



Transmissão do cargo. No gabinete da prefeitura, **EDSON AMARAL DISTRUTTI** (sentado na ponta esquerda) encerra sua administração passando a responsabilidade a Arruda. O amigo **JOSÉ BURATI** (também sentado) e o novo chefe de gabinete, **CÉLIO RODRIGUES SIQUEIRA** (em pé) participam da cerimônia.



Amigos e conselheiros. Durante boa parte de sua vida política,
Arruda contou com a sabedoria do reverendo **CÉLIO RODRIGUES**
SIQUEIRA, na foto com a esposa, d. **AYDÉE**.



VISITA. O vereador Carlos Arruda e os demais parlamentares da Câmara Municipal recebem o deputado federal **ADHEMAR DE BARROS FILHO.**



COMPANHEIROS. O deputado federal **DELFIM NETO**, amigo de longa data de Carlos Arruda, em uma de suas muitas visitas a Paraguaçu Paulista.



DEDICAÇÃO TOTAL.

Desde os primeiros dias no cargo de prefeito, Arruda já imprimia a característica que marcou sua carreira como empresário, chegando cedo e saindo

com frequência depois do expediente. Para ele, eficiência era a palavra de ordem, e ele exigia o mesmo zelo por parte dos funcionários da prefeitura.



BONS COMPANHEIROS. Ao longo de sua carreira, Carlos Arruda Garms sempre procurou formar uma rede de relacionamentos políticos bastante ampla, mantendo diálogo com pessoas das mais diversas esferas da vida pública. Na foto, ele está acompanhado do secretário estadual de Turismo, **RUY SILVA**, e do ex-prefeito de Paraguaçu Paulista, **JAIME MONTEIRO**.

A UM PASSO DO SONHO.

Com o então presidente da Caixa Econômica Federal, **OSCAR KLABIN SEGAL** (sentado à esquerda), Arruda assina convênio para a construção de casas populares no município de Paraguaçu Paulista. Em seu primeiro mandato, ele construiu 1,2 mil moradias por intermédio do Projeto Nossa Teto, programa pioneiro no Estado.





**O SONHO SE
REALIZA.** Vista
aérea de um dos
conjuntos habitacionais
construídos dentro do
Projeto Nosso Teto.
O programa da
prefeitura, em convênio
com a Caixa Econômica
Federal, garantiu
financiamento para que
centenas de famílias
que viviam às voltas com
aluguel adquirissem
a casa própria.





— 9 —

A chegada a Canaã



MUITOS JOVENS QUE HOJE ABASTECEM O CARRO COM ÁLCOOL NÃO CONSEGUEM IMAGINAR O DESAFIO QUE A INTRODUÇÃO DO COMBUSTÍVEL NA ROTINA DO BRASILEIRO REPRESENTOU HÁ

algumas décadas. Em meados dos anos 1970, a situação do petróleo se tornou crítica. Os principais países exportadores se uniram para elevar o valor do chamado “ouro negro”. A disparada no preço da gasolina e do diesel preocupava governo, empresários e consumidores. Revistas de grande circulação estampavam suas manchetes: “Vamos ficar sem petróleo?”

Ainda no movimento do que ficou conhecido como “milagre econômico brasileiro”, o governo do então presidente Ernesto Geisel começou a estimular a produção do álcool combustível. Em 1975, uma canetada presidencial desencadeou o Programa Nacional do Álcool, o Proálcool, que substituiria em larga escala o uso do combustível fóssil pela fonte de energia renovável. Era o momento perfeito para a disseminação de usinas de álcool pelo país.

Carlos Arruda Garms era um empresário de grande visão. Não demorou muito para perceber que a construção de uma usina seria um empreendimento do presente com grandes perspectivas para o futuro. Propriedade agrícola ele tinha. A Fazenda Isaura era um bom quinhão de terra. Lá ele já plantava cana-de-açúcar, vendida aos usineiros da região.

Certa vez, como de hábito, Arruda foi visitar um de seus principais compradores de cana. Mas houve um desentendimento entre eles, a ponto de Arruda receber uma resposta malcriada do usineiro.

Diante da intransigência e prepotência do comprador, Arruda viu despertar em si um forte desejo de não precisar mais viver na dependência. Além disso, visionário que era, tinha uma fé inabalável e adorava desafios.

Dias depois, o assunto ainda o atormentava. Espontâneo, como era de seu feitio, sentou-se no degrau da calçada que dava acesso ao escritório de sua refinaria Cristal Conde. Lá desabafava com os amigos Arnaldo Mapelli e Onório Anhesin, contando detalhes do desafogo que havia ouvido.

— Ele falou isso, vocês acreditam? — relatou, lançando o desafio em seguida. — Vamos montar uma usina?

Era o ano de 1978, e o advogado e amigo Arnaldo se assustou.

— Mas eu não tenho dinheiro, nem entendo disso.

— Com dinheiro, qualquer um faz — argumentou Arruda, prático e objetivo como sempre. — A gente pode não ter dinheiro, mas tem honra. Nada tem mais valor do que um nome limpo. Vamos ao banco pra financiar esse projeto. E sobre entender disso, o Instituto do Açúcar e do Álcool, o I.A.A., tem todas as informações. É só a gente ir lá e aprender.

Arnaldo assentiu e foi para a capital, São Paulo, onde permaneceu por vários meses no I.A.A. Onório também saiu à procura de conhecimento. Visitou a Petrobrás e percorreu cidades e instituições financeiras em busca de empréstimos para viabilizar a sonhada usina.

TERRA PROMETIDA

Mas havia um entrave. Arruda sempre foi um apaixonado por sua terra, Paraguaçu Paulista. A usina, ele sabia, seria de extrema importância para o desenvolvimento socioeconômico da região. A sede da fazenda Isaura ficava no município de Rancharia, cidade ao lado de Paraguaçu.

“Eu tenho de gerar emprego aqui”, pensava Arruda. Decidiu procurar um local para montar a usina. Saiu pelas terras de sua fazenda, arrebenhou uma cerca de arame farpado e desceu em direção ao córrego São Mateus. Havia uma pequena capela próxima ao ribeirão e uma estrada que seguia já em território paraguaçuense. Via-se ainda ali uma plantação de abacaxis. “Nunca passei por aqui. Nem conheço toda Paraguaçu. Essa área fica a apenas 30 quilômetros do centro da cidade”, resmungou em voz alta.

Caminhando pela estrada, Arruda encontrou algumas pessoas. Decidiu perguntar:

— Vocês sabem de quem é esta terra?

— É do senhor Jacó — responderam os homens, indicando onde ele conseguiria encontrar o proprietário do terreno.

Arruda já havia quebrado uma cerca, atravessado um córrego e caminhado por uma pequena estrada. Sua mente estava inquieta. “Aqui é o lugar! Tem muita água e de boa qualidade. Vou precisar disso”, pensava.

O encontro com Jacó foi rápido e direto, bem ao estilo Arruda.

— O senhor vende esta terra?

— Vendo, sim!

Pormenores resolvidos, Carlos Arruda Girms tomava posse de sua “terra prometida”: a Canaã desejada que viria a sediar a empresa

Comércio Indústria Canaã Açúcar e Álcool Ltda. Ou, simplesmente, Cocal. Nas lembranças de Carlos Arruda Garms, felizes coincidências – ou seriam sinais? Seu primeiro negócio havia sido avalizado por um homem de nome Salvador. A torrefação de café ganhou fôlego após vencer a concorrência administrada pelo senhor Vitório. A terra para a construção da usina havia sido comprada de Jacó, e o empréstimo bancário para a construção recebia o consentimento na assinatura do gerente Divino. “Quando você ora, quando você está em comunhão com Deus, Ele orienta, Ele dirige”, dizia, simples e profundo. A Cocal só começaria a operar no dia 14 de maio de 1980, processando 3.180 toneladas de cana por dia e produzindo o equivalente a 22,5 mil metros cúbicos de álcool ao ano.

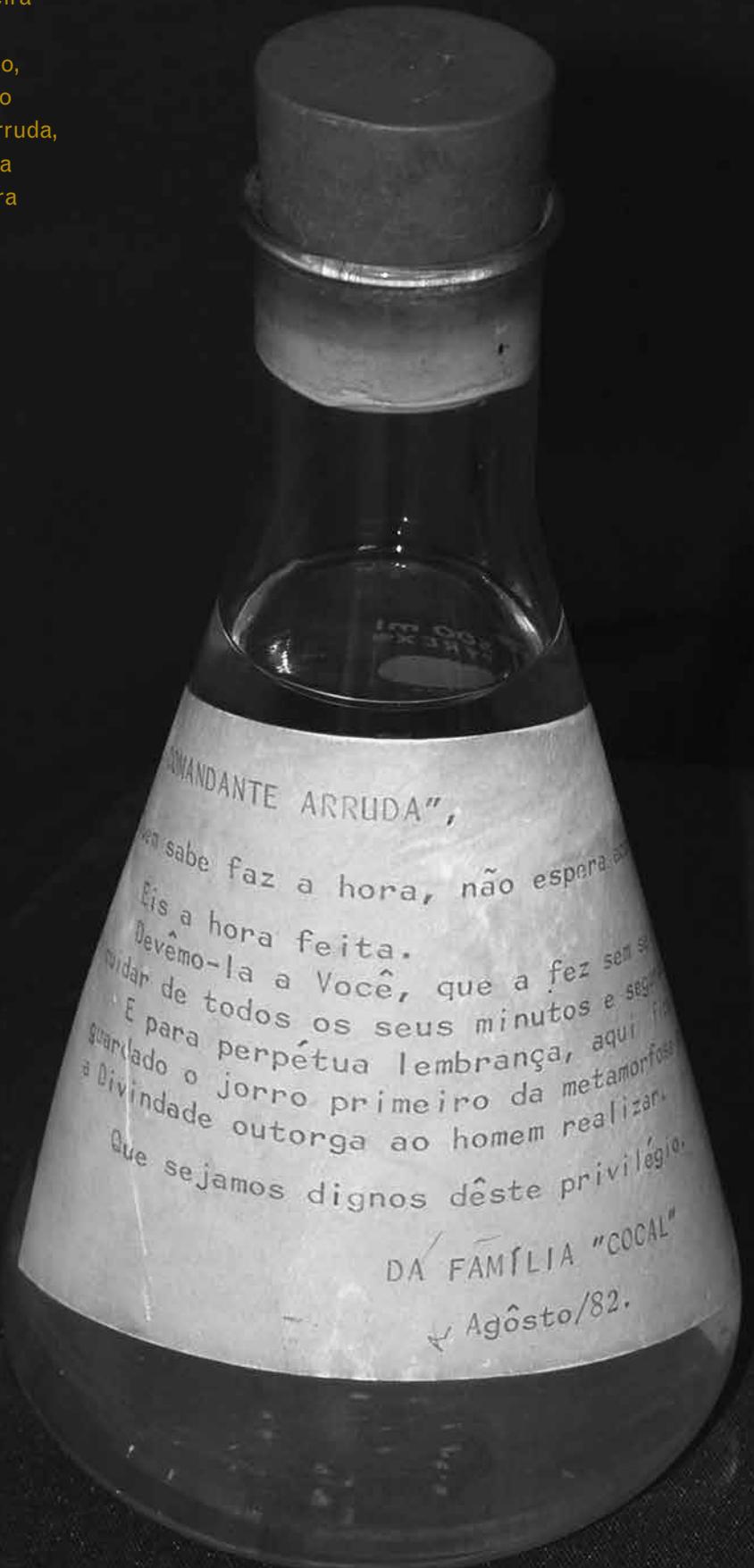
Mas a família Garms estava preocupada com a saúde do patriarca. Álvaro Garms, o agora “vô” Nenê, havia sofrido um enfarte. Os filhos e netos sentiram que as coisas poderiam não estar bem com o querido Nenê, que tanto agregava à família com seu jeito afetuoso, impenitente e irrequieto.

Nenê era uma figura conhecida e quase folclórica pelas ruas de Paraguaçu Paulista, sempre dirigindo sua caminhonete azul, devidamente abastecida com cachaça, fumo de corda, pão e mortadela que ele distribuía para seus funcionários. Para as crianças, havia balas e doces. No carro ainda ia o “pau de amansar louco”, que guardava como espécie de arma de autodefesa.

Perder tempo era um crime para Nenê. Foi por isso que, mesmo depois do enfarte, ele não aceitava a ideia de ter de ficar em repouso na

AS LIÇÕES APRENDIDAS AO
LADO DE NENÊ SERVIRAM
COMO UM FAROL NO
MEIO DO MAR PARA
CARLOS ARRUDA GARMS

Garrafa contendo
álcool da primeira
produção da
Cocal. No rótulo,
a inscrição: "Ao
comandante Arruda,
quem sabe faz a
hora, não espera
acontecer."



cama. Era muito para aquele homem de cerca de 1,80 metro de altura, acostumado a cuidar do rebanho de gado. Depois do susto e apresentando melhora, na manhã do dia 19 de julho, Nenê deixou sua cama e foi verificar a vacinação do rebanho. Não conseguiu ficar só espiando: pulou para dentro do curral, apanhou um boi, deitou-o no chão apenas com a força de seus braços e preparou o animal para a incisão da agulha. Mas o bicho se livrou das mãos de Nenê, partindo para um contragolpe violento, aplicando-lhe uma chifrada. Nervoso, ferido e agitado com a reação do animal, Nenê sofreu outra parada cardíaca. Foi socorrido e levado às pressas para o Hospital de Caridade, na própria Paraguaçu Paulista. Às 12h30, o médico, dr. Paulo Kato, constatou a morte de Nenê.

As lições aprendidas ao lado de Nenê serviram como um farol no meio do mar para Carlos Arruda Garms. Na política, nas empresas ou com a família, Nenê havia deixado uma marca indelével na vida do filho. O ano de 1983 ainda tiraria, de forma trágica, outro membro da família: o jovem Elpídio, de apenas 19 anos, filho de Floriano e Azel e sobrinho de Arruda, ia para a cidade de Assis quando seu carro se chocou com outro que vinha no contrafluxo. A morte prematura deixou todos com o coração partido. Elpídio era irmão gêmeo de Álvaro. Todos os chamavam “irmãos pardal”, apelido cunhado pelo avô Nenê Garms.

* * *

Apesar da tristeza, era preciso seguir adiante. Por isso, no mesmo ano, a Cocal ampliava seu parque industrial e dobrava sua produção de álcool, chegando a 55 mil metros cúbicos ao ano. Na prefeitura, Arruda entregava, em 31 de janeiro, seu primeiro mandato como prefeito. Era hora de

administrar mais de perto suas empresas, que passavam por um processo delicado, principalmente a torrefação Café Conde e a concessionária Copa. Arruda aproveitou o tempo distante da prefeitura para organizar seus negócios. Em 1985, no dia 21 de abril, vendeu a torrefação Café Conde. Ele colocaria todas as fichas na ampliação da Cocal.

No começo do ano seguinte, Arruda perdeu outro “pai”: o irmão Durval, morto no dia 13 de janeiro de 1986, outra vítima de um fulminante enfarte. O único consolo para a tristeza era a certeza de que aqueles mentores haviam marcado de uma maneira positiva o homem que agora alçava voos ainda mais elevados. ■

CARINHO

FRATERNAL. Uma das características dos filhos de seu Nenê era o carinho e o cuidado entre eles. Na foto, Carlos Arruda Garms recebe o afago de **MARINA**, sempre presente na vida do irmão.



**UNIÃO
DURADOURA.**

Enquanto Arruda crescia como empresário e político, Almira cuidava da educação e da formação dos filhos, garantindo a estabilidade da família. Na foto, o casal comemora o 20º aniversário de união.







PRIMEIRO ANO DE MANDATO COMO PREFEITO. Arruda procurava garantir a força da cidade de Paraguaçu Paulista no cenário político, e para isso mantinha um relacionamento cordial

com figuras de destaque do poder público. Nesta foto, ele recebe o então governador do Estado de São Paulo, **PAULO EGYDIO MANTINS**, em visita ao município no ano de 1978.

UM TETO. Na foto, Arruda recebe o governador **PAULO MALUF** para a cerimônia de entrega das primeiras casas populares dos funcionários públicos da prefeitura.





BEM-ESTAR PARA TODOS. Carlos Arruda

Garms conhecia as dificuldades enfrentadas tanto pelas pessoas do campo quanto da cidade. Em 1982, o prefeito recebeu a visita do governador de São Paulo, **JOSÉ MARIA MARIN**, que não apenas inaugurou a telefonia rural, como também autorizou a criação da Delegacia de Ensino de Paraguaçu Paulista, que antes pertencia à cidade de Assis.



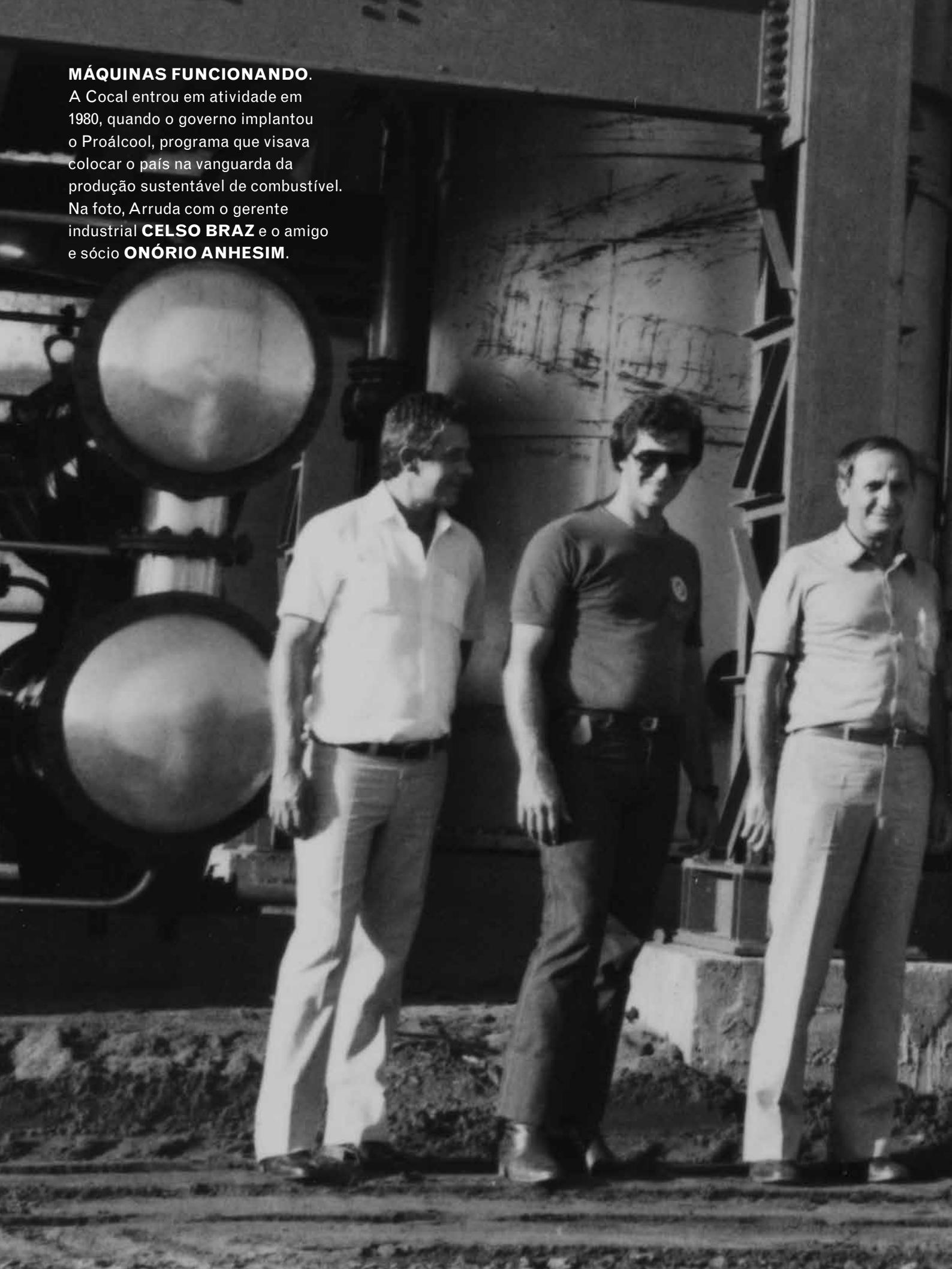
ALÉM DE PARAGUAÇU.

Sabendo da importância dos relacionamentos, Arruda ia com frequência a São Paulo, onde se encontrava com políticos como **ORESTES QUERCIA.**

MÁQUINAS FUNCIONANDO.

A Cocal entrou em atividade em 1980, quando o governo implantou o Proálcool, programa que visava colocar o país na vanguarda da produção sustentável de combustível.

Na foto, Arruda com o gerente industrial **CELSO BRAZ** e o amigo e sócio **ONÓRIO ANHESIM**.





**EM PLENO
CRESCIMENTO.**

Em 27 de julho de 1985, o parque industrial é inaugurado com a presença do próprio dr. **CAMILO CALAZANS MAGALHÃES**, presidente do Banco do Brasil, que também deu nome às instalações.





IZADE O
MIO. A COCAL
VISITA DO
MUNICÍPIO DE...

VEREADOR

O CANDIDATO

CANDIDATO:

SÓ NA LEGENDA
BAIXO COM X

PSB

VOTE



NOVA VITÓRIA.

Na segunda campanha eleitoral, no ano de 1988, depois de seis anos afastado da vida pública, Carlos Arruda concorreu tendo o funcionário do Banco do Brasil

ÉLIO MARSON como candidato a vice. Os dois chegaram à prefeitura com um total de 54% dos votos. Nesta imagem, os dois discursam em palanque para o povo de Paraguaçu Paulista.

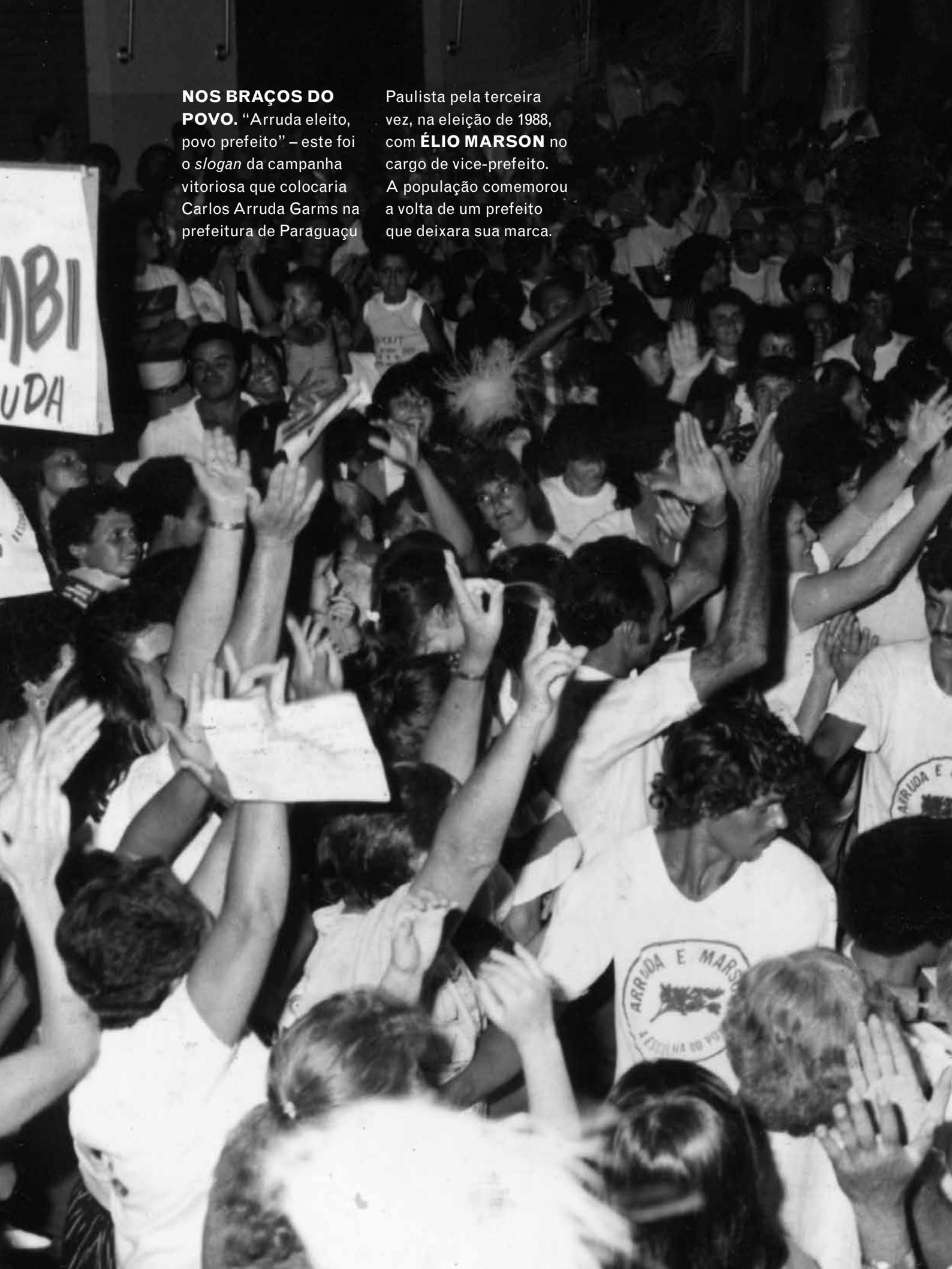


**OBSSESSÃO POR
MORADIAS.** Arruda anuncia o projeto para a construção de 700 casas populares, durante seu segundo

mandato. Viabilizar condições de habitação digna aos moradores da cidade sempre foi a maior preocupação pública do prefeito.

NOS BRAÇOS DO Povo. “Arruda eleito, povo prefeito” – este foi o *slogan* da campanha vitoriosa que colocaria Carlos Arruda Girms na prefeitura de Paraguaçu

Paulista pela terceira vez, na eleição de 1988, com **ÉLIO MARSON** no cargo de vice-prefeito. A população comemorou a volta de um prefeito que deixara sua marca.



PAT. SÃO
BENEDITO
COM ARRUDA
e MARSON

Gat
VILA
NOVA
ARRUDA
e MARSON

MARSON

ARRUDA

MARSON

ARRUDA

— 10 —

Coisas do coração



PERTO DE COMPLETAR 50 ANOS, CARLOS ARRUDA GARMS JÁ NÃO PODIA MAIS SE ACONSELHAR COM SEU NENÊ NEM BUSCAR A ORIENTAÇÃO DE SEU IRMÃO E MENTOR, DURVAL, AQUEM COSTUMAVA SER REFERIR

como “segundo pai”. Os dois, suas principais referências de vida, haviam partido. No entanto, ainda que não percebesse, Arruda já havia assimilado o melhor das lições que recebera de ambos. De Nenê preservara valores fundamentais, entre eles a importância do trabalho e a prioridade que a família representa. Do irmão “Neguinho” ficara a firmeza, a rapidez de raciocínio e o pragmatismo. Nenhum assunto era deixado para ser resolvido depois. O carinho protetor que Durval nutria pelos irmãos e pais deixou uma forte marca em Arruda, refletida no trato com filhos e netos.

Bira, Marcos, Yara e Evandro cresciam e eram incentivados a estudar pelas mãos cuidadosas de Almira. Marcos foi o primeiro a trabalhar com Arruda na Usina Cocal. Em 1984, aos 21 anos e ainda estudante de Agronomia na Fundação Gammon de Ensino, em Paraguaçu Paulista, o jovem dedicava-se a aprender o dia a dia da usina, contando com o exemplo valoroso do pai. Em 1985, Carlos Ubiratan se formaria engenheiro civil pela Universidade Mackenzie, em São Paulo, e logo passaria a integrar a equipe da empresa.

Trabalhar na usina da família não era a primeira opção dos filhos. Bira, por exemplo, já havia trabalhado em farmácia, papelaria e prestado estágio no Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de

São Paulo. Percebeu ali que seu conhecimento seria muito bem utilizado na Cocal. Perfeccionista, aprendeu com Arruda “a obstinação com o trabalho; a importância de não valorizar a preguiça, de conseguir as coisas com esforço, dedicação e honestidade; a cumprir compromissos; e a se dedicar à família”. Sempre viu no pai uma pessoa altruísta. “Ele não tinha nada para ele. Tudo o que fez foi para a família. Essas são as principais marcas do meu pai”, resume. Marcos também trabalhava com criação de cavalos e venda de gado. Aos poucos, porém, ambos perceberam que a presença deles seria vital na usina. Principalmente quando chegaram os tempos mais hostis.

Em 1986, o cenário para a Cocal não era dos mais animadores. A empresa vinha de uma expansão. Havia adquirido a massa falida de outra usina em Canoas, no Rio Grande do Sul. Desmontou seu parque industrial e transferiu para Paraguaçu Paulista, tudo sob a promessa de um crédito redentor do Banco do Brasil. No entanto, para frustração da família Garms, o empréstimo não aconteceu. A situação ficaria ainda pior com a disparada da inflação, recorrente à época no Brasil. Os jovens empresários Bira e Marcos tiveram como primeira experiência aprender a domesticar uma crise.

EQUILÍBRIO E PAIXÃO

Os anos longe de cargos eletivos deram a tranquilidade necessária para Arruda recuperar o equilíbrio financeiro de suas empresas, mas a paixão pela política latejava em seu peito. Mesmo longe da prefeitura, criticava a gestão rival por não ter conseguido dar a projeção merecida à cidade no cenário político. Costumava se queixar de que, em seu primeiro mandato,

Paraguaçu Paulista recebia mais atenção do governador e dos ministros. Os recursos eram mais generosos e a cidade despontava como uma das principais do interior paulista. Os filhos não gostavam. A vida política, sabiam, não era fácil.

Além disso, a saúde do empresário começava a despertar preocupações. Na época, Arruda e a família planejavam uma viagem aos Estados Unidos para visitar Evandro, que fazia curso de intercâmbio naquele país. Queriam visitar o caçula, mas antes, por precaução, resolveram consultar um médico em São Paulo – uma dor “esquisita” no peito preocupava Arruda e Almira. O cardiologista foi enfático: seria necessária uma cirurgia.

— Mas doutor, posso ir aos Estados Unidos ver meu filho? — perguntou Arruda, ainda sem se dar conta da gravidade do problema.

— Se você sair do hospital e morrer, o problema será só seu — advertiu o médico, já acostumado com o inquieto paciente.

Foram trinta dias de internação, e depois a viagem a Nova York para visitar Evandro.

Apaixonado pelo xadrez político, Arruda sabia que mais cedo ou mais tarde retornaria a ele, o que aconteceu em 1988. O apelo vinha da própria população de Paraguaçu Paulista. No dia 20 de novembro, 7.430 votos (54% do eleitorado de Paraguaçu Paulista) reconduziam Carlos Arruda Girms à prefeitura.

Naquele ano tão agitado, Arruda decidiu depositar nas mãos do filho Evandro a administração da Copa Automóveis. Desde a adolescência, o filho já se interessava pela concessionária. Costumava vender alguns carros e participava dos cursos de sucessão oferecidos pela Volkswagen. “A gente tem ‘sangue nos olhos’ para o desafio, para novas conquistas.

Isso vem desde o meu avô. O que nos move não é a sede pelo dinheiro, mas pelo desafio”, explica Evandro.

TRABALHO COMO CREDENCIAL

Certo dia, em 1990, a mesa do almoço dominical ficou mais numerosa: Demétrio Cavlak, filho de um comerciante da cidade de Lucélia e estudante de Agronomia no Instituto Gammon, estava ali por um motivo especial.

— Olha, na verdade, vim aqui para pedir para namorar sua filha — disse o jovem, alternando o olhar entre Yara e o prefeito, mais sério do que o costume.

Arruda continuou a comer, como se não tivesse atinado ao pedido.

— Você faz o quê? — perguntou Arruda.

— Estudo Agronomia e meu pai tem uma “lojinha de turco”. Lá ele vende gás de cozinha, material de construção...

— Mas você trabalha? — insistiu Arruda, apertando o cerco.

— Ah, sim. Sempre trabalhei muito.

Arruda então desfez um pouco o semblante fechado.

— Tudo bem, pode namorar.

Ser trabalhador e honesto: eram estas as credenciais que ele desejava em qualquer pretendente ao coração da filha. E a sisudez fazia parte da liturgia, talvez para disfarçar o coração sensível. Em 1992, quando Yara casou-se com Demétrio, Arruda já era só sorrisos. A felicidade mais uma vez visitava a família Garms.

Naquele mesmo ano, ao fim do segundo ciclo à frente da Prefeitura, Arruda sentia que era o momento de dedicar atenção especial à família

e às empresas. Foi então que Carlos Ubiratan assumiu a diretoria administrativa e financeira da usina. A Cocal, produtora de álcool e açúcar, estaria agora nas mãos de Marcos e Bira.

Em 1993, no entanto, foi a vez da tristeza bater à porta. No dia 11 de setembro, às seis da manhã, um ataque cardíaco levaria deste mundo a mãe, dona Anna Zorzan, a querida “vó Nina”, que sempre mantinha aceso o fogão a lenha com quitutes e refeições para quem chegasse em sua casa; a “Onça Véia”, como dizia Nenê Garms ao brincar com a esposa.

Dois anos depois, outra tragédia: na mesma estrada onde Elpídio morreu, o caçula do casal Wanderley e Norma, chamado Waldiney, também perdeu a vida em um acidente de carro. Mesmo sofrendo com as perdas, Arruda sabia que tinha de ser forte para ajudar os irmãos.

PROMESSA

Sempre arrojado na política, Arruda vislumbrou o sucesso do Médico da Família, programa do governo federal, sendo um dos primeiros a implantá-lo. Trouxe duas médicas cubanas, com as quais costumava almoçar aos domingos. Também foi um dos pioneiros a abraçar o programa de municipalização do ensino. Dizia: “Quando você investe em um aprimoramento, paga o preço de não ter um modelo a seguir. No entanto, colhe os frutos em produtividade que os outros não vão alcançar. Você está sempre à frente”.

Era consenso entre os filhos que a política trazia mais dissabores do que alegrias, mas Arruda a tratava como uma espécie de missão divina. Todo o seu empreendimento, seus esforços, desgastes emocionais, físicos

e financeiros eram uma resposta, uma forma de agradecer à cidade que o transformara de “um menino de calças curtas da Barra Funda” em um próspero empresário. Evandro, o filho mais novo, morava com Arruda e Almira. Confidente do pai, fez a ele uma proposta inesperada. O ano era 1996. “Por favor, me prometa nunca mais concorrer a um cargo público.” Combinado. Ninguém, nem os irmãos de Evandro, sabiam da promessa que o pai fizera. Mas ele falava em nome de todos os irmãos que sabiam da necessidade do pai nas empresas e, principalmente, a importância que tinha no convívio familiar, já que a vida pública ocupava boa parte de seu tempo.

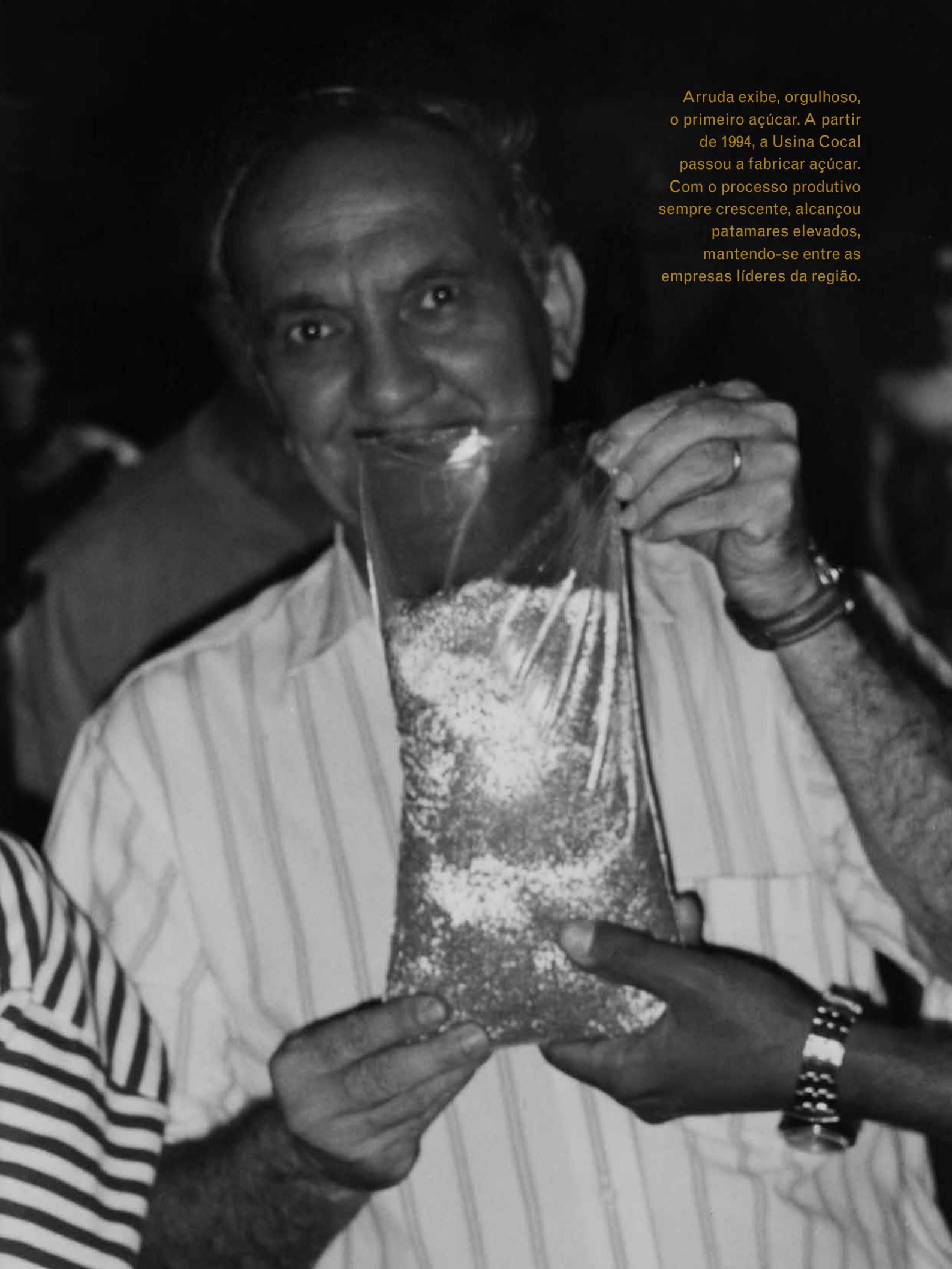
Outro nome foi lançado pela coligação do partido à 12^a legislatura da cidade. Entre a família, quase ninguém acreditava: seria dessa vez que ele não concorreria mais? Evandro guardava em segredo a promessa, mas doía em seu coração perceber a angústia do pai. Arruda não desonraria a palavra, mas isso não o impedia de sofrer e chorar. “Se você quiser sair candidato, pode sair”, disse o filho num breve telefonema, liberando o pai da promessa. Era o que Arruda esperava.

Outra vez no pleito, ele estava muito bem acompanhado. Almira Ribas Garms, que já atuava fortemente na área de assistência social, resolveu tentar uma vaga no Legislativo. Arruda para prefeito e Almira para vereadora – a dobradinha deu tão certo que, nas eleições de 3 de outubro daquele ano, Arruda venceu com 59% das intenções de votos e Almira, com recorde de votação para um vereador.

Com os dois, Paraguaçu Paulista conquistou uma enorme vitória política: em 5 de março de 1997, o município foi elevado a estância turística,

NAS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO ARRUDA VENCEU COM 59% DAS INTENÇÕES DE VOTOS E ALMIRA, COM RECORDE DE VOTAÇÃO

categoria recebida por apenas 29 cidades paulistas. O feito atraiu mais investimentos privados para a “Princesinha da Alto Sorocabana”, além de mais verbas oriundas do Departamento de Apoio e Desenvolvimento das Estâncias (DADE), órgão específico para estâncias turísticas do governo estadual de São Paulo. ■



Arruda exibe, orgulhoso,
o primeiro açúcar. A partir
de 1994, a Usina Cocal
passou a fabricar açúcar.
Com o processo produtivo
sempre crescente, alcançou
patamares elevados,
mantendo-se entre as
empresas líderes da região.

A FAMÍLIA COMO

BASE. Nesta foto, um registro realizado em 1993, Arruda está cercado dos filhos, todos já adultos e encaminhados. Mesmo dedicando tempo e energia ao trabalho, ele se preocupava em manter a união da família. Da esquerda para a direita, **MARCOS, YARA, BIRA, ARRUDA e EVANDRO.**







MAIS CASAS PARA

O POVO. O então

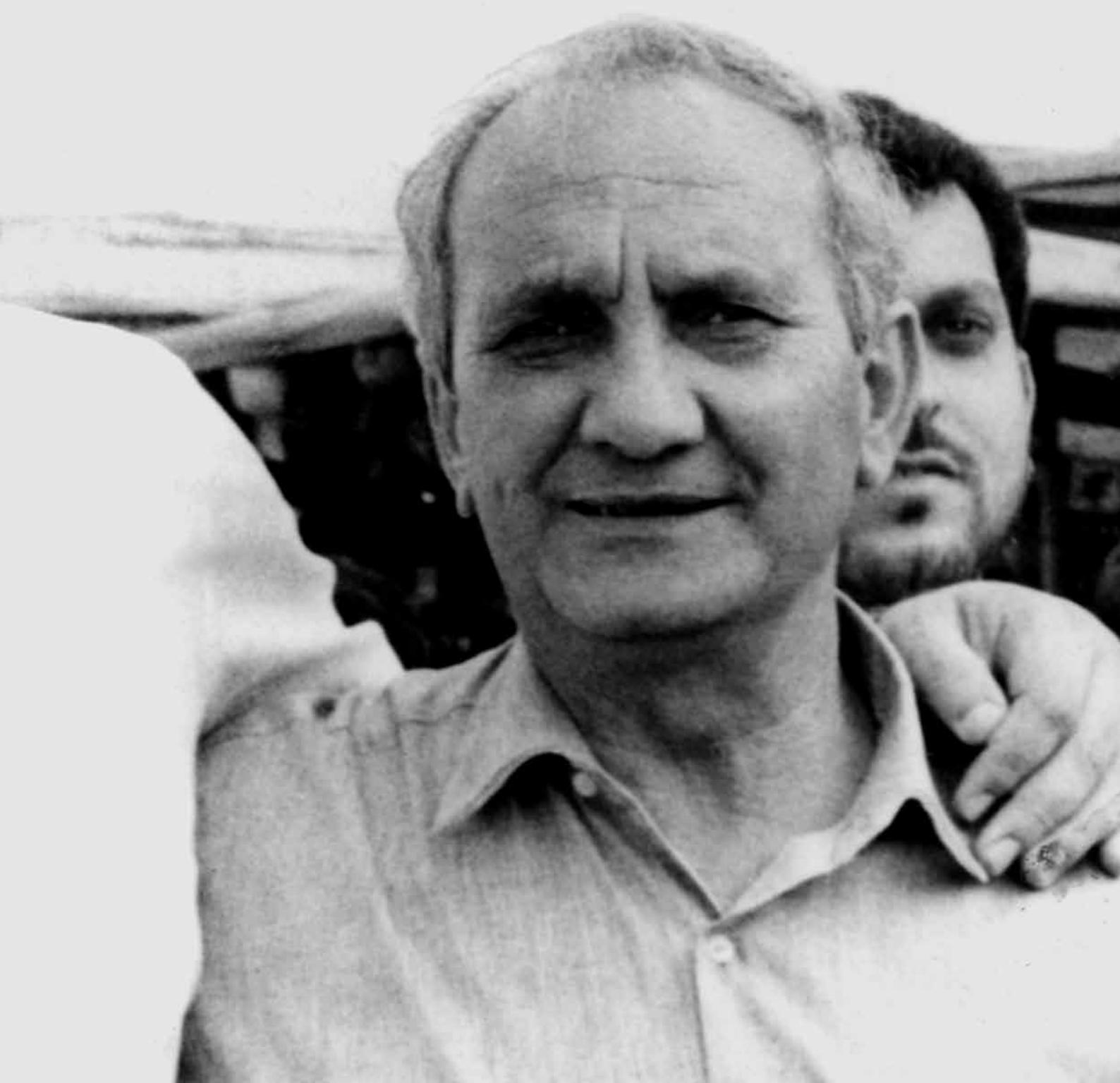
governador **LUIZ**

ANTÔNIO FLEURY

FILHO na entrega do

Conjunto Habitacional

Jardim Murilo Macedo.



O sonho de Arruda vira
realidade em Paraguaçu Paulista.
Vista aérea dos conjuntos
habitacionais **VILA GAMMON,**
FRANCISCO ROBERTO
JARDIM MURILLO MACEDO,
JOSÉ MACHADO DE
CAMPOS FILHO e
ANTÔNIO PERTINHEZ.





CONJUNTO HABITACIONAL
GENERAL JUAN DE DIOS MACEO



COMÍCIO VITORIOSO. Em 1996 a chapa composta por **CARLOS ARRUDA GARMS** e **JOSÉ GERALDO FEIJÃO VILELA**

PARIS FORNAZA, ou simplesmente Feijão, foi a vencedora das eleições municipais, com 59% dos votos. Nessa Legislatura, a 12^a, a cidade foi elevada a estância turística, o que atraiu investimentos ao município.

O 'V' DA VITÓRIA.

Mãos erguidas para celebrar mais uma conquista de **CARLOS ARRUDA GARMS**, que ladeado de **FEIJÃO**, governaria a cidade de janeiro de 1997 a dezembro do ano 2000.



DUPLA VITÓRIA. Em mais um comício, Arruda exibe o gesto tradicional durante a campanha que o levaria à prefeitura de Paraguaçu Paulista pela terceira vez – fato inédito na cidade – com

um total de 59% dos votos. No mesmo pleito, Almira seria eleita vereadora pela primeira vez, sendo a candidata mais votada daquela eleição.









NA ROTA DA POLÍTICA. Em 1998, o governador **MÁRIO COVAS** visitou Paraguaçu Paulista para participar da cerimônia de entrega das casas populares construídas no Conjunto Habitacional Humberto Soncini. A cidade consolidava sua posição como uma das mais importantes do noroeste paulista.

A group of people in a modern office setting, looking at a large screen displaying a presentation slide with the number 11.

— 11 —

Crises como oportunidades

COMO TODA PAIXÃO, A POLÍTICA PROPORCIONA ALEGRIAS, MAS TAMBÉM TEM SEUS CAPRICHOS E SURPRESAS, QUE CARLOS ARRUDA GARMS CONHECIA COMO POUCOS. EM SUA TERCEIRA VENTURA COMO PREFEITO,

o que parecia um mandato tranquilo revelou-se um enorme desafio – talvez o maior em toda a sua carreira como homem público.

O ano era 1999, o último em que ocuparia o cargo de mandatário do executivo municipal de Paraguaçu Paulista. Ousado, Arruda decidiu encaminhar um projeto polêmico à Câmara de Vereadores: queria repassar a gestão do tratamento de água, até então municipal – o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (S.A.A.E.) –, para a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, a Sabesp, empresa de economia mista responsável pelo fornecimento de água, coleta e tratamento de esgotos de 364 das 645 cidades paulistas.

Do alto de toda a sua habilidade e experiência como administrador e homem de negócios, Arruda fez as contas e concluiu que o melhor caminho seria terceirizar o serviço. A cidade não dispunha de condições estruturais e econômicas para prestar um atendimento de qualidade à população. A inadimplência era grande. “Se tinha 100 mil reais de lançamento, recebia 50 mil. Alguns ficavam dois, três anos sem pagar a conta de água, além de muita *gambiarra*”, explicava.

O serviço foi entregue à Sabesp, mas a decisão municiou seus adversários políticos. No ano seguinte, durante as campanhas eleitorais, seus

opositores inflamaram a população, afirmando que Arruda teria “vendido” um patrimônio da cidade. De nada adiantava explicar que a empresa de saneamento tinha muito mais competência para administrar o serviço, nem mesmo que investiria R\$ 10 milhões, comprometendo-se a trocar as velhas tubulações cheias de defeitos que levavam a uma absurda taxa de desperdício de 40% da água captada. A cantilena adversária era mais forte.

Mesmo assim, Arruda continuava subindo aos palanques para defender sua decisão e explicar que a medida só traria benefício a Paraguaçu Paulista e que, em trinta anos, o contrato de comodato terminaria e então a Prefeitura receberia de volta a rede de saneamento modernizada, sem custos para o erário. O esforço de Arruda, porém, foi em vão. Desconfiados, os eleitores preteriram Arruda pela primeira vez desde 1976, quando estreara à frente da prefeitura. Numa disputa acirrada, 10.771 eleitores votaram no médico Edivaldo Hasegawa, enquanto outros 9.127 decidiram pela permanência de Arruda. A política revelava sua face mais cruel e rejeitava a paixão do homem que até então lhe dedicara mais de duas décadas de tempo, energia e talento.

Mas as eleições não promoveram somente dissabores na vida de Arruda. A esposa, Almira, seguia sua carreira política vitoriosa. Foi reeleita como vereadora (novamente a mais votada) e cada vez mais se tornava uma referência política na cidade, ao lado do marido – ao contrário dos filhos, que se distanciavam a cada dia da vida pública e partidária. Para Bira, Marcos, Yara e Evandro, estava bem claro que a melhor contribuição que podiam oferecer a Paraguaçu Paulista era cuidar do legado empresarial do pai. Foi por essa razão que a consultoria convocada para redigir um novo contrato entre os filhos acionistas incluiu uma cláusula

que ganharia força de decreto: todos estavam proibidos de concorrer a cargos políticos. Quem descumprisse a regra deveria deixar a empresa.

ENERGIA PARA O BRASIL

Distante da administração pública, Arruda encontrou o tempo de que carecia para preparar a Cocal para o futuro. Apesar de, na época, a produção de energia ser um negócio incerto e pouco rentável, ele equipou seu maquinário para essa finalidade. As consultorias contratadas pela empresa indicavam que esse poderia ser o caminho para a expansão. “É preciso pensar em caldeiras de alta pressão. Pensar em linhas de alta tensão para suportar a energia”, diziam. A ideia prosperou entre Arruda e seus filhos. A empresa construiu uma linha de 21 quilômetros de alta tensão.

Em 2001, o governo faria uma chamada pública nos jornais para energia emergencial na crise que ficou conhecida como “apagão”. Era setembro e os interessados deveriam ter tudo pronto em seis meses. Como a Cocal se antecipara, foi a primeira usina da região Centro-Sul a firmar contrato com o governo para fornecimento de energia. E isto com recursos próprios. Mais uma vez, a tenacidade de Arruda – agora refletida no trabalho dos filhos – gerou riqueza e empregos para a região.

A sensibilidade de Carlos Arruda Garms nos negócios transcendia suas obrigações nas empresas ou na administração pública. Criou hábitos familiares, como *passar* pela cidade com a esposa para observar as necessidades e os progressos da comunidade. Às vezes, sua companhia eram os netos. Era comum dar *aulas* a eles sobre como negociar. Certa vez, passou diante de uma funerária e comentou: “Para o dono ter seu

lucro e sobreviver, é preciso um número x de mortos na cidade por dia. Mas não temos esse número de óbitos por aqui. Como ele vive?”, confabulava, tentando encontrar respostas para a equação. Outro costume de Arruda era levar os netos à Cocal. Com muito orgulho, falava sobre as realizações da empresa e apresentava não apenas números e instalações, como também todos os funcionários que encontrava pelo caminho.

Mesmo sendo um comerciante e empresário bem-sucedido, Arruda jamais se valia de sua próspera condição para defraudar o próximo nem para levar vantagem em algum negócio. Costumava dizer que um bom negócio é aquele que beneficia ambas as partes. Nunca arrematava nada em leilão. Desta maneira, acreditava, estaria “empurrando o outro para a sarjeta”, e isto Arruda não admitia. Nem mesmo os argumentos de amigos, incentivando-o a participar de pregões de bens desapropriados pela Justiça, conseguiam convencê-lo:

— Arruda, o sujeito vai perder o bem pra outro de qualquer forma — argumentou certa vez o advogado Arnaldo Mapelli.
— Pois que perca pra outro, não pra mim — alegava.

A generosidade de Arruda era espontânea, sem gestos espalhafatosos para chamar a atenção das pessoas. Ele não costumava falar de suas iniciativas altruístas nem as usava como *marketing* político. Mesmo assim, todos na cidade conheciam essa sua faceta. Desde que começou com a torrefação Café Conde, tirava parte de sua produção para doar a famílias carentes. Agora usineiro, ele *apostava* com os cortadores de cana: “Quem cortar mais cana vai ganhar uma geladeira de presente”, prometia.

MESMO SENDO

UM EMPRESÁRIO

BEM-SUCEDIDO, ARRUDA

JAMAIS SE VALIA DE SUA

PRÓSPERA CONDIÇÃO

PARA LEVAR VANTAGEM

EM ALGUM NEGÓCIO

Se alguém tivesse algum tipo de problema, nunca saía sem direção. Foi assim quando, em 2004, um homem desempregado e que tinha seu pequeno filho doente o procurou. Precisava de tratamento médico para o menino, mas não encontrava vaga nos hospitais da região com UTI infantil. Em minutos, Arruda mobilizou seus contatos e encaminhou a criança a Presidente Prudente, onde foi tratada e curada.

No mesmo ano, outra família ficou em choque após um acidente de automóvel que vitimou um rapaz. O homem corria o risco de ter suas pernas amputadas e o hospital onde estava, em Juará (MT), não tinha condições de atendê-lo adequadamente. Arruda soube do caso e, depois de algumas ligações, conseguiu a transferência do rapaz para Paraguaçu Paulista, onde foi atendido e se recuperou. Arruda era capaz de fazer tudo isso sem mesmo saber quem era a pessoa, seu sobrenome ou sua origem. Ajudava porque sentia que devia. Era sua obrigação. “Deus é muito bom comigo”, justificava.

Anos antes, ainda prefeito, recebera uma ligação do genro Demétrio. Era início da noite, e pela voz embargada e assustada, percebeu que a notícia não era boa: uma criança fora atropelada por um dos caminhões da prefeitura. Como a cidade não dispunha de unidade de terapia intensiva infantil, as chances de sobrevivência seriam mínimas.

— Você tem talão de cheques aí? — Arruda quis saber.

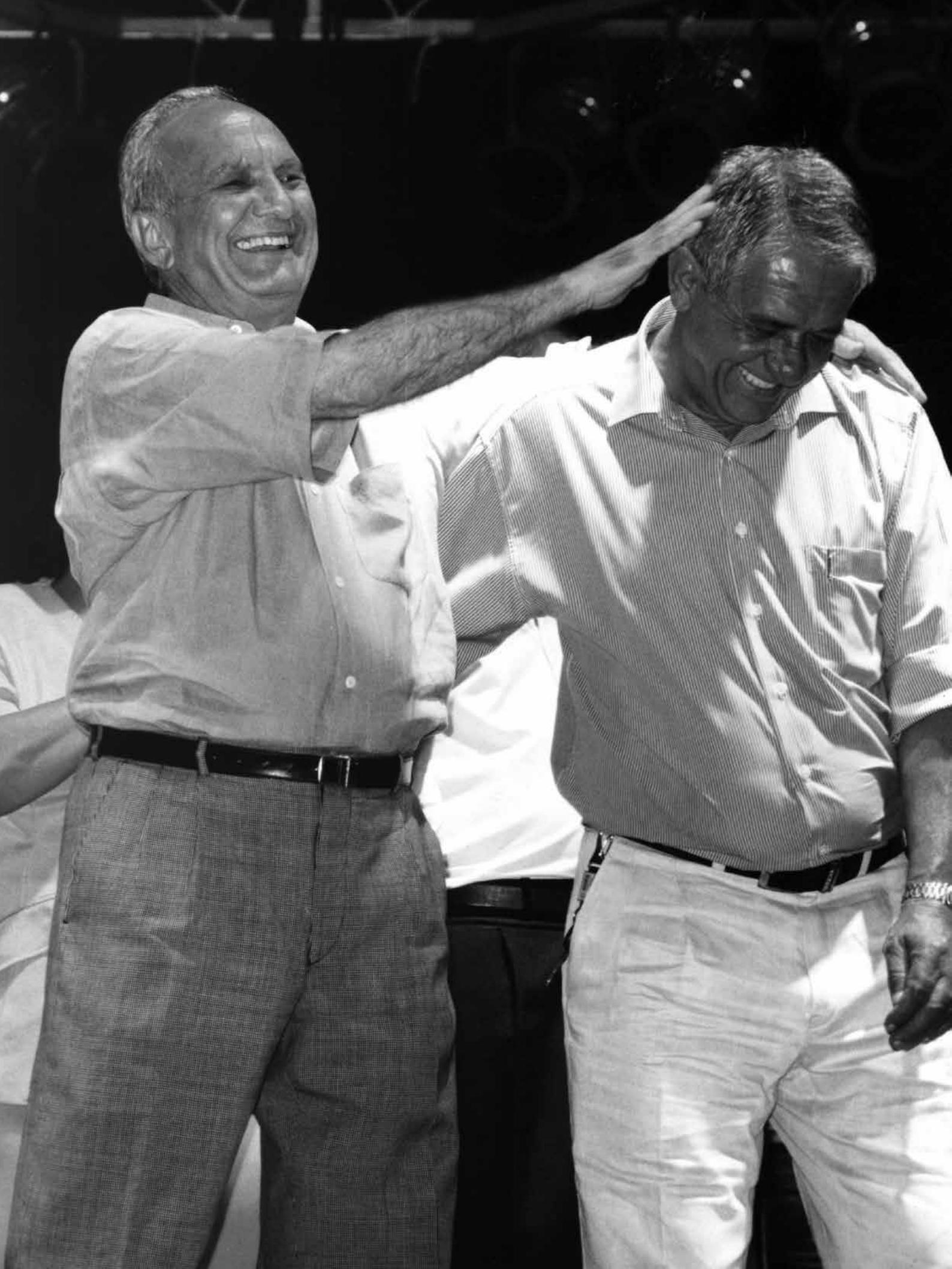
— Tenho — respondeu Demétrio.

— Então tá esperando o quê?

Se a cidade não dispunha de uma UTI infantil para aquela emergência, um centro hospitalar particular de Marília tinha. Era para lá que a criança deveria ser levada. Assim foi feito, e o menino se recuperou.

Autêntico, Arruda nunca se abalava com as notícias, fossem elas boas ou más. Andava pelos canaviais e conversava com todos ao redor. Costumava fazer traquinagens com seu funcionário Ditão da Moenda, mecânico habilidoso que identificava o defeito das máquinas apenas pelo barulho. Era comum o patrão, de brincadeira, *roubar* as paçocas que Ditão escondia.

Arruda também não admitia a corrupção. Era implacável quando percebia a ação de pessoas que queriam se aproveitar da proximidade do poder para saquear os cofres públicos. Por isso, mesmo passando o período de 2001 a 2004 longe da prefeitura, ele sabia que a cidade precisava de seu trabalho. Por isso, mais uma vez saiu candidato. Disputaria as eleições para perseguir o quarto mandato como prefeito da cidade que tanto amava. ■





PAUSA FORÇADA. Comício da campanha de 2000, a única vez em que Arruda saiu derrotado das urnas. O político foi atacado pela oposição pelo fato de ter passado a concessão dos serviços de água e esgoto para a Sabesp.

FIEL COMPANHEIRO.

CARLOS ARRUDA

GARMS brinca com o amigo e candidato a vice

ONÓRIO ANHESIM,

com quem contou pela maior parte de sua vida como empresário.





**RECONHECIMENTO
DE UM HOMEM DE
VALOR. CARLOS
ARRUDA GARDS**
ladeado pelos ministros
JOSÉ SERRA, da
Saúde, **PAULO**
RENATO, da Educação,
e **ZECA SANTILLI**,
deputado da região,
para a inauguração da
Escola Célio Rodrigues
Siqueira, em cerimônia
realizada em 1999.
O nome do educandário
era uma homenagem em
vida ao reverendo Célio,
grande conselheiro e
amigo de Arruda.



MAIS PIONEIRISMO. Inauguração da Cocal Termoelétrica, em dezembro de 2001, a primeira usina da região a trabalhar com a produção de energia a partir do bagaço da cana. Na foto, **CARLOS ARRUDA GARMS** com o governador **GERALDO ALCKMIN**, o deputado federal **EDSON APARECIDO** e o secretário de Abastecimento do Estado de São Paulo, **MAURO ARCE**.



ENTRE AMIGOS. Sempre buscando apoio do governo estadual para Paraguaçu Paulista, Arruda ia constantemente ao Palácio dos Bandeirantes. Na foto, o político com o governador **GERALDO ALCKMIN** e o deputado **EDSON APARECIDO**.

ELEGÂNCIA E TRABALHO. O então secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, João Carlos de Souza Meirelles, conversa com o prefeito Carlos Arruda Garms, durante visita à cidade de Paraguaçu Paulista no ano de 1999.





NO TRILHO. A reforma do trem turístico “Moita Bonita” foi uma das iniciativas de Arruda que possibilitaram à cidade receber o título de Estância

Turística, em março de 1997. A importante conquista garantiu aportes financeiros do Estado para a promoção do turismo regional.



O SABOR DA AMIZADE. O deputado **ALDO REBELO** e a esposa, d. **RITA**, na companhia de **CARLOS ARRUDA**, na Pizzaria Dardanella, a principal

de Paraguaçu Paulista e considerada a melhor de toda a região. Os casais posam ao lado dos proprietários, Lourimar e Neuseli, em foto de janeiro de 2009.



— 12 —

Despedida



O NOVO MILÊNIO COMEÇOU TRAZENDO UMA PREOCUPAÇÃO RECORRENTE NA FAMÍLIA GARMS: O CORAÇÃO. O ENFARTE VITIMARA NENÊ, DONA NINA E DURVAL, E ARRUDA JÁ TINHA DUAS PONTES DE SAFENA.

Todos sabiam que a saúde dele inspirava precauções. No entanto, o próprio cuidado, em certa ocasião, revelou-se uma experiência traumática.

No fim do ano 2000, Arruda teve que passar por uma cirurgia para substituir as pontes de safena colocadas uma década antes. O que deveria ser uma intervenção simples se tornou um enorme problema. Durante o procedimento de cateterismo, Arruda sofreu um enfarte. Perdeu quatro litros de sangue e teve de ser encaminhado para a Unidade de Terapia Intensiva. Durante aquela madrugada, os médicos praticamente o desenganaram. Dona Almira ligou para os filhos e os chamou. Queria que todos estivessem preparados no caso de o pior acontecer. Com a manhã, porém, veio a esperança. Arruda tinha boas chances de sobreviver.

A recuperação foi gradual, e quanto mais melhorava, mais Arruda se envolvia com a retomada de suas atividades normais. Do hospital ligava para assessores e para os gabinetes no Palácio dos Bandeirantes. Queria resolver tudo dali mesmo. “E não havia nada que pudéssemos fazer para demovê-lo da idéia”, lembra a filha Yara. Carlos Arruda Garms era exatamente assim.

Os anos seguintes foram dedicados à ampliação de sua “Canaã”. Desde que atravessou o córrego São Mateus e comprou as terras do

senhor Jacó, instalando ali a Comércio Indústria Canaã Açúcar e Álcool – a Usina Cocal –, milhares de empregos foram gerados. Cerca de quatorze cidades foram diretamente beneficiadas com a presença da indústria. Com a distância da política de 2001 a 2004, Arruda aproveitou para construir a segunda unidade da Cocal. Desta vez, a cidade escolhida foi Narandiba, distante cerca de 150 quilômetros de Paraguaçu Paulista. Dos 5 mil habitantes, metade trabalha hoje na usina.

O RETORNO

Aparentemente, o empresário Arruda não tornaria mais a conviver com o político Arruda. Contudo, em meados de 2004, o que se ouvia nas ruas era um insistente clamor por seu retorno à prefeitura, na época governada por oposicionistas. E a voz do povo, como não poderia deixar de ser, souu como um chamado ao qual não podia se esquivar. No início de julho daquele ano foram definidas as composições das chapas. Arruda teria como vice seu amigo, o doutor Ediney Queiroz. E, como era esperado, venceu com tranquilidade a eleição, obtendo 11.126 votos, o que representava 48,9% do eleitorado.

Almira também foi eleita nesse pleito. E com sobras. Foi a vereadora mais votada, atingindo quase o dobro de votos do vereador que ocupou o segundo lugar. Logo no primeiro biênio, foi conduzida à Presidência da Câmara e desengavetou um ousado projeto para a construção da nova Casa Legislativa. O belo e moderno prédio se transformou num belo cartão-postal de Paraguaçu Paulista.

Governando com austeridade e coragem, Arruda dedicou o quarto mandato como prefeito à restauração da malha rodoviária da zona rural.

Investiu também na área da saúde, acrescentando leitos à UTI; recuperou a antiga estação da Fepasa, de Paraguaçu e Sapesal, colocando nos trilhos a histórica locomotiva inglesa “Maria Fumaça”, sonho antigo da cidade, que tinha na linha férrea suas lembranças mais românticas na vocação turística, doada pela sra. Lina Giorgi Leuzzi. Arruda ainda revitalizaria o Cine Teatro e também o matadouro municipal. Costumava dizer que não se preocupava com o varejo, e sim com o atacado. Por isso, suas obras eram pontuais e estruturais, e não malabarismos políticos para impressionar ou ganhar eleições.

Arruda era um homem extremamente simples, autêntico e com um sentimento de missão, muito austero quando se tratava de gasto público. “Nunca gastava mais do que arrecadava. Vivia fazendo contas”, recorda Almira. Nos tablados de madeira de onde fazia seus discursos, falava com emoção. Sempre usando calça social, camisa com listras ou xadrez discreto, na maioria das vezes na cor azul, dominava aquele ambiente como poucos. Discursava de forma transparente, abominava a dissimulação. Apresentava-se sempre gentil, elegante e perfumado.

Com a chegada do fim do ano, a família foi passar férias em Alagoas. A contragosto, Arruda também foi. Depois de uma semana, no dia 29 de dezembro, o prefeito retornou a Paraguaçu Paulista. Seu fim de ano tinha de ser ali, ao lado da Fonte Luminosa, próximo de seu povo. E foi o que fez. No primeiro dia de 2008, uma chuva de granizo destruiu o telhado de oitocentas casas. Arruda estava lá e rapidamente mobilizou suas secretarias para socorrer as famílias. “Não sabia por que tinha ido, mas ainda bem que estava ali quando tudo aconteceu”, chegou a recordar.

Ainda em 2008, era dado como certo que alcançaria um feito inédito na cidade: a reeleição para a quinta legislatura à frente da administração

municipal. Era o político mais influente e respeitado da região. Os panfletos e o material de campanha já haviam sido confeccionados. Seu nome estava inscrito e todos aguardavam seus discursos públicos. Mas Arruda não faria nenhum pronunciamento naquela eleição.

Dias antes da reta final da campanha eleitoral, Arruda sentiu uma forte dor no peito. Estava em casa, na cozinha. Chamou Almira com um gemido agudo e doído e prostrou-se no piso gelado próximo ao fogão. Foi socorrido às pressas no pronto-socorro de Paraguaçu pelo dr. Paulo Kato e levado a Marília. Os médicos diziam que ele não suportaria uma viagem até São Paulo. A decisão ficou por conta da família. Yara, Bira, Marcos e Evandro preferiram correr o risco e o levaram de avião até o Incor. Lá foi operado, e em duas semanas se recuperou.

Mas em Paraguaçu Paulista o boato que corria pelas ruas era o de que Arruda morrera. Em bares, praças, escolas e todas as esquinas, o comentário era o mesmo. “Arruda morreu. Vocês vão votar num defunto”, espalhavam os opositores. “As pessoas não viam o Arruda na rua, na prefeitura. Então começaram a acreditar que ele tivesse mesmo morrido”, contou o jornalista Augusto Reis, diretor de redação do jornal *Folha da Estância*.

Menos de duas semanas antes das eleições, Arruda voltou a Paraguaçu. Um dia antes da votação, uma carreata percorreu as ruas da cidade. No jipe dianteiro, Arruda acenava. Durante duas horas, seus eleitores mais temerosos puderam comprovar que ele estava vivo e pronto para mais uma eleição. Com 58% dos votos, o menino de calças curtas

**SUAS OBRAS ERAM
PONTUAIS E ESTRUTURAIS,
E NÃO MALABARISMOS
POLÍTICOS PARA
IMPRESSIONAR OU
GANHAR ELEIÇÕES**

da Barra Funda entrou de vez para a história da cidade. Arruda permaneceu no cargo por escolha de 13.577 eleitores.

No primeiro ano do quinto mandato, contrariando a lógica, o ritmo de Arruda parecia mais intenso. Iniciou a reforma no terminal rodoviário e a ampliação do hospital municipal. Consegiu levar à cidade a Escola do Serviço Social da Indústria (Sesi). Pelo segundo ano consecutivo, a cidade recebeu o prêmio do Índice de Responsabilidade Fiscal, Social e de Gestão, o IRFS 2008-2009, destacando-se entre as dez primeiras deste *ranking* no país. Era preciso realizar, como se fosse tomado por um senso de urgência. Parecia antever o pouco tempo que ainda lhe restaria.

Almira era, mais uma vez, a presidente da casa legislativa. Nascia também a bisneta, Lara, e a neta, Manuela, filha do caçula Evandro e da nora Janaína. Por quase dez anos, o casal tentou ter filhos, por isso o nascimento da pequena Manuela trouxe ainda mais vida ao prefeito que, aos 69 anos, só tinha palavras de gratidão sobre a vida.

Em dezembro de 2009, Arruda era um homem que irradiava felicidade. Dormia quatro horas por noite, mantinha a fé e o coração grato, lutava pela união de sua família. Tudo valia muito a pena. Por isso, reunia 6 mil pessoas na unidade da Cocal e promovia uma tarde de louvor e gratidão a Deus. Todos os anos eram assim. Ele encerrava agradecendo a Deus por seus funcionários e pela generosidade na colheita.

Mas aquele ano era especial. A primeira unidade da Cocal fechou com produção de 3 milhões de toneladas de cana moída, enquanto a unidade de Narandiba produzira 2,5 milhões de toneladas. Arruda subiu até o alto de uma torre para conseguir alcançar sinal no celular. Ligou para os filhos e comemorou aquele momento. Suas frases prediletas eram: “Estou com vocês”, o que sempre dizia aos funcionários e munícipes.

“Deus proverá” e “Quero olhar nos olhos depois de anos e não me envergonhar do que fiz” também faziam parte de seu repertório.

O LEGADO

O ano de 2010 irrompeu em clima de festa. Arruda, com 70 anos de idade, completaria cinco décadas de casamento. Para isso, era necessário cuidar da saúde. Por isso, no dia 4 de fevereiro, Arruda, Almira e Yara foram ao cardiologista David Pamplona, do Incor. Depois de tantas consultas e internações, já se tornara amigo de Arruda. Yara entrou com o pai. Almira esperou do lado de fora do consultório. O médico demonstrava preocupação com o resultado dos últimos exames de saúde. Pediu que Arruda retornasse na segunda e não voltasse a Paraguaçu Paulista.

O prefeito ouvia atentamente, mas parecia não se dar conta de seu quadro real. De lá seguiu para o Palácio dos Bandeirantes. Foi também à Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) discutir a questão das quatrocentas casas que seriam construídas na cidade. No domingo, foi até o apartamento de Yara, onde almoçou com a filha e o genro Demétrio.

Por alguns minutos, Arruda começou a se lembrar das coisas que tinha vivido. Contava com gratidão como foi a conquista da torrefação e como “a mão de Deus” o guiara até ali. Falou das transformações da cidade, dos filhos e netos, dos exemplos da bondade de Deus. Arruda agradecia ao Criador e o reconhecia como grande responsável por fazer do menino nascido num bairro pobre de uma cidade pequena um bem-sucedido empresário e homem público. Yara e Demétrio observavam enquanto Arruda discorria sobre a vida. Era como se uma janela

tivesse sido aberta e sua história passasse por ela. Os três se emocionaram, choraram e agradeceram a Deus. “Meu pai fez uma declaração de amor e gratidão a Deus”, lembra Yara.

Naquela madrugada, Arruda sentiu dores e pediu para ser levado ao Incor. Às sete da manhã, um aneurisma abdominal marcava o fim da vibrante trajetória do prefeito de Paraguaçu Paulista. Do empresário hábil e de grande consciência social. Do pai de Bira, Marcos, Yara e Evandro. Do esposo de Almira. Do filho de seu Nenê Garms e dona

**ARRUDA TINHA NO SEU
CORAÇÃO BEM CLARO
QUE A RIQUEZA MAIOR
QUE CONSTRUÍRA
FORA SUA FAMÍLIA**

Nina. A história do menino nascido e criado na Barra Funda terminava ali. Sua morte atingiu a todos de surpresa.

O corpo foi levado no mesmo dia, por volta das cinco da tarde, de volta a Paraguaçu Paulista, onde foi velado na recém-inaugurada Câmara Municipal. A cidade chorava.

Autoridades políticas, como o governador Geraldo Alckmin, o senador Aloysio Nunes, os deputados Aldo Rebelo e Edson Aparecido, o secretário Xico Graziano, além de muitos outros amigos da administração pública e do setor empresarial, compareceram para prestar a homenagem derradeira.

Por toda a noite, milhares de pessoas passaram por ali, honradas por terem vivido na mesma geração em que Arruda viveu. Os jornais também o homenagearam, publicando extensas matérias e acervo fotográfico. Nas imagens, sempre um Arruda com gestos fortes, visionário, com abraços apertados e sinceros, sorriso aberto. Feliz.

Na triste manhã de 9 de fevereiro de 2010, o corpo de Carlos Arruda Garms foi levado em carro aberto do Corpo de Bombeiros, desses que

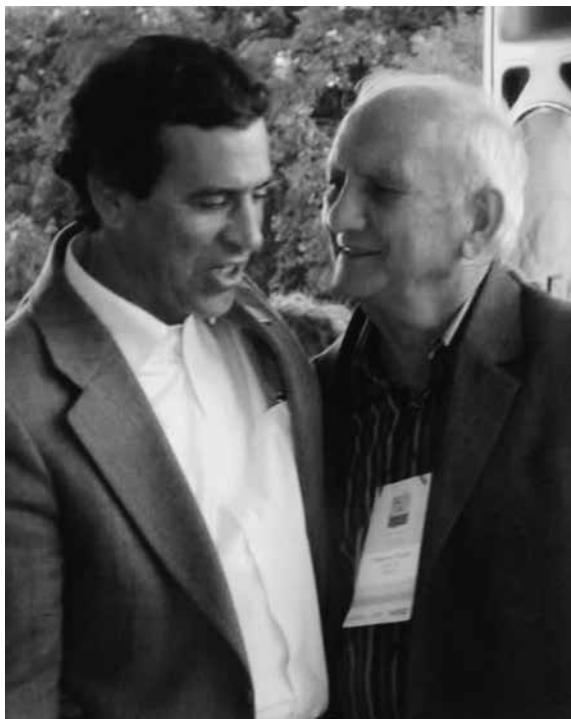
geralmente despertam sonhos nas crianças. Um caminho de flores o guiou até o jazigo da família na alameda principal no Cemitério da Cidade.

Dois meses antes de sua morte, Arruda foi questionado se tinha um sonho, um desejo a realizar. “Quero ver minha família bem, em paz. Ver meus filhos bem. É só isso que eu posso desejar.” Apesar de estar em tantos lugares simultaneamente, de comandar a administração pública e suas empresas, Arruda tinha no seu coração bem claro que a riqueza maior que construiria fora sua família. Em meio a todo o seu legado, nada era comparável a esse tesouro. E foi assim, rodeado por filhos, netos e bisneta, que se despediu da vida terrena para habitar continuamente na lembrança. “Ele viveu não ‘correndo atrás de borboletas’, como dizia o poeta Fernando Pessoa”, afirma Almira, “mas ‘fazendo jardins’ para que as borboletas viessem até ele.” ■

**ALARGANDO
A TENDA.** O

empreendedor Arruda, inspirado no texto bíblico de Isaías, construiu a segunda unidade da Cocal, em Narandiba. Foram 2,5 milhões de toneladas de cana moída em 2009, ano da primeira safra.





GRANDES TEMAS.

Ao lado do então
Governador **JOSÉ SERRA**
e secretários estaduais
XICO GRAZIANO e
DILMA PENA, no acordo
do Pacto Mundial das
Águas, em junho de 2009.

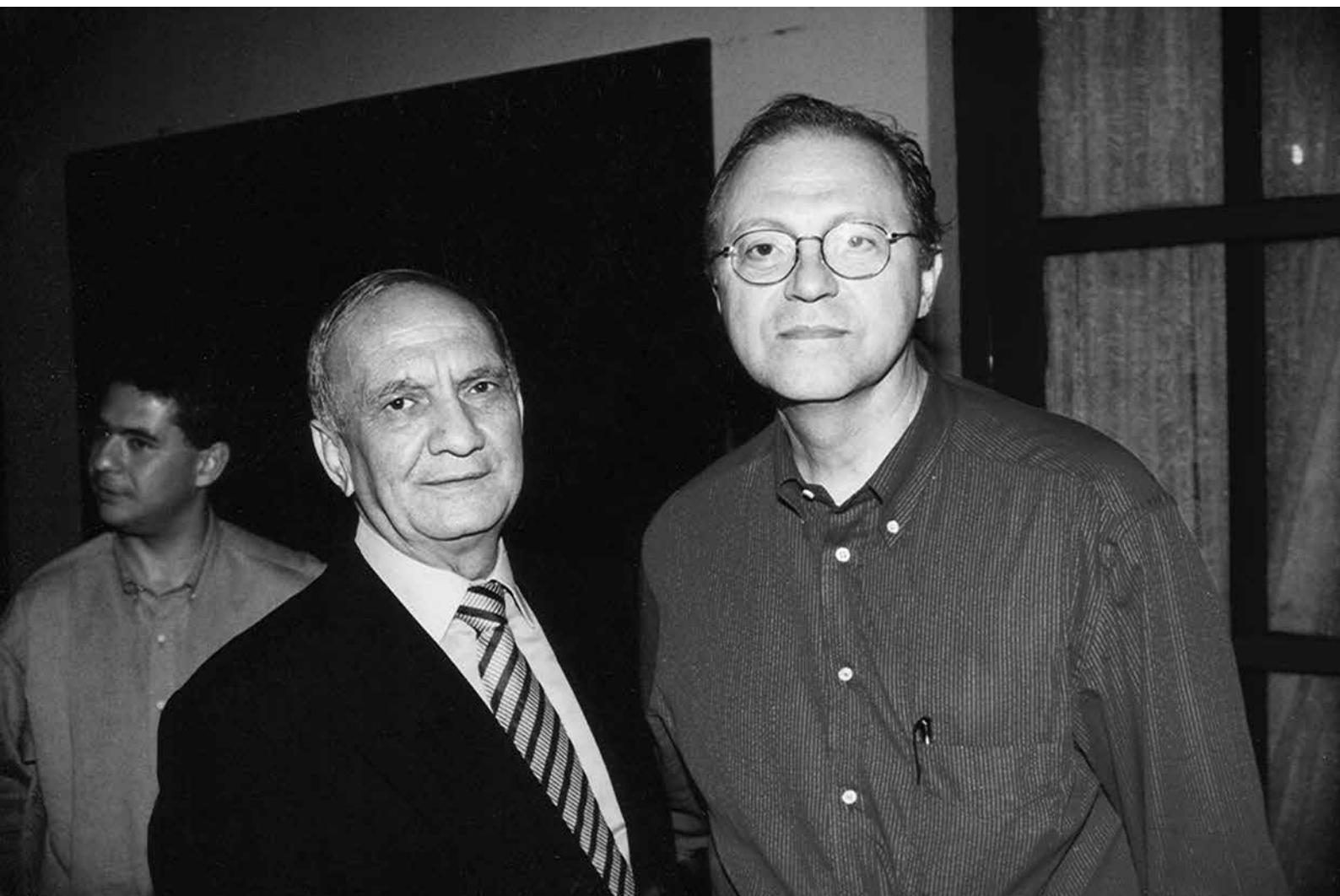
**AMIZADE
FRUTÍFERA.
CARLOS ARRUDA
GARMS** em encontro
particular com o então
secretário estadual do
meio ambiente, **XICO
GRAZIANO**, em 2009.



AMIGO E PARCEIRO. Encontro com o secretário-chefe da Casa Civil do Estado de São Paulo, Aloysio Nunes, em janeiro de 2009, na cidade de Ourinhos. “Arruda Garms era fascinante: culto, muitíssimo bem informado sobre assuntos públicos, expressava-se com fluência e elegância, um misto de ‘gentleman’ e caboclo”.



O REGENTE E O ADMINISTRADOR. Prefeito Arruda recebe o renomado maestro **JOÃO CARLOS MARTINS** durante a realização do 5º Salão Internacional de Humor de Paraguaçu Paulista. Em suas gestões à frente da Prefeitura, Carlos Arruda Garms prezou por levar grandes artistas e atrações culturais de qualidade para a cidade.



HÓSPEDE E AMIGO.

Ao lado de **CARLOS MENDES THAME**, deputado federal e ex-secretário estadual de Saneamento, Recursos Hídricos e Obras. O parlamentar

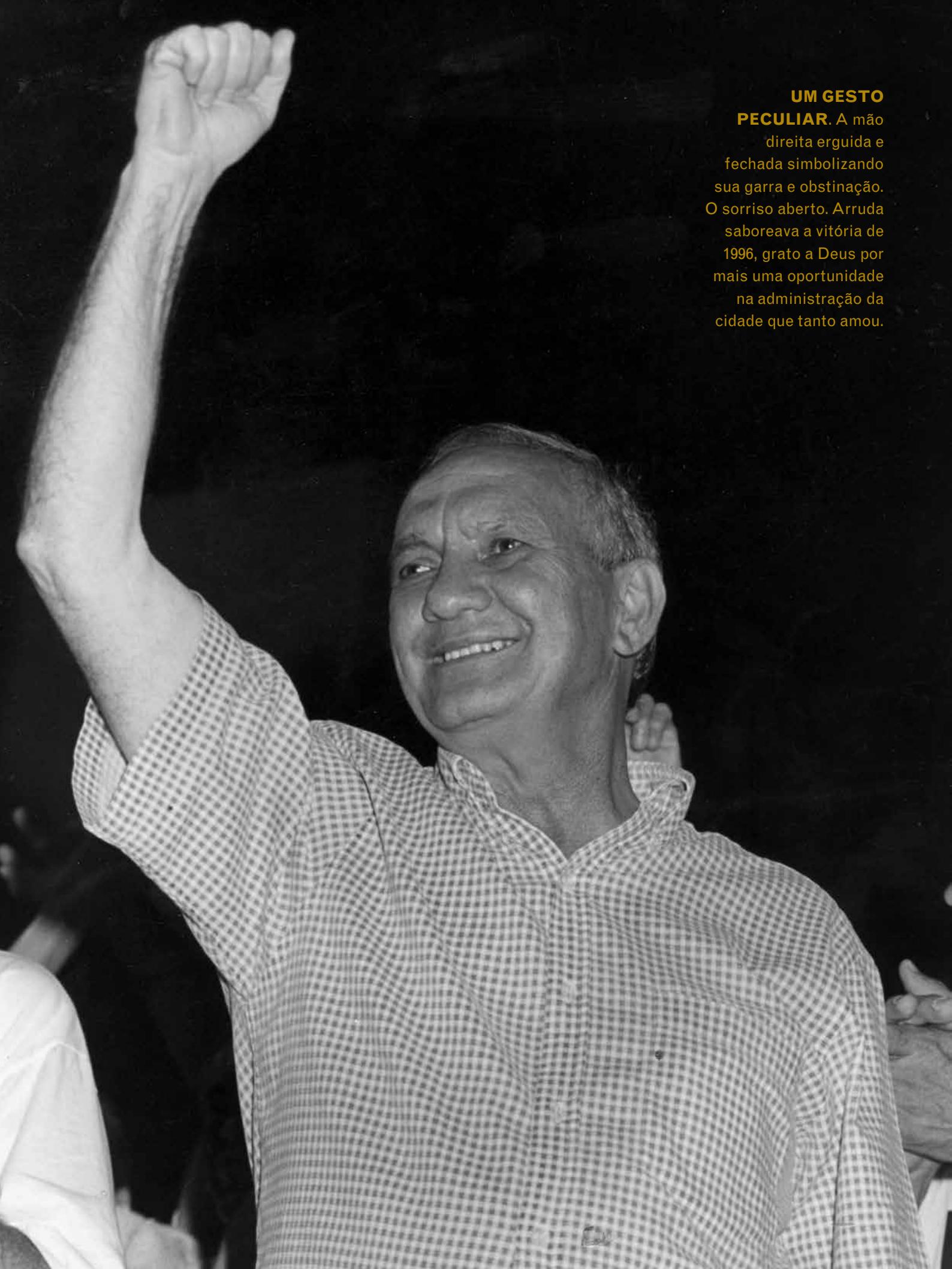
era hóspede constante do casal Arruda e Almira, sempre presente na vida de Paraguaçu Paulista, ajudando no desenvolvimento da cidade.

UM GESTO

PECULIAR. A mão

direita erguida e
fechada simbolizando
sua garra e obstinação.

O sorriso aberto. Arruda
saboreava a vitória de
1996, grato a Deus por
mais uma oportunidade
na administração da
cidade que tanto amou.





CENA COMUM. Em 2004, atendendo a um apelo popular, Arruda disputa e vence as eleições para a prefeitura de Paraguaçu Paulista. Eleito ao lado do Dr. Ediney Queiroz, Arruda alcançou 49% dos votos daquele pleito.

SORRISO E ELEGÂNCIA. Arruda saúda seus eleitores durante campanha de 2004. A maturidade e experiência do prefeito melhoravam a administração municipal.





CARREATAS E ALEGRIA. Ao lado do Dr. **EDINEY QUEIROZ**, seu candidato a vice-prefeito por duas eleições seguidas, Arruda participa da última carreata pela cidade em 2009 e desfaz os boatos de que estaria morto.





Escola SESI "Carlos Arruda Girms"

Homenagem do SESI São Paulo ao líder empresarial e político
que lutou pelo desenvolvimento de sua região.

Paulo Skaf

Presidente da Federação das Indústrias do Estado
de São Paulo – FIESP e do Serviço Social da Indústria – SESI-SP

Paraguaçu Paulista, 14 de abril de 2010.



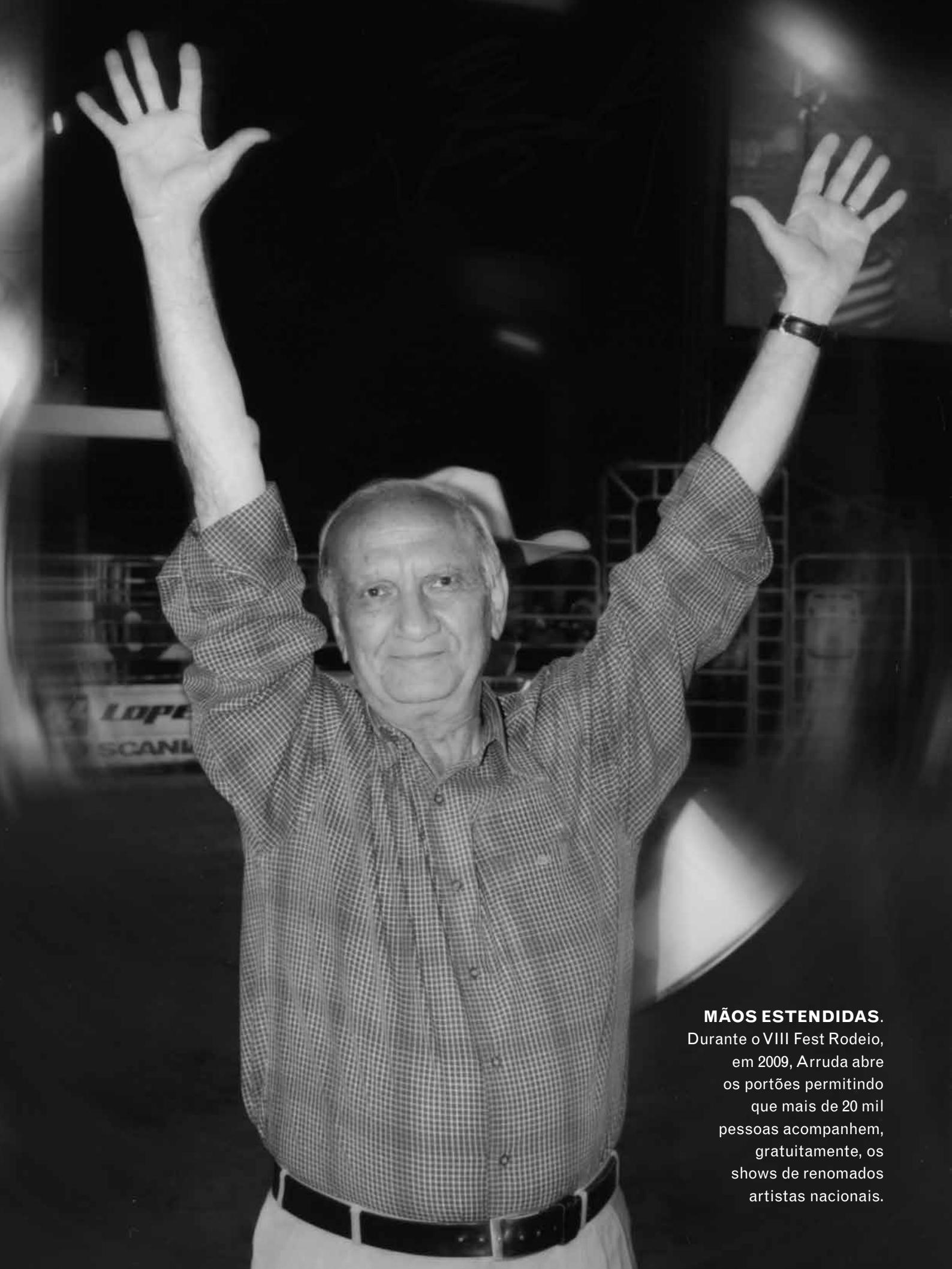
CONQUISTA EDUCACIONAL. Ao lado
de **PAULO SKAF**, presidente da FIESP,
Arruda inaugurou a Escola do SESI, em 2009.
Um ano depois, em 2010, Paulo Skaf retornou
ao município para batizar o complexo de
"Escola SESI Carlos Arruda Girms".



ARRUDA E SKAF. Empresários bem-sucedidos e homens preocupados com a política do país, o prefeito de Paraguaçu Paulista e o presidente da FIESP tinham muito em comum. A amizade dos dois contribuiu para importantes avanços no setor empresarial e público paraguaçuense.



FACHADA. As modernas instalações da escola ficam na Vila Athayde, esquina da Avenida Brasil com a Rua Prefeito José Deliberador, nº 300. O projeto da construção deverá servir como modelo para futuras edificações de centros educacionais do SESI.

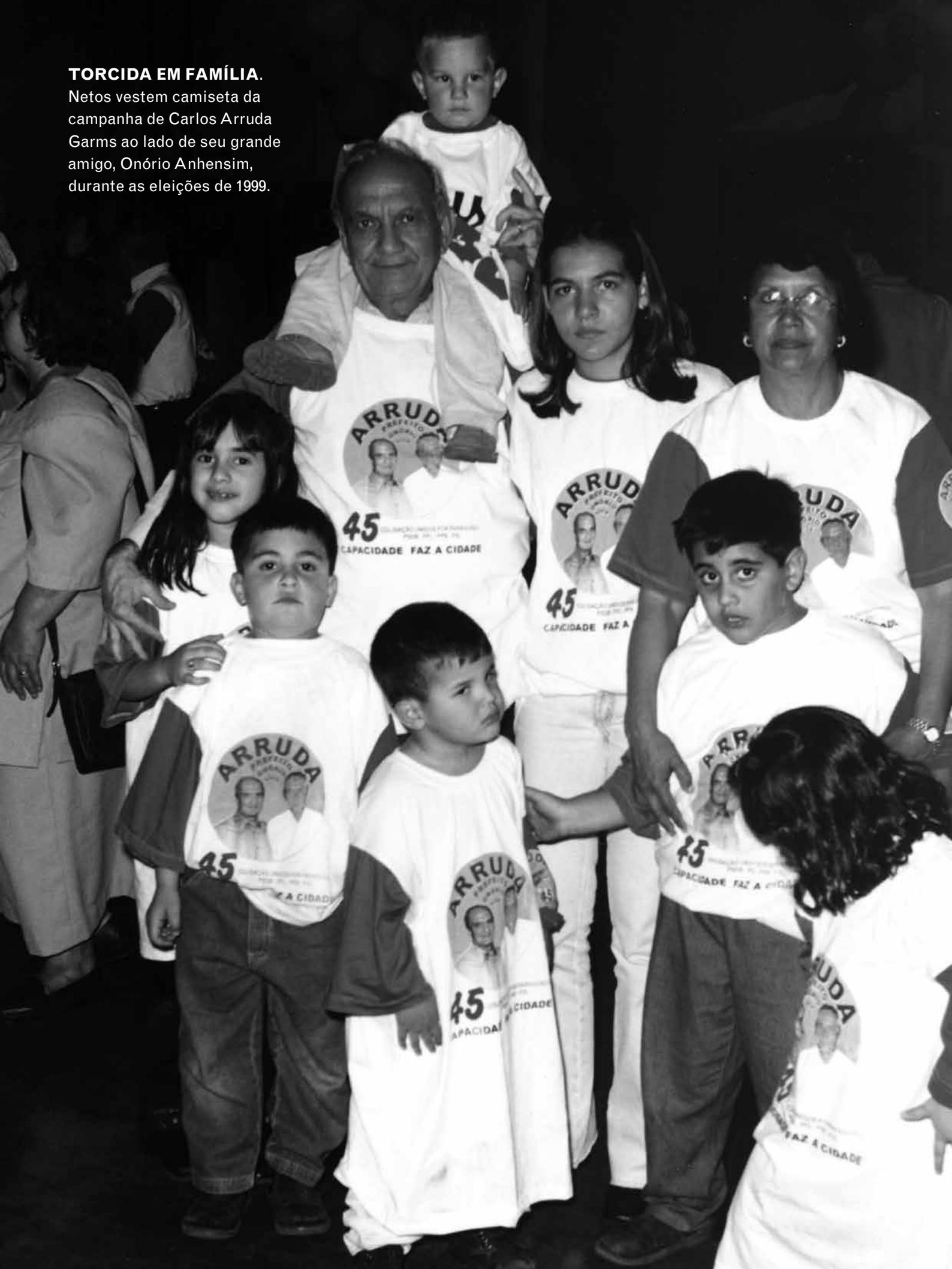


MÃOS ESTENDIDAS.

Durante o VIII Fest Rodeio, em 2009, Arruda abre os portões permitindo que mais de 20 mil pessoas acompanhem, gratuitamente, os shows de renomados artistas nacionais.

TORCIDA EM FAMÍLIA.

Netos vestem camiseta da campanha de Carlos Arruda Garms ao lado de seu grande amigo, Onório Anhensim, durante as eleições de 1999.





VISITA À COCAL

EM 2008. Arruda costumava levar os netos para um passeio na usina. Incentivava-os a amarem o trabalho e valorizarem o

patrimônio familiar, construído com muita garra e perseverança. Lição aprendida com seu pai, Sr. Nenê, e que agora repassava aos seus descendentes.

MUITO MAIS ALÉM DO PARQUE INDUSTRIAL.

Arruda sabia que mais do que estruturas metálicas, moendas, difusores, caldeiras, tecnologia e muito investimento, o futuro da Cocal dependia do valor depositado pelos filhos, netos e bisnetos na empresa.



A DERRADEIRA

ELEIÇÃO. Domingo, 3 de outubro de 2008, e os netos acompanham os avós Almira e

Arruda até as urnas, em Paraguaçu Paulista.

Espantando os boatos sobre sua morte, Arruda foi reeleito prefeito. Era a quinta oportunidade à frente de sua cidade natal. Almira mais uma

vez foi a vereadora mais votada no pleito.









HERANÇA DO

SENHOR. A Bíblia diz que os filhos são presentes de Deus e compara um homem e sua descendência a um guerreiro e sua aljava repleta de flechas. Deus muniu Arruda com uma numerosa e unida família. Na foto, os netos **GEORGIA, DEMÉTRIO, EFIGÊNIA, CARLOS NETO, JORGE, MARCOS FILHO, GIOVANNA** e o bebê **FRANCISCO**. No banco, **MANUELA** e a bisneta **LARA**.

ANEXOS

PARA SEMPRE NA MEMÓRIA

“Gerado, nascido e criado nesta terra, busquei, através de meu trabalho como cidadão e de minha dedicação à causa pública, quando para tanto fui convocado pelo povo, busquei, repito, ser digno de minha terra e de minha gente. Trabalho, perseverança e fé têm sido a constante de minha vida. O primeiro significa, o segundo é a promessa de sucesso e o terceiro nos permite avistar a claridade do futuro através da noite escura da dificuldade.”

Carlos Arruda Girms em 12 de março de 1992.

1963 PRIMEIRO MANDATO
COMO VEREADOR | Foi por intermédio do irmão mais velho Durval, o “Capitão”, que Arruda ingressou na política, aos 24 anos de idade. Coube ao irmão incluí-lo no pleito após a desistência de um candidato a vereador na chapa do candidato a prefeito Jaime Monteiro, que enfrentava políticos renomados, como Victor Labate e Hissagy Marubayashi.

Com seu nome lançado para concorrer a uma das catorze vagas de vereador da Câmara Municipal de Paraguaçu Paulista pelo Partido Social Progressista (PSP) e o apoio do próprio Jaime Monteiro, além de Lauro Toledo, Antônio Bendini e Domingos Pacífico Neto, Arruda foi eleito com 265 votos em seu primeiro pleito.

Na vereança, participou de várias comissões, como a de Finanças e Tributos bem como a Social e de Obras. Acompanhava e participava dos principais projetos da época. Seu empenho o levou à presidência da Câmara no último ano de seu mandato, em 1968.

1969 ÚLTIMOS ANOS NA
CÂMARA MUNICIPAL | Reelegido, Arruda dessa vez foi candidato pela recém-criada Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido criado pela ditadura instalada no país, que por intermédio do Ato Institucional Número 2, de 27 de outubro de 1965, extinguiu os treze

partidos políticos existentes e permitiu apenas duas legendas: a Arena e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que mais tarde se tornaria o PMDB.

Foi uma vitória avassaladora. Em 3 de outubro de 1968, data das eleições municipais, a cidade possuía 6,7 mil eleitores. Arruda recebeu 1.031 votos. Foi o líder das urnas, com mais do que o dobro do segundo colocado. O desempenho levou-o às manchetes de jornais e também alimentou a inveja de opositores que quiseram impugnar sua candidatura por um sutil detalhe: seu nome. Naquela época, o voto era manifestado em cédula de papel, e 90% dos seus eleitores escreveram “Arruda” na cédula. Só que no cartório eleitoral o candidato estava registrado apenas com seu nome de batismo original, ou seja, “Carlos Garms”. Porém, o vereador, prevendo a artimanha, já havia feito um pedido judicial e conseguido autorização para usar o nome “Arruda” na eleição. Mais tarde, ele registraria em definitivo o nome “Carlos Arruda Garms” em cartório.

1977-1982 ARRUDA É PREFEITO PELA PRIMEIRA VEZ

Eleito com 5.374 votos, o que representava 60% das escolhas, Arruda, com o vice Aldo Monteiro, assumia como prefeito pela primeira vez. A cidade abrigava 30 mil moradores e com o engajamento de Arruda – que mais do que um técnico político, guiava o município como pai de família e empresário bem-sucedido que era – transformava sua vocação hospitaleira em polo econômico e turístico, o que lhe renderia, anos depois, o título de estância turística.

1977

- Parques, praças e áreas públicas foram revitalizados. Destaque para a recuperação do Parque Dona Leonor Mendes de Barros e o Parque Infantil Dona Cota, deixando a cidade com uma das mais belas áreas verdes do interior paulista.
- Implantou cursos profissionalizantes no Móbral de Paraguaçu Paulista. Um projeto do governo estadual que contemplava apenas oito municípios em todo o Estado.

- O ginásio de esportes e o estádio municipal foram reformados e modernizados.
- Restauração da Fonte Luminosa.
- Com a primeira dama municipal, Almira Garms, Arruda inaugurou a Cozinha Piloto, um projeto que abastecia as 52 escolas da rede pública.
- Criou o Setor de Promoção e Assistência Social, que atendia a mil famílias em situação de precariedade econômica.
- Recuperação das rodovias que ligam Paraguaçu às cidades de Assis, Quatá e Rancharia visando um melhor escoamento da produção agrícola do município.
- Compra de maquinários para a frota municipal, uma vez que no início de seu mandato apenas uma motoniveladora antiga funcionava.

1978

- Criação da Cooperativa de Eletrificação Rural de Paraguaçu Paulista (CAERPA) que levava energia às áreas rurais, consolidando uma antiga aspiração dos produtores rurais.
- Criada a Delegacia Regional Agrícola-DRA, que veio atender às necessidades dos produtores rurais em suas demandas agrícolas. Desde que assumiu como prefeito, Arruda empenhou-se junto às autoridades estaduais para devolver a DRA ao município, fechada durante mandatos anteriores. O prefeito considerava de extrema importância uma DRA para melhor atender aos agricultores locais, por isso a reinauguração foi considerada uma grande vitória.
- Investiu-se na manutenção de 22 linhas de transporte escolar gratuito. Pela primeira vez, alunos do ensino médio passaram a ser assistidos com esse benefício.
- Criado o Posto Regional do Trabalho. Essa era uma solicitação antiga dos paraguaçuenses que precisavam viajar até Assis para regularizar documentos do trabalho.

1979

- Restauração do Balneário Municipal. Com novas instalações, remodelado e ampliado, o tradicional espaço de lazer foi entregue à população.

1981

- Instalada a Agência da Previdência Social. O posto era fruto de uma antiga reivindicação do povo paraguaçuense, que precisava fazer longos deslocamentos para resolver questões previdenciárias. Coube ao histórico prédio que já havia abrigado a Cadeia Pública de Paraguaçu receber a agência.

1982

- Construção do Hotel Municipal com 50 apartamentos, lojas, restaurante e todos os equipamentos necessários para dar conforto aos turistas e negociantes que procuravam a cidade.
- Instalada a Delegacia de Ensino de Paraguaçu Paulista.
- Inaugurada a sede da APAE – Associação de Pais e Amigos de Excepcionais. O apoio do prefeito recebeu elogios do então presidente da associação, sr. Carlos da Cruz Cambraia, bem como a ajuda do secretário Antonio Salim Curiati, da Secretaria de Promoção Social. O terreno foi doado pelo casal Aracynio Tortolero Araújo e Maria Helena Silva Araújo.
- Foram entregues cerca de 1.200 casas populares através do Projeto Nossa Teto – o primeiro programa de habitação popular do Estado. As casas eram amplas, com lajes e bem acabadas. A conquista foi por meio de parceria com o então presidente da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, Eduardo José de Souza Prianti, e Oscar Klabin Segal, então chefe da Caixa Estadual de Casas Populares (CECAP).

* * *

Durante seu primeiro mandato, o prefeito Carlos Arruda Girms demonstrou uma habilidade ímpar de relacionamento com escalões do Governo, que somados ao comprometimento com a causa pública, traziam novos investimentos à cidade. Da Secretaria de Turismo vieram verbas para a reforma da Fonte Luminosa. A Casa Militar do Palácio dos Bandeirantes destinou recursos para construção de pontes e recuperação de estradas. Da Secretaria de Cultura vinham verbas para a ampliação do Museu e da Biblioteca. Do governo federal recebia dinheiro para implantação do curso de eletrificação rural na Faculdade de Agronomia.

Além disso, o prefeito adotou um novo modelo de gestão. Principalmente na compra de materiais usados para as obras. Arruda negociava grandes quantidades e as estocava. Sua conta era simples. Enquanto o dinheiro guardado no banco renderia pouco juro aos cofres municipais, a valorização dos preços dos materiais era alta. Havia também o desconto obtido devido à grande quantidade de itens negociados e o seu pagamento à vista. Assim, a cidade sempre dispunha de suprimentos e o erário era poupadão.

1989-1992 ARRUDA ASSUME A PREFEITURA PELA SEGUNDA VEZ

“Estou preocupado com Paraguaçu porque eu nasci aqui, aqui me criei, meus filhos nasceram aqui, aqui nós temos nossos empreendimentos, todos aqui.” (abril/1988). Depois de seis anos afastado da Prefeitura, Arruda estava preocupado com Paraguaçu Paulista, cidade que tanto amava. Dizia que o município já não tinha mais sua projeção estadual. Não era mais atendido em suas reivindicações junto aos governos estadual e federal. “Perdeu essa projeção porque não tem políticos à altura”, costumava dizer, sem temer qualquer tipo de retaliação.

Ao mesmo tempo, começava na cidade um movimento popular pedindo o retorno de Arruda à Prefeitura. As eleições estavam se aproximando, mas o ex-prefeito não demonstrava interesse em se candidatar novamente. A vida empresarial lhe exigia muita dedicação. Porém, a pressão popular o venceu. Após um abaixo-assinado organizado pelo povo e entregue a ele, Carlos Arruda Garms aceitou se candidatar novamente. Em novembro de 1988, com o vice Élio Marson, Arruda foi eleito com 7.430 votos (54,2% do total).

Durante sua gestão, realizou vários investimentos, entre eles:

1990

- Construção da Escola “Vail J. Toledo” no bairro do Jardim Tênis Clube.

1991

- Durante uma grande festa, ao lado do então governador do Estado, Luis Antonio Fleury Filho, Arruda entregou 500 casas populares do conjunto

Murillo Macedo, bem como a escola “Cléia Caçapava”. Outras 700 casas seriam entregues durante sua gestão, além de mais 80 casas populares em regime de mutirão. Garantir o acesso de toda a população à moradia própria era um dos maiores objetivos de Arruda.

- Investiu na infraestrutura da cidade, com a construção da ponte do Bairro do Brumado e a pavimentação na Avenida Galdino. Nas vilas Barra Funda, Prianti e Marin, foram pavimentadas ruas numa extensão de mais de 120 mil metros quadrados.
- Entregou reservatórios de água e construiu uma nova estação de tratamento de esgoto.
- Reformou o Mercado Municipal, o Cemitério, o Estádio e o Balneário Público.
- Construiu o Fórum e o Velório.
- Implantou a Delegacia da Mulher, numa demonstração de pioneirismo.
- Recuperou a praça do Hospital de Caridade, além de construir outras seis praças na Vila Prianti e Jardim Panambi.
- Construiu uma quadra poliesportiva no bairro Roseta e a pista de atletismo na Escola de Agronomia.
- Forneceu maquinário e mão de obra para pequenos e médios agricultores para aração de terra.
- Reformou as dependências do Tiro de Guerra.
- Investiu na criação do Distrito Industrial para abrigar dezenas de empresas, onde previa gerar, inicialmente, mais de trezentos postos de trabalho.
- Recuperou e construiu novos abrigos de pontos de ônibus.
- Preocupado que estava com a situação dos trabalhadores ‘boias frias’, Arruda criou a Cozinha Industrial, que fornecia quatro mil refeições por dia para trabalhadores rurais.
- A área cultural da cidade efervescia, com a passagem de renomados espetáculos e peças pelo Teatro Municipal, como “Dona Doida”, protagonizada por Fernanda Montenegro, que elogiou a estrutura artística de Paraguaçu Paulista.

27 de agosto de 1996

Com Almira, o cidadão Carlos Arruda Garms inaugurou a Casa Abrigo, lugar destinado a receber crianças e adolescentes em estado de risco.

1997-2000

**A CIDADE, PELA PRIMEIRA VEZ EM SUA HISTÓRIA,
ELEGE O MESMO PREFEITO POR TRÊS VEZES**

Sob o mote
“Vamos re-

construir Paraguaçu”, Arruda conquista nova vitória e é eleito com 59,20% dos votos, tendo como vice José Geraldo Feijão V.P. Fornaza. Além dele, Almira Ribas Garms também se elege, pela primeira vez, para ocupar uma vaga de vereadora na Câmara Municipal. Prenunciando o que ocorreria em todas as eleições, Almira foi a vereadora mais votada.

Após passar quatro anos longe da prefeitura, Arruda tinha um penoso desafio. Os servidores municipais estavam com salários atrasados e as contas públicas também estavam em desordem. A cidade vinha de uma situação financeira cambaleante.

5 de março de 1997

- A cidade recebe o título de Estância Turística. A conquista foi uma das maiores da história do município, que garante aportes do Estado para a promoção do turismo regional até hoje.
- Construção do Grande Lago e do Parque Aquático Benedicto Benício.

1999

- Com necessidade de grandes investimentos nos serviços de águas e esgotos, como troca de infraestrutura e maquinários, Arruda assina um contrato de concessão, com duração de 30 anos, passando à Sabesp a responsabilidade pela administração do Serviço Municipal Autônomo de Água e Esgoto (Saae). Cerca de uma semana depois, uma forte tromba d’água caiu sobre Paraguaçu e destruiu o já combalido equipamento municipal.
- Instalada a Agência do Banco do Povo, que estimula o empreendedorismo local.

2000

- É criada a Usina de Reciclagem, que oferece emprego a cerca de 30 pessoas e dá destinação ecológica aos resíduos gerados pelos paraguaçuenses. Após quatro anos de desativação, em 2005 a usina é recuperada e citada como referência regional.
- Construção da Escola Célio R. Siqueira, no bairro do Jardim das Oliveiras

2005-2008 QUARTO MANDATO: O RETORNO PELOS BRAÇOS DO Povo

Após ter perdido a eleição anterior, especialmente por conta da concessão da Sabesp, que, com o passar dos anos veio a se concretizar como uma de suas decisões administrativas mais sábias, Arruda foi reconduzido à prefeitura. Nas eleições de 2004, com o vice Edney Taveira Queiroz, obteve 48,9% dos votos e em 1º de junho de 2005 assumia novamente a tarefa de governar a cidade onde nasceu. Aos 65 anos, Arruda gozava da sabedoria e experiência que somente os anos podem agregar.

Assim como nas duas legislaturas anteriores, Almira Ribas também é eleita a vereadora mais votada da cidade. Em seu terceiro mandato, assumiu também a presidência da Câmara Municipal dos Vereadores. Foi nessa legislatura que deu início à construção do novo prédio da casa legislativa, uma das edificações mais bonitas e modernas de Paraguaçu Paulista.

2005

- Implantação e aquisição de equipamentos para o frigorífico regional de ovinos.
- Criação do Salão Internacional de Humor de Paraguaçu.

2006

- Construção do Centro Esportivo Barra Funda
- Construção da quadra poliesportiva no Jardim Murilo Macedo.
- Mais 127 casas populares são construídas pela prefeitura e entregues à população, sob forte emoção de Arruda.
- Recuperação da Praça da Matriz.

- Construção de quiosques, churrasqueiras, sanitários, vestiários, rede de esgoto e reservatório de água no Parque Aquático Grande Lago.
- Implantação do Projeto Estação Paraguaçu, com a aquisição e recuperação dos trens turísticos Moita Bonita e da Maria Fumaça Dona Lina.
- Implantação do Sistema de Monitoramento Inteligente da Dengue, que se transformou em referência regional.
- Inauguração das instalações Farmácia Cidadã, dentro das mais rigorosas legislações sanitárias.
- Criação do Centro Vocacional Tecnológico, local onde são oferecidos cursos profissionalizantes.

2007

- Inauguração da nova Unidade Básica de Saúde de Conceição de Monte Alegre.
- Inauguração do Mamógrafo na Unidade de Saúde da Mulher.
- Pavimentação asfáltica, guias e sarjetas nos seguintes locais: Jardim Bela Vista, Jardim Tênis Clube, Jardim América, Jardim das Oliveiras, Vila Ataíde e no estacionamento do Parque Aquático Grande Lago.
- Aquisição de máquina de patrulha mecanizada para desenvolvimento do setor agropecuário.
- Realização do 7º Fest Rodeio, após longo período de interrupção da festa. Atualmente a Expo Paraguaçu (continuidade) é considerada uma das principais festas de peão do Estado.
- Construção da pista de *skate* e melhorias no aeródromo do Centro de Convergência Turística.
- Remodelação da praça da estação ferroviária.

2 de janeiro de 2008

- Após forte chuva ocorrida um dia antes, Arruda coordena socorro às famílias e distribui mais de cinco mil telhas para a recuperação das casas.

2008

- Inauguração do dispensário “Michiaki Sasaki”, da Farmácia Cidadã, com atendimento a 500 usuários por dia.

- Inauguração do Centro de Especialidades Odontológicas – CEO.
- Paraguaçu recebe certificado da Anfarmag, reconhecendo a excelência da Farmácia Cidadã como “Farmácia Magistral”.
- Reforma do prédio da Unidade Estratégica Básica de Saúde (UEBS) da Vila Gammon e início da construção das novas instalações do Pronto Atendimento que abrigaria também a UEBS.
- Reinauguração da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) da Santa Casa de Misericórdia e conquista de verbas para ampliação das instalações, compra de equipamentos e duplicação do número de leitos. Em dezembro de 2011, a UTI passaria a funcionar em amplas e modernas instalações com capacidade de 10 leitos.
- Implantação do Centro de Acesso à Tecnologia para inclusão social e digital – CATI's.
- Criação da plataforma de convergência social e digital – Cidade digital.
- Inauguração das novas instalações da Biblioteca Municipal.
- Construção da Concha Acústica na Praça João XXIII.
- Reforma e ampliação do Centro de Convenções Mário Covas.
- Remodelação do Centro Comercial, que ganhou calçadas decoradas em mosaico.
- Implantada a unificação da Praça Matriz com o Centro Administrativo Isidoro Baptista.
- Construção do portal turístico na entrada da cidade.
- Restauração da estação ferroviária de Sapezal.
- Reforma e ampliação da Praça do Jardim Panambi.
- Entrega da Escola de Educação Infantil “Bem me quer”, no Conjunto Mário Covas.
- Assinatura de acordo com a CDHU para a construção de 500 casas populares.
- Construção de 5 unidades habitacionais.
- Pavimentação do acesso ao Colégio Agrícola e da Avenida Ulysses Guimarães.
- Ampliação das instalações e aquisição de um ônibus para o CCI-Centro de Convivência do Idoso.
- Recapeamento da estrada vicinal Paraguaçu-Roseta.
- Melhoria no sistema de coleta seletiva de resíduos orgânicos. Aquisição de empilhadeira, prensa, caminhão compactador e trator com carreta.

2009-2010

QUINTO MANDATO: O LEGADO

Com 58,4 % dos votos, Arruda é reeleito, tendo como vice Edney Taveira Queiroz.

Era a primeira vez que o prefeito, ao final de um mandato, não precisava se preocupar em colocar a casa em ordem. “A vida pública passa muito rápido. O primeiro ano você perde organizando tudo o que o antecessor deixou. O segundo coincide com as eleições para governador. Se muda a gestão, você perde seus contatos por lá. Na vida pública, você depende de todo mundo”, dizia.

Almira também é reeleita e assume novamente a presidência da Câmara de Vereadores.

24 de abril de 2009

- Com a presença de Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), é entregue a unidade modelo da escola do SESI. Após a morte do prefeito Arruda, e em sua homenagem, a escola passou a denominar-se Escola SESI Carlos Arruda Girms. A solenidade de atribuição do nome em homenagem ao líder paraguaçuense ocorreu em 14 de abril de 2010 e contou novamente com a presença de Paulo Skaf, do prefeito Ediney Taveira, da presidente da Câmara Municipal Almira Girms e dos filhos Ubiratan, Marcos, Evandro e Yara.
- O novo prédio da Câmara Municipal de Vereadores é finalizado com o apoio do prefeito Arruda e entregue à população.
- Ainda em 2009, construiu a Escola de Educação Infantil “Algodão Doce” no bairro Antonio Pertinez (Fercon).
- Construção da escola EMEIF Domingos Paulino Vieira, na Roseta, inaugurada em 18/03/2009.
- Realizada a reforma do Ginásio de Esportes Sylvio Magalhães Padilha.
- Obtenção de recursos para construção da piscina municipal semiolímpica, atualmente em construção.
- Paraguaçu Paulista foi reconhecida, em Brasília, como uma das dez cidades do país mais bem administradas e recebeu o Prêmio do Índice de Responsabilidade Fiscal, Social e de Gestão dos Municípios Brasileiros (IRFS) da Confederação Nacional de Municípios. Em um universo de 5,5 mil cidades, Paraguaçu ficou em nono lugar.

- Paraguaçu recebe o selo Município Verde-Azul.
- Enviou Projeto à Câmara Municipal para a execução de um Plano de Carreira para os professores da rede municipal. O Projeto de Lei do Executivo pedia a valorização salarial dos educadores.
- Recapeamento, pavimentação, guias e sarjetas no Jardim Alvorada, Jardim Bela Vista, Vila Prianti e Vila Ataíde.
- Ampliação e reforma da Unidade Estratégica de Saúde da Família UESF Barra Funda II.
- Adaptação e ampliação da Unidade Estratégica de Saúde da Família UESF de Roseta.
- Construção da praça no entorno da estação ferroviária de Sapezal.
- Recuperação da estação ferroviária de Paraguaçu.
- Reforma e ampliação do Terminal Rodoviário.
- Aquisição de uma máquina do tipo pá carregadeira e de uma motoniveladora.

janeiro de 2010

- Paraguaçu conquista uma unidade de pronto atendimento (UPA) do tipo 2, autorizada pela Portaria nº 116 do Ministério da Saúde, de 12/01/10.
- Obtenção de recursos para construção de quadra poliesportiva no Conjunto Habitacional Humberto Soncini.

8 de fevereiro de 2010

- Vítima de um aneurisma da aorta abdominal, morre Carlos Arruda Girms, finalizando uma história de fé, coragem, determinação e muito trabalho na cidade.

Fontes pesquisadas: Jornal *A Estância de Paraguaçu*, Jornal *A Semana*, Informe *Paraguaçu Paulista – três anos construindo o futuro* (1992) e *Paraguaçu Paulista, administração Arruda Girms* (abril de 1978)

AMIGO DOS AMIGOS

Por **LUIZ ANTÔNIO FLEURY FILHO**,
governador de São Paulo de 1991 a 1994

Conheci Carlos Arruda Garms à época em que fui secretário de Segurança do Governo do Estado de São Paulo. Era ele o prefeito de Paraguaçu Paulista e foi à Secretaria para reivindicar melhorias na área de segurança para o seu município.

Mais tarde, em 1990, quando fui candidato ao Governo do Estado, tive o seu apoio, extremamente importante em razão de sua liderança regional. Garms era grande amigo de Murilo Macedo, também meu amigo pessoal, que nos aproximou. A partir daí, desenvolvemos um relacionamento de colaboração política e amizade pessoal, que o tempo se encarregou de estreitar.

Fizemos muito por Paraguaçu Paulista e pela região e o nosso convívio foi sempre ameno e agradável. Figura afável, leal, amigo dos amigos, Garms cedo nos deixou, mas nos legou a herança de um homem que sempre colocou os interesses de sua comunidade acima de seus interesses pessoais. Será sempre lembrado e reverenciado por todos aqueles que o conhecem.

UM MISTO DE GENTLEMAN E CABOCLO

Por **ALOYSIO NUNES FERREIRA**,
senador da República Federativa do Brasil.

Conheci Carlos Arruda Garms há 30 anos. Eu cumpria meu primeiro mandato de deputado estadual, recém-chegado do meu longo exílio, e Arruda Garms já era líder político e empresarial de grande renome no Estado de São Paulo, especialmente na região do Pontal e do Médio Paranapanema.

Naquela época, as campanhas eram longas: mal terminavam as municipais, já começavam as gerais. E de permeio, a luta pelas Eleições Diretas e, depois, a mobilização pela eleição de Tancredo Neves. Com isso, militante hiperativo, multipliquei minhas andanças pelo interior e nossos caminhos se cruzaram.

Arruda Girms era um personagem fascinante: culto, muitíssimo bem informado sobre assuntos públicos, expressava-se com fluência e elegância, um misto de *gentleman* e caboclo.

Na ação política, primava pela lealdade; na administração, pela honradez e pela obediência aos padrões de eficiência que garantiram seu êxito empresarial; no convívio pessoal, pela cortesia e pela conversa inteligente.

Serviu com inesgotável dedicação a Paraguaçu Paulista, terra natal e centro do seu universo, sendo distinguido por seus concidadãos com dois mandatos de vereador e cinco de prefeito.

Tive ocasião de testemunhar, na condição de chefe da Casa Civil do governador José Serra, a extraordinária energia com que ele se lançava nas lutas em prol de seu município. Ainda nos primeiros dias do nosso mandato, Arruda veio ao Palácio dos Bandeirantes aflito com o drama da enchente que assolara Paraguaçu Paulista, causando estragos cujo conserto superava a capacidade financeira do município.

Revejo em minha memória o amigo que se foi, com o mapa da cidade desdobrado sobre minha mesa, os números na ponta da língua, resposta pronta ao questionamento dos técnicos da Defesa Civil. Dias depois, a verba pleiteada estava na conta da prefeitura. Poderia ter sido de outra forma?

Carlos Arruda Girms morreu cedo, deixou exemplos edificantes, fez o bem para seu povo e faz muita falta à sua família e aos seus amigos, entre os quais me incluo.

COMPETÊNCIA E AMOR: UMA FÓRMULA DE SUCESSO

Por **ALDO REBOL**,
Ministro dos Esportes

Carlos Arruda Girms combinou o sucesso na vida pública com a vitória na atividade empresarial. Esse fato demonstra as múltiplas virtudes que marcaram a vida do brasileiro e paulista filho da cidade que governou por cinco mandatos: Paraguaçu Paulista.

O elevado espírito público estava presente em todos os seus atos. Paraguaçu Paulista recebia de Carlos Arruda Girms a aplicação administrativa competente e o carinho daqueles que prezam a cidade natal.

Participei de sua última campanha vitoriosa para a prefeitura. Colhi sua amizade, a de seus filhos e a de sua esposa, Almira Ribas Girms, portadora da mesma vocação e da mesma generosidade do marido.

Essas linhas são para testemunhar meu carinho, admiração e gratidão pela grande figura de Carlos Arruda Girms e de seus parentes e amigos e para reafirmar meu compromisso com Paraguaçu Paulista.

ADEUS, COMPANHEIRO

Por **XICO GRAZIANO**,
secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo

Estive hoje no velório de um homem extraordinário. Líder político, empresário de sucesso, amigo incomparável, Carlos Arruda Girms deixou órfã sua querida Paraguaçu Paulista, município paulista que por cinco vezes o elegeu prefeito. Morreu após longa jornada, sem que nunca nem ninguém o tivesse acusado de qualquer delito ético na sua trajetória pública. Idealista, fazia da política um

sacerdócio, exercendo seus mandatos eletivos verdadeiramente direcionados ao povo de sua terra. Boa prova disso se pôde verificar em seu enterro: milhares de pessoas caminhavam tristes e chorosas para se despedir dessa figura humana inesquecível naquelas bandas da Sorocabana. Rompendo em lágrimas, não conseguiu seu neto terminar a palavra que lhe dedicava. Mas todos já sabiam o que ele queria dizer: seu avô partia deixando um exemplo de família unida, criada sob a fé de Deus.

Pessoalmente, perdi um grande apoiador e conselheiro político. Lembro-me de sua alegria ao receber o certificado do Município Verde Azul, proposta de governo que ele agarrou com ardor, brilhando-lhe os pequenos olhos cheios de orgulho de quem havia corretamente realizado a lição de casa ambiental. Poucos dias antes de se despedir da vida terrena e subir aos céus, seu Arruda me animava para a disputa eleitoral de 2010. “Vamos com calma”, disse-lhe eu. “Nada disso”, retrucou, “a hora é agora!”

Animado, impetuoso, arrojado, assim ele traçou os caminhos vitoriosos de sua vida, empurrando todos para o sucesso. De origem humilde, seu empreendedorismo o destacou no mundo dos negócios, principalmente na agroindústria da cana-de-açúcar. Incrível sua capacidade de trabalho, sua tenacidade. Com a ajuda dos filhos, construiu um sólido patrimônio. Ganhou riqueza, mas nunca perdeu a simplicidade trazida do berço interiorano. Generoso, era amado por seus funcionários na Cocal, empresa que virou marca registrada, ou na prefeitura, onde os auxiliares não se cansaram de lapidar placas de inauguração com suas obras e seus dizeres.

Havia um pensamento único, bíblico, em sua despedida: ele combateu o bom combate! Resta agora a todos nós usufruir seus ensinamentos de vida e continuar a luta na busca de um mundo melhor, mais justo, humano, fraterno. Companheiro. Acho que essa palavra melhor resume quem foi Carlos Arruda Girms.

Adeus, companheiro. Que Deus o tenha.

UMA VISÃO EXTRAORDINÁRIA

Por **ANTONIO CARLOS MENDES THAME**,
deputado federal, professor licenciado da ESALQ-USP e advogado

Carlos Arruda Girms foi uma pessoa extraordinária. Formado em Administração de Empresas e em Economia, foi vereador e cinco vezes prefeito de Paraguaçu Paulista, o que atesta a capacidade e a confiança que o povo de sua cidade sempre lhe dedicou. Conheci-o quando presidente do Conselho de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo, época em que juntos centrávamos esforços em defesa dos nossos rios e mananciais, surgindo daí um relacionamento pessoal sincero, alicerçado na visão da política como meio de elevar o padrão de vida da população. Sempre admirei seu inabalável espírito de luta e seus conhecimentos de administração pública, sua imensa experiência acumulada e seu exemplo de vida como político honrado e comprometido com o desenvolvimento harmonioso e sustentável.

LEMBRANÇAS PARA TODA A VIDA

Por **EDSON APARECIDO**,
deputado federal

Tive a oportunidade de conhecer seu Arruda ao lado de outro grande homem público que foi o governador Mário Covas. Pudemos juntos, seu Arruda como prefeito, Mário Covas como governador e, depois, Geraldo Alckmin e José Serra, construir não somente para Paraguaçu, mas para toda aquela região do Médio Paranapanema conquistas extremamente importantes.

Seu Arruda teve uma história brilhante como vereador, como prefeito, como liderança regional, como liderança partidária. Respeitado pelos grandes homens

públicos deste país, como Covas, Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Geraldo Alckmin e Franco Montoro, deixou um legado ético, de seriedade, de competência e de solidariedade.

Era um companheiro de partido, sobretudo nas horas difíceis. Tive a oportunidade de, ao lado dele, com toda a sua família, seus filhos, sua esposa, construir minha primeira vitória na vida pública na eleição para deputado estadual, em 1998. Naquele momento, o apoio de seu Arruda foi decisivo para que eu conquistasse meu primeiro mandato. Por mais que tenhamos feito, ajudado a cidade, a região, jamais poderíamos retribuir o que seu Arruda significou para mim, para o PSDB, enfim, para São Paulo. Homens públicos como ele, a vida pública no país demora décadas para construir.

Enfim, o legado que ele deixou é de solidariedade, ética, heroísmo, de pai de família, avô, irmão, companheiro. Sem dúvida, deixou lembranças extremamente bonitas em todos nós; lembranças que a gente guarda para o resto da vida. Construir a minha história na vida pública tendo convivido e desfrutado da companhia de seu Arruda foi muito significativo para mim.

UM CORAÇÃO QUE VALEU A PENA

Por **DAVID PAMPLONA**,
médico cardiologista do Instituto do Coração (Incor)

É sempre muito pouco aquilo que podemos escrever sobre as lembranças de pessoas queridas porque a cada vez voltamos ao passado e nos lembramos de mais um momento especial que vivemos com nossos amigos.

Eu e Carlos nos conhecemos há muitos anos, logo após sua cirurgia cardíaca. Ele entrou no meu consultório e me falou que tinha me procurado para cuidar de seu coração, pois tinha escutado que eu era um bom profissional. Eu nunca soube quem na verdade me indicou o meu futuro amigo.

Foram anos de convivência agradável e camarada em que aprendi a conhecer

um pouco de Carlos Garms. Um homem de espírito vigoroso e alicerçado em valores morais.

Incansável no trabalho, sempre que tinha algum problema de saúde que necessitasse descanso, sua primeira pergunta era: “Quando posso voltar a trabalhar?”

Um amante da família, apaixonado pelos filhos, de quem sempre falava com orgulho, e um admirador da esposa, com quem sempre se preocupava.

A cardiologia, especialidade que abracei há 28 anos, faz que possamos conhecer e cuidar do coração de nossos pacientes de diversas formas, e o “coração” do Garms foi um daqueles que valeram a pena.

O PREFEITO ARRUDA

Por **CÉLIO R. SIQUEIRA**,
chefe de gabinete por três mandatos

Um artigo publicado em 24 de abril de 1977, no Jornal da Cidade, mostra o prefeito Arruda em seus primeiros noventa dias à frente da prefeitura de Paraguaçu, em seu primeiro mandato. É interessante ver que Arruda, mesmo sem experiência na administração pública, já trazia dentro de si as características e a força de trabalho que mostraria até o último de seus dias.

Por razões cujos fundamentos desconheço, convocou-me para assessorá-lo, e lá fui eu: sou o seu chefe de gabinete. Tenho com ele agora uma convivência diária. Há quase noventa dias vejo-o agir, tomando decisões e ordenando providências. Eleito que foi dentro de um contexto político contrário àquele que exercia o poder, limitou ao mínimo as medidas tomadas que pudessem parecer uma agressão aos derrotados. Nos cargos e funções de confiança, conservou ou colocou agentes de sua confiança, o que é perfeitamente natural. E de todos exige completa lealdade, não à sua pessoa, mas à missão que desempenham. Este é o meu testemunho.

Em nada mudou no trato com as pessoas. Recebe a todos que o procuram, ainda que nem a todos possa dizer “sim”. E se alguma prioridade existe, dela desfrutam os menos favorecidos economicamente. Fiel aos compromissos superiores com a comunidade, viu-se na obrigação de tomar decisões antipáticas e impopulares. Mas agora não se furta a dar atenção a todos que o procuram por se julgarem injustiçados, e examina cuidadosa e pacientemente caso a caso a ver se, de fato, há injustiça a reparar.

Não se irrita, não mostra enfado e chega ao fim do dia, às vezes, sem ter almoçado com o mesmo estado de espírito otimista que começou pela manhã. Uma coisa, porém o preocupa: a paixão política e suas danosas consequências para a administração e para a paz da cidade. Consciente da posição que ocupa e da influência que dela decorre, suas palavras e atitudes são sempre de contenção, procurando minimizar os agravos para que os outros não lhe tomem as dores.

Pela mesma razão, sente-se no dever de preservar a dignidade do cargo que ocupa e sabe que não poderá suportar com indiferença os ataques descabidos que lhe façam. Como bom político que é, aceita e aceitará desafios e críticas, mas desafetos, não. Voltado inteiramente para os problemas administrativos, já conquistou o conceito de prefeito mais operoso da região no Estado, conforme ouvi há poucos dias em Assis. E estou certo de que esse estímulo lhe fará bem – e, mais ainda, ao nosso município.

MEU FIEL COMPANHEIRO

Por **ONÓRIO ANHESIM**,
sócio, assessor político e, principalmente, amigo pessoal

Eu e Arruda nos conhecemos quando ainda éramos jovens, por volta de 1959 ou 1960. Eu trabalhava na Casa Taveira, que vendia peças de veículos, e ele tinha uma torrefação de café chamada Café Conde. Lembro-me que, nessa

época, ele já pensava no próximo com carinho, pois todo fim de ano distribuía café de graça para a população carente de nossa cidade.

O Arruda era cliente da loja em que eu trabalhava, e foi daí que surgiu nossa amizade, de maneira espontânea. Ele era um jovem empreendedor, de uma visão empresarial extraordinária, e tinha uma vocação política como nunca vi em outro homem. Em 1970, abriu a concessionária da Volkswagen e me convidou para ser o gerente da Copa Veículos. Aceitei e, a partir daí, vivemos nossas vidas quase que confundidas pelos caminhos. Minha família convivia com a dele, a gente se preocupava um com o outro.

Em 1976, ele assumiu a primeira gestão como prefeito e me nomeou como diretor geral de suas empresas, assim constituídas na época: Copa, Cristalconde, Transconde, Refinaria de Açúcar. Adquiriu também a Fazenda Isaura. Eu as administrava e ele acompanhava de perto todas as atividades, inclusive nos fins de semana, quando se entregava a seus empreendimentos.

Na década de 1970, ele plantava cana-de-açúcar na Fazenda Isaura e entregava para moagem numa usina da região. O ciclo da cana era de cinco anos, e terminado esse período, os proprietários da usina se recusaram a comprar o plantio de sua cana. Ele ficou muito chateado, e voltando pela estrada rumo a Paraguaçu, tivemos a ideia de montar sua própria usina. Juntos ali no carro começamos a pensar quem seriam os companheiros, a diretoria, e no outro dia o Arruda já deu andamento nos papéis para a construção da Usina Cocal, hoje uma empresa de sucesso. Esse era o grande sonho do Arruda, ter sua própria usina. E ele conseguiu. Graças àquela recusa de compra da cana, o sonho pôde se tornar realidade mais rapidamente.

O Arruda era um homem muito trabalhador e também solidário com os que o rodeavam de perto. Ao longo dos anos, ele se dividiu entre suas empresas, a prefeitura e a família. Era preocupado com os familiares de seus funcionários. Sempre ajudava todos quando necessário, fosse caso de enfermidade, de falta de recursos para os estudos ou outros problemas. Estava sempre pronto para auxiliar.

Para mim, ele se modificava a cada circunstância de minha vida. Quando eu precisava de um apoio de pai, ele se transformava num pai. Se eu necessitasse

de um irmão, ele se convertia num irmão. Nossa relacionamento era considerado por todos sinônimo de amizade verdadeira.

Fato marcante foi quando perdi precocemente meu filho primogênito, Marinho. Ele ficou ao meu lado, tomou as providências e me deu toda a assistência de que precisei. Foi capaz de me confortar, e também a minha família, naquela hora tão difícil com atitudes, palavras e silêncio. Lembrando-me do passado, não dá para controlar a emoção porque o Arruda foi, para mim, um amigo de valor inestimável, de todas as horas, uma amizade desinteressada, com reciprocidade, onde relevávamos nossos defeitos. Mesmo, às vezes, quando nos confrontávamos, sabíamos nos perdoar um ao outro, e as coisas voltavam ao normal.

Um amigo verdadeiro nos entusiasma e incentiva nossos sonhos. Dá-nos força e nos ajuda a vencer. Assim foi ele para mim, e eu para ele. Tem pessoas que não acreditam em amizade porque possivelmente nunca tiveram oportunidade de encontrar um amigo como eu encontrei no Arruda.

Carlos Arruda Garms: o empresário de sucesso, o prefeito dinâmico e, para mim, um fiel companheiro.

FUTEBOL E CAMINHÃO

Por **WILLIAM NICOLAU**,
Grupo Citaplex

Eu, Arruda, meu irmão Reiad e outros amigos formamos um time de futebol chamado Palmeirinhas. Naquela época, viajamos de trem até Presidente Prudente, Presidente Bernardes, Ourinhos e outras cidades da Alta Sorocabana para disputar jogos. Era por amor ao esporte. Precisamos de jogos de camisa, e veio a ideia de solicitar ao Palmeiras (Verdão), a doação do vestuário. Recebemos o aviso de que alguém da diretoria do clube nos entregaria pessoalmente. E sabe

quem apareceu para entregar o uniforme? Vitor Labate, que chegou a ser prefeito de Paraguaçu. Analisem o que é planejar para ser prefeito e outros cargos públicos. Tivemos também a convivência de Joseval Peixoto, da jovem Pan, Yutaka Oda, Coxinha, Dorinho e uma infinidade de outros amigos.

Quando a família Nicolau possuía a fabrica de chapéu em Paraguaçu, por algumas vezes combinava o frete com o Arruda, que tinha um caminhãozinho Ford, e íamos juntos ao Paraná nos idos da década de 1960. O Paraná ainda estava sendo desbravado, e viajamos até Guaíra, Foz do Iguaçu, Cascavel e outras cidades do sertão. Às vezes, ia em meu lugar Antônio Bendine, que era nosso representante, pai do Dida, presidente do Banco do Brasil. Eu recebia todas as entregas em dinheiro. Na volta, Arruda comprava feijão e solicitava emprestado meu dinheiro, devolvendo quando chegava a Paraguaçu. Atendia a ambos, pois viajar com bastante dinheiro poderia ser perigoso, e ele negociava no sertão a preços razoáveis. Na volta, sempre em estradas batidas de terra, precisávamos atravessar o rio nas barcaças, pois não havia pontes. Quando conversávamos com o Arruda, ele sempre parecia mais conservador do que alguns do nosso grupo, mas eu notava que ele ouvia e analisava as conversas. Com aquele olhar de quem não entendia nada, seu pensamento já estava consolidando o assunto. Lembro que ele não perdia nunca a calma. Não sei se mudou após o avanço da idade. Penso que não. Lembro-me de um fato que mostrou a visão de negócios que ele possuía, sem misturar negócio com amizades e relacionamento. Na volta de uma das viagens, quando chegamos, solicitei a ele 10 quilos de feijão. E não é que ele cobrou? Achei certíssimo, pois sua visão era não misturar negócios com as afinidades. Chamei-o “muquirana” e nos esbaldamos de rir, após a conversa. Passados alguns dias, ele enviou uma quantidade enorme de feijão como presente.

A formação de empresários como o Arruda só é forjada através do trabalho e da ética. E neste ponto, vi que essa tenacidade ele possuía, advinda do sofrimento do início dos negócios, pois tudo era muito difícil de conseguir. Parabenizo os filhos de Arruda pelo pai de tal estirpe, cujo legado foi muito trabalho, sendo amigo e grande empreendedor, considerando a família como pilar da vida.

GRATIDÃO AO AMIGO

Por **JOAQUIM CARLOS CAMBRAIA**,
assessor de gabinete de 1997 a 2000 e de 2005 a 2006

Formado em engenharia em 1971, vim morar com minha família em 1972 na avenida Paraguaçu, esquina com avenida Galdino, próximo à casa do Arruda. Um belo dia, Arruda me procurou para que eu projetasse sua residência. Tremi na base. Eu tinha acabado de me formar, seria o primeiro projeto que iria executar. Comecei a justificar a minha pouca experiência, e me lembro perfeitamente do que ele falou: “Confio em você, vai dar tudo certo”. Nasceu nesse dia a nossa grande amizade.

A nossa amizade estava crescendo ao longo dos anos, e era a época da criação da Cocal. Mais uma vez ele demonstrou sua confiança em mim: “Quero você como sócio na Cocal”. Trabalhamos juntos em projetos para a implantação dos prédios de apoio.

Estive com Arruda desde sua primeira administração. Trabalhei com ele as cinco gestões, sempre como engenheiro, e tenho muitas passagens gratificantes e – por que não dizer? – engracadas. Lembro aqui algumas delas.

Ele tinha um pique fabuloso. Ia para São Paulo à procura de verbas para o município. Eu tinha certeza de que o telefone iria tocar à noite. “Joaquim, faça um projeto e orçamento de tal coisa e me mande pela Andorinha à noite que preciso entregar na Secretaria urgente.” Assim nasceram muitos projetos que se tornaram realidade: Conjunto Habitacional Nossa Teto, Hotel Municipal, Prefeitura Municipal, escolas, pavimentação e recapeamento do asfalto etc. Que dificuldade naquela época para elaborar os projetos! Não existia o computador; tudo era feito “na unha”.

O conjunto habitacional dos funcionários da prefeitura foi feito “a toque de caixa”. Fizemos orçamento, projeto e toda a documentação em três dias para a assinatura do convênio com a Caixa Econômica Estadual. Na época, ficou famoso em todo o Estado. Nascia o Nossa Teto, criado pelo governo do Estado com a Caixa Econômica Estadual. Paraguaçu era o exemplo para as prefeituras de como deveria ser feito o processo e a construção das casas.

O início das obras para a construção da escola Maria Ângela foi autorizado para três dias. Estávamos em uma reunião na Secretaria de Educação quando o engenheiro da Secretaria falou que a escola ia ser construída, mas deveria ser licitado o projeto de terraplanagem num prazo de sessenta dias. Arruda entrou com a proposta: “Não precisa ser licitada, a prefeitura vai fazer, não é, Joaquim?” Claro que concordei, não tinha jeito. Assim foi feito: em três dias o projeto estava na Secretaria para licitação da construção da escola.

O dinamismo do Arruda era muito grande. A sua visão administrativa extrapolava. Na segunda administração, ele me disse: “Joaquim, vamos pavimentar Paraguaçu em 100%, vamos montar uma equipe de pavimentação”. Foi a época em que fizemos mais pavimentação por administração direta. Criamos uma equipe fantástica. Se necessário, trabalhávamos até a noite. Em todas as obras e serviços, ele estava presente.

A persistência em conquistar melhorias para sua cidade foi sempre o objetivo do Arruda. O Grande Lago foi a maior demonstração dessa característica. Ele *peitou* o D.E.R. quando inundou a ponte da rodovia SP 425 sobre o Ribeirão a Alegre.

Arruda sempre cobrou a realização dos serviços. Dizia: “Quero para ontem”. Engraçada a maneira de comunicação que ele tinha comigo. Por telefone, quando estava cobrando a execução dos serviços, ele dizia: “Joaquim, por que não foi feito? Por que está atrasado?” Quando ele falava “Joca”, era mais que um pedido; era uma solicitação de ajuda, de conselho, de orientação.

HISTÓRIA VIVA

Por **SILVIO SALUM**,
assessor de 1989 a 1992, diretor de Administração
e Finanças de 1997 a 2000 e de 2005 a 2010

No fim do ano de 2006, recebi em minha sala dois funcionários de uma empresa autorizados a discutir dívidas não pagas durante toda a gestão anterior e um parcelamento firmado naquela gestão, também pendente de quitação. Como o valor cobrado era alto, falei direto com o sr. Arruda pelo interfone. Ele sugeriu que fizéssemos uma reunião na sala do chefe do gabinete para discutir o assunto.

Sentamos os quatro à mesa de reunião: eu, o chefe de gabinete e os dois representantes da empresa. O valor apresentado era de mais de 1,5 milhão de reais corrigidos até a data. Iniciou-se a reunião mais ou menos às 16h, e se alastrou por mais de duas horas sem chegarmos a um acordo. Quando apresentávamos a proposta para parcelamento, ficávamos barrados na correção da dívida. E assim foi, um verdadeiro cabo de guerra: cada um puxava para seu lado sem levar a uma solução equilibrada para ambas as partes.

Devido ao fato de as salas serem separadas por apenas uma parede e ligadas por uma porta interna, acredito que o sr. Arruda ouvia nossa conversa vez ou outra em seu gabinete, já que sempre no fim da tarde ele usava aquele tempo para ligações telefônicas, tendo a prefeitura encerrado o expediente ao público.

Sem chegarmos a nenhuma solução e depois de horas, o sr. Arruda abriu a porta interna, cumprimentou a todos e disse: “Ofereço tanto” – mais ou menos 1,1 milhão – e voltou a fechar a porta para continuar suas ligações.

Os funcionários da empresa ficaram sem ação, mas mesmo assim voltaram a fazer contas para entender se a proposta era vantajosa ou não. Nesse momento, a porta interna abriu-se novamente e rapidamente um dos funcionários da empresa tentou falar, mas foi atropelado pelo sr. Arruda, que disse: “Este valor quero em setenta vezes”.

Novamente ficamos calados, aguardando a posição da empresa. “E ainda, com início de pagamento para o ano de 2007”, completou o sr. Arruda, voltando ao seu gabinete. Diante dos fatos, foi acordado nestes termos: a dívida

foi parcelada no valor ofertado pelo sr. Arruda e em setenta vezes e com início de pagamento para o ano seguinte.

Para concretizar esse tipo de acordo de parcelamento, é necessário autorização do legislativo.

Na elaboração do projeto de lei veio a surpresa: o valor ficou mais ou menos 500 mil abaixo do cobrado inicialmente.

Quando o projeto de lei foi levado para assinatura do prefeito, comentamos o acontecido e ele nos disse: “Ganhamos mais uma, Deus está do nosso lado.”

MISSÃO DADA, MISSÃO CUMPRIDA

Por **VIVALDO FRANCISCHETTI**,
chefe de Gabinete de 2005 a 2006 e diretor de Saúde de 2006 a 2010

Certa vez, estávamos a caminho de São Paulo (o motorista, o diretor financeiro, o médico auditor e eu) para participar de uma importante reunião. Por volta das oito da manhã, quando estávamos a uns 100 quilômetros da metrópole, todas as rádios que sintonizávamos noticiavam uma enchente gigantesca, marginais paradas, trânsito caótico e tudo o que mais acontece nessas situações críticas. Anunciavam taxativamente que os usuários da rodovia Castelo Branco, que era onde nos encontrávamos, não deveriam prosseguir viagem, pois não conseguiriam entrar na cidade.

Alarmados com as notícias, resolvemos parar o veículo e reavaliar nossa viagem. Decidimos ligar para seu Arruda e posicioná-lo sobre a situação, embora já soubéssemos qual seria sua resposta. Eu, já imaginando a reação dele, decidi que não ligaria. Então a tarefa ingrata coube a outro companheiro de viagem, que, após a ligação, transmitiu-nos a mensagem do prefeito: deveríamos prosseguir, sim. Ele recomendava que entrássemos em São Paulo de qualquer maneira, pois a reunião nos aguardava e o problema precisava ser resolvido. Com efeito, após um pouco de lentidão no trânsito, ao entrarmos em São Paulo, chegamos à reunião e resolvemos a questão.

Essa foi mais uma comprovação da determinação, da firmeza e do arrojo de meu inesquecível chefe e amigo. Afinal, ele sempre nos dizia que missão dada é missão cumprida, sem espaço para desculpas e insucessos.

O COMPANHEIRO DE TODAS AS HORAS

Por **EDSON JOSÉ ESTEVES RIBEIRO**,
encarregado de Compras do grupo Cocal

Meu primeiro trabalho com o sr. Arruda foi no início da safra de 2001, quando uma empresa estava atrasando a entrega de alguns equipamentos essenciais e ele viu a dificuldade. Então me chamou para acompanhá-lo a essa empresa em Sertãozinho. Era perto do horário de almoço, e ele brincou comigo: “Almoça antes de ir porque eu não tenho fome”. Fizemos este trabalho juntos, e daí começou uma grande amizade.

Eu não o considerava um patrão, e sim um grande amigo. Sinto falta de nossas conversas. Todas as vezes que queria conversar comigo, ele se aproximava e falava: “Estou esperando você para irmos embora juntos. Quando estiver pronto, pode me chamar na minha sala”. Era rotina ele me ligar e perguntar se eu estava precisando de ajuda. Quando respondia que sim, ele dizia: Deixe do jeito que está, já estou chegando”. Quando alguém precisava dele, podia contar a qualquer hora ou dia.

Mas o que eu mais admirava nele era a determinação – não desligava nunca – e o poder de convencimento. Muitas vezes comprávamos equipamentos e, como tinha prazo de entrega, ele convencia as pessoas da necessidade e envolvia de tal forma que acabava conseguindo antecipar a data. Outra qualidade forte era ser prestativo. Quando alguém falava que estava precisando de alguma coisa, principalmente no setor de saúde, ele já se prontificava. Muitas vezes, as pessoas nem precisavam pedir; ele já tomava a iniciativa e orientava como proceder. Quando confiava e gostava de uma pessoa, era fiel a ela.

Nestes quase vinte anos em que trabalho na Cocal, temos uma empresa

parceira que ele tinha uma admiração e respeito pelo diretor, só que eles nunca conversaram pessoalmente. Há alguns anos, essa pessoa passou por uma fase muito difícil na vida: o filho lutou contra uma doença grave. O sr. Arruda, como um conselheiro, ligava toda semana, oferecia ajuda e também orientava.

Quando íamos a uma mesa de negociação, ele já sabia quanto queria pagar; era firme e acabava fechando no valor. Eu sempre acompanhava em minha calculadora, mas nunca consegui vencê-lo – ele era muito rápido no raciocínio. Quando chegava à empresa, o primeiro lugar que visitava era o Departamento de Compras, perguntando: “Tem alguma coisa para hoje?” Se eu respondesse que sim, ele ficava todo feliz. Se o serviço fosse muito, ele oferecia ajuda e falava: “Estou aqui para somar, se for preciso passo até fax”.

Outra qualidade forte era saber de tudo o que estava acontecendo na empresa. Conversava e dava atenção a todos os funcionários, não tinha discriminação. Os fornecedores ficavam admirados da facilidade para conversar com ele. “Aqui não tem frescura”, dizia, “minha sala não tem porta, está aberta para todos”. O mais difícil (ou melhor, impossível) era segurar a ansiedade que ele tinha. Muitas vezes, as pessoas comentavam que faltava algum produto ou equipamento. Ele já ficava ansioso e vinha perguntar por que ainda não havia sido comprado. Só que eu tinha que respeitar os procedimentos da empresa, e era difícil segurar a ansiedade dele, que era muito forte.

SONHOS E REALIZAÇÕES

Por **RENATA MARIA REGAZZINI MATIOLI OLIVEIRA**,
diretora do Departamento de Assistência Social de 1997 a 2001
e presidente do Fundo Social Municipal de 2001 a 2010

Como falar de um homem como o sr. Arruda? A princípio, a responsabilidade assusta, mas, ao mesmo tempo, é uma honra.

Para um profissional com alguns anos de experiência na área, ser convidado a fazer parte da equipe de trabalho em uma administração pública onde

o prefeito é o sr. Carlos Arruda Garms, em seu terceiro mandato, é sem dúvida uma experiência de vida. Seu objetivo quanto à Assistência Social sempre foi priorizar o atendimento à criança e ao adolescente em Paraguaçu Paulista.

Lembro-me que em sua administração se deu a instalação do primeiro Conselho Tutelar de Paraguaçu Paulista, assim como foram iniciados vários projetos para o atendimento à criança e ao adolescente, o que fez que o município recebesse, mais de uma vez, o Prêmio Prefeito Amigo da Criança pela Fundação Abrinq.

Ainda durante sua administração, Paraguaçu Paulista esteve na área social como referência regional e política, uma vez que, com o sr. Arruda, o município firmou inúmeros convênios, inclusive com a presença de secretários estaduais. Participou da primeira Comissão Intergestora Bipartite do Estado de São Paulo, implantou o Sistema Único de Assistência Social (Suas); o Centro de Referência da Assistência Social (Cras); a Política Nacional de Direitos; e conquistou a Gestão Plena da Assistência, possibilitando autonomia de ações com os convênios federais e estaduais, mérito que poucas cidades alcançaram.

Enquanto profissional, dizia que tínhamos de acreditar, sonhar e buscar o melhor para o município, tendo em foco sempre o máximo. Para tanto, deveríamos solicitar o que fosse necessário, e então buscaríamos juntos soluções para efetivar o que, a princípio era somente um ideal, um sonho. Para conquistarmos esses sonhos, tínhamos um administrador que exigia o máximo de sua equipe porque confiava, acreditava e dava o máximo de si. Estava à frente de todas as ações, buscando sempre a excelência na administração pública.

Sua capacidade de motivação era impressionante, além de sua perspicácia e inteligência. Da mesma forma que cobrava resultados, ele nos estimulava a sonhar, e os resultados eram alcançados, pois sabíamos que tínhamos a possibilidade de correr certos riscos, uma vez que ele sempre estaria ao nosso lado. Era nossa segurança, por isso nossas buscas sempre se tornaram realidade.

Costumava dizer: “Quem é visto, sempre é lembrado”, e sempre citou a mensagem de Helbert Hubbard, *Uma mensagem a Garcia*, como exemplo a ser seguido por nós.

UMA CIDADE DE PORTAS ABERTAS

Por **DENIS MENDES DE MORAES**,

arquiteto da prefeitura de 1989 a 1992, membro do Conselho Municipal de Turismo de 1997 a 2000 e diretor do Departamento Municipal de Turismo de 2005 a 2010

As contribuições de Carlos Arruda Girms para a implantação do turismo na cidade de Paraguaçu Paulista são inúmeras. Com a visão de que o município contava com vocação turística em vários segmentos, em 1997 conquistou o título de Estância Turística através da Secretaria Estadual de Turismo. Com isso, Paraguaçu recebeu muitos investimentos anuais para a implantação de infraestrutura turística. Anexa ao acervo histórico e cultural da cidade, chegou como doação, no ano de 1998, a histórica locomotiva a vapor, que seria mais tarde batizada “Dona Lina”. No ano de 2005, iniciou-se com ela o festejado e vitorioso projeto “Estação Paraguaçu” para o trem turístico e cultural Moita Bonita.

Logo em seguida, em 1999, Arruda construiu o Grande Lago e o Parque Aquático Benedicto Benício. Com arrojo, fez nascer um espelho d’água de 70 alqueires, o maior lago de toda a região. Construiu o Centro de Convergência Turística no antigo Aeroporto Municipal, local multiuso e recinto de exposições, sede da Expo Paraguaçu e festas populares, além de área esportiva com pista de skate, motocross e aeromodelismo; o Centro de Convenções Mário Covas, espaço para reuniões, auditório e sede do Departamento de Turismo.

Construiu o novo aeroporto em um local estratégico, nas proximidades do Clube Thermas de Paraguaçu. Prestigiou e apoiou a criação de vários eventos culturais ligados ao turismo, como a Festa das Nações, Expo Paraguaçu, Estância Cidadã, Festas Juninas e o Salão Internacional de Humor, evento que projetou Paraguaçu para o Brasil e o mundo através do humor gráfico. Criou o Centro Histórico e Cultural Isidoro Baptista, ligando e ampliando a praça 9 de Julho, que recebeu um novo calçamento, com o antigo Centro Administrativo, local para realização de apresentações artísticas e exposições, além de valorização paisagística do centro da cidade também com a padronização das calçadas do comércio.

Implantou o Portal Turístico na entrada da cidade, na avenida Siqueira Campos, identificando cada vez mais a cidade e seus atrativos e a bem planejada sinalização turística. Valorizou turisticamente os distritos rurais, como a restauração da estação ferroviária de Sapezal para receber o trem turístico, onde em 2008 iniciaram-se as viagens nostálgicas até aquela localidade. Realizou melhorias de infraestrutura urbana, visando os atrativos culturais e turísticos, como o Centro de Produção do Tear, em Conceição de Monte Alegre, e a revitalização de praças e jardins. Neste setor, remodelou a histórica Praça João XXIII com a modernização da Fonte Sonoro-Luminosa, símbolo aquático de Paraguaçu, e o Jardim das Cerejeiras, praça de alimentação e urbanização de todo o entorno da Estação Ferroviária de Paraguaçu. Deixou um enorme legado turístico com a capacidade de ampliação dos atrativos e recursos naturais e culturais de todo o município.

UM HOMEM INFLUENTE

Por **GILBERTO PERNICA**,
motorista do prefeito de 1989 a 1993 e 1997

Convivi com Arruda por muitos anos. Vim de São Paulo com minha família, no ano de 1975, para trabalhar com ele, então candidato à prefeitura, que conquistou em 1976. Antes eu trabalhava em São Bernardo, na Ford/Willys, e desde então atuei ao seu lado, seja em sua concessionária Volkswagen ou como motorista da prefeitura ou da Usina Cocal, que estava começando a nascer.

Conheci o Arruda de perto. Fui testemunha de muitas decisões importantes de sua vida e pude concluir que ele era um visionário, dedicado ao trabalho e à família. Deixou um legado profissional muito forte para seus filhos, que hoje são empresários bem-sucedidos.

Mesmo às vezes, com o ar sério e fechado, ele se preocupava muito com os

que o cercavam. Era firme e forte nas decisões. Quando saíamos em viagem de Paraguaçu em direção à capital para resolver algum assunto, ele já ia ligando para seus contatos, que eram muitos. Conhecia muitas pessoas influentes dos ministérios e secretarias e tinha acesso livre em todo lugar. Mesmo quando não avisava que ali estaria, ia entrando e cumprimentando a todos. Ninguém o barrava; todos já sabiam como ele era. Seu objetivo era o gabinete do chefe maior, e não havia quem o impedisse do seu intento. No retorno, ele compartilhava comigo algumas de suas vitórias e eu o admirava pelo seu tino, pela sua influência e a paixão pelo que fazia.

Tomava decisões muito rapidamente e era dono de uma memória invejável. Tudo estava em sua cabeça: nomes de pessoas, número de telefones. Acho que era por isso que conseguia administrar muito bem seus múltiplos negócios. Era simples em seu gosto culinário. Sempre parava para comer um salgadinho ou tomar um sorvete. Amava pão de queijo, misto quente, Gatorade e bolo de banana.

Carlos Arruda Garms, um homem que representou muito para o crescimento de nossa cidade.

UM PINGO E UM RISCO

Por **MARIA LUIZA TALACHIA**,
assessora de Gabinete de 1981 a 1992, de 2005 a 2007 e de 2007 a 2010

Dono de personalidade única, de uma liderança incomum, ele se fazia respeitar sem ser agressivo ou imponente. Exigente ao extremo, não só com as pessoas à sua volta, mas com ele mesmo, não aceitava falhas, muito menos negligência. Vivia uma urgência muito grande em tudo, não só com o que ele solicitava, mas com o que lhe era solicitado, e com isso conseguia gerar uma interação muito grande da equipe, um comprometimento de todos. Sabia cobrar, mas sabia

agradecer e valorizar, fazendo que cada um se sentisse importante e indispensável. Defendia a ideia de que deveríamos estar sempre juntos em tudo. A equipe tinha de ser participativa e unida em todos os momentos.

Uma situação engraçada que aconteceu no início de 2005, que deixou bem claro tudo isso e serviu como lição única e eficaz. No primeiro evento promovido pela prefeitura após o início de sua quarta administração, todos os diretores e assessores foram convidados a participar, mas poucos compareceram. No outro dia, ele não disse nada, apenas pediu que fosse enviado um cartão a cada um, agradecendo a presença e dizendo como tinha sido importante tê-los ao seu lado naquele momento.

Para os que realmente tinham ido, tudo bem, mas os demais aos poucos começaram a ligar sem entender se houvera um engano ou se era uma forma sutil de lhes dar um *puxão de orelha*. E descobriram, constrangidos, que... bingo! Segunda opção.

Nada foi dito, e tempos depois, isso virou uma grande piada entre nós. Desde então, porém, todos se empenhavam em participar dos eventos ou, na impossibilidade de fazê-lo, justificavam com antecedência sua ausência, senão... “cartão vermelho”, como ficou conhecido o recadinho.

Esse era o seu Arruda. Como ele mesmo dizia: “Pra um bom entendedor, um pingo e um risco é Manoel Francisco”.

CASA PRÓPRIA, UM SONHO COMPARTILHADO

Por **DALVA APARECIDA DO RIO GONÇALVES**,
assistente social da Prefeitura Municipal de Paraguaçu Paulista há 24 anos

Comecei a trabalhar na prefeitura em abril de 1988, como assistente social do Lar do Menor, e em janeiro de 1989 o sr. Arruda assumiu a prefeitura de Paraguaçu Paulista pela segunda vez. A partir daí começava a nossa grande amizade.

Por intermédio de d. Almira, fui chamada para ajudar no setor de casas populares da prefeitura, denominado PROCAPP, instalado no piso térreo da prefeitura. Naquela época, as famílias que foram contempladas com suas casas estavam sendo convocadas para a habilitação, ou seja, a entrega de documentos para a aquisição do contrato.

Com a preocupação de sair tudo certo, o sr. Arruda ia várias vezes por dia até nossa sala, cobrando sempre eficiência no trabalho. Eu me preocupava muito em fazer o meu trabalho corretamente, além de gostar muito, e com isso veio o convite para trabalhar naquele setor. Naquele momento, fiquei muito feliz porque tinha me identificado com o trabalho, mas me preocupava por trabalhar diretamente com ele, pois tinha fama de enérgico e bravo. Mesmo assim, decidi aceitar o desafio.

Poucos dias após a transferência, ele decidiu que o setor de habitação, ou Procapp, deveria mudar para o piso superior. Isso foi outro dilema, ficar ainda mais próximo dele, e a preocupação de como seria o nosso dia a dia. Com a convivência diária, conheci o verdadeiro Arruda, um homem de um coração enorme, que sempre tinha uma palavra de carinho para os momentos difíceis de cada um. Também sabia cobrar o trabalho corretamente, além da mania de pedir tudo “para ontem”, sem dia ou hora. O trabalho estava sempre em primeiro lugar.

Trabalhei com o sr. Arruda nos seus quatro últimos mandatos. Toda vez que ele assumia o cargo de prefeito, nunca me perguntava se eu gostaria de voltar para o setor de Habitação. Às vezes eu tomava conhecimento de meu local de trabalho através dos jornais. Eu falava que ele precisava me consultar antes, mas ele dizia que me queria naquele setor e não adiantava questionar.

O sr. Arruda sempre teve uma preocupação muito grande com as famílias que não tinham uma casa onde morar, por isso a preocupação de estar sempre construindo casas em Paraguaçu. Ele dizia que sabia como era difícil pagar aluguel, e não gostaria que as pessoas ficassem dependentes para o resto da vida.

Quando marcava a entrega de um conjunto habitacional ou outro evento, ele reunia toda a equipe e falava como gostaria que fosse organizado. Não permitia erros, cobrava dos funcionários um trabalho perfeito.

Assim era o meu patrônio, meu pai, meu companheiro de trabalho e meu grande amigo.

Uma produção	MAQUINARIA STUDIO	
Concepção Produção executiva	CARLOS UBIRATAN GARMS MARCOS FERNANDO GARMS YARA GARMS CAVLAK EVANDRO CÉSAR GARMS	
Redação final Supervisão de conteúdo	OMAR DE SOUZA	
Reportagem Texto	MARCELO SANTOS	
Pesquisa histórica	MARCELO SANTOS YARA GARMS CAVLAK	
Direção de arte Produção editorial	GUTHER FAGGION	
Projeto gráfico Editoração	JONATAS BELAN	
Capa	GUTHER FAGGION JONATAS BELAN	
Revisão	JOÃO GUIMARÃES	
Fotografia	FÁBIO MEDEIROS	
Imagens	JAMIL FOTO E VÍDEO PAULO UI LUIS SALATINE	FOTO CENTRAL SILVIA CAMPOS ACERVO DA FAMÍLIA GARMS
Depoimentos	LUIZ ANTÔNIO FLEURY FILHO ALOYSIO NUNES FERREIRA ALDO REBELO XICO GRAZIANO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME EDSON APARECIDO DAVID PAMPLONA CÉLIO R. SIQUEIRA ONÓRIO ANHESIM WILLIAN NICOLAU	JOAQUIM CARLOS CAMBRAIA SILVIO SALUM VIVALDO FRANCISCHETTI EDSON JOSÉ ESTEVES RIBEIRO RENATA MARIA REGAZZINI MATIOLI OLIVEIRA DENIS MENDES DE MORAES GILBERTO PERNICA MARIA LUÍSA TALACHIA DALVA APARECIDA DO RIO GONÇALVES
Impressão	PANCROM INDÚSTRIA GRÁFICA	

Formato	21 × 28 cm
Número de páginas	256
Papel	COUCHÉ FOSCO 150 g/m ² (revestimento luva) SAPHIR 21753 142 g/m ² (revestimento capa dura) PAPELÃO SL No. 15 1394 g/m ² (capa dura e luva) PAPEL METÁLICO MAJORCA LINEAR 250 g/m ² (guardas) COUCHÉ FOSCO 170 g/m ² (miolo)
Fontes	MONOTYPE MODERN STD, MONOTYPE GROTESQUE E PLANTIN
Tiragem	1600
Impressão	PANCROM
Data	MAIO DE 2012